

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MÚSICA EM CONTEXTO

Adriel Correia Amâncio

**ENSINO DE BATERIA ONLINE E O USO DAS TDIC:
A VISÃO DOS ESTUDANTES DO CEP-EMB DURANTE O
ENSINO MEDIADO POR TECNOLOGIA**

Brasília

2023

ADRIEL CORREIA AMÂNCIO

**ENSINO DE BATERIA ONLINE E O USO DAS TDIC:
A VISÃO DOS ESTUDANTES DO CEP-EMB DURANTE O
ENSINO MEDIADO POR TECNOLOGIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Música em Contexto do Departamento de Música, Instituto de Artes da Universidade de Brasília para obtenção do grau de Mestre em Música.

Linha de Pesquisa: Processos de Formação em Música

Orientador: Prof. Dr Paulo Roberto Affonso Marins

BRASÍLIA

2023

Ficha catalográfica: elaborada pela BCE

Será impressa no verso da folha de rosto e não deverá ser contada.



Universidade de Brasília
Departamento de Música
Programa de Pós-Graduação Música em Contexto

Dissertação intitulada Ensino de Bateria Online e o uso das TDIC: Um estudo com estudantes do CEP-EMB durante o Ensino Mediado por Tecnologia, de autoria de Adriel Correia Amâncio, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Paulo Roberto Affonso Marins
Universidade de Brasília

Prof.^a Dr.^a. Francine Kemmer Cernev
Universidade de Brasília

Prof. Dr. Érico Oliveira Fonseca
Universidade Federal de Ouro Preto

Prof.^a Dr.^a. Delmary Vasconcelos de Abreu
Universidade de Brasília

Data de aprovação: Brasília, 19 de junho de 2023

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, primeiramente ao meu Deus, que me levou além do que eu esperava. Pois tinha como sonho estudar na Universidade de Brasília, e não apenas terminei minha licenciatura como agora concluo um mestrado. A Ele toda honra e glória, e meus eternos agradecimentos.

Também à minha esposa, Thaís Amâncio, que esteve ao meu lado me apoiando do momento que resolvi fazer minha inscrição e durante toda a árdua jornada, até este grande momento em que concluo esta dissertação. Junto a ela, meus dois preciosos filhos, Lais Amâncio e Gabriel Amâncio, que são o melhor presente que Deus poderia me conceder.

Ofereço este trabalho ainda, a quem sim, se dedicou por toda a minha vida, os seus cuidados, ensinamentos, orações e amor, meus pais Orcélio Amâncio e Eliane Amâncio, meus maiores professores.

Por último, mas não menos importante, faço uma dedicação honrosa ao meu sogro, pai e amigo, a quem sempre irei respeitar e tentar honrar em meus dias de vida. Sei que o senhor gostaria muito de ver essa conquista, mas sei que está muito melhor que cada um de nós ao lado de Deus. A ti Inocêncio José de Almeida (in memória), meu muito obrigado.

AGRADECIMENTOS

Sempre a Deus e a todos a quem dediquei este trabalho, mas tenho que honrar a todos aqueles que me orientaram e me ajudaram nesta trajetória. Meu muito obrigado ao meu professor, orientador do TCC e do mestrado, Dr. Paulo Marins, a quem declaro minha admiração por seu trabalho. Agradeço imensamente à minha querida e incansável professora e coordenadora do PPGMus da UnB, Dr^a Delmary Abreu, que se dedica dia e noite para fazer essa imensa máquina andar.

Meus agradecimentos a todos os professores do curso de Mestrado e da Licenciatura em Música da UnB, em especial à professora Dr^a Francine Cernev, que tive a honra de tê-la em minha banca. À professora Dr^a Simone Lacorte e ao professor Me. Ataíde Mattos que me motivaram e apoiaram na continuidade da minha licenciatura. Ao professor e grande percussionista Dr. Antenor Ferreira, que mudou minha forma de ver a bateria e a leitura rítmica, o que me ajudou a escrever 6 (seis) métodos de bateria. Meu muito obrigado também a todos os demais funcionários do departamento de música.

Gostaria de registrar também um agradecimento especial ao professor Dr. Érico Oliveira Fonseca, pela disponibilidade em participar de nossa banca e contribuir com seus conhecimentos, neste momento tão importante de nossa trajetória acadêmica.

Gostaria de registrar meu agradecimento ao meu professor da Escola de Música de Brasília e grande baterista, o Me. Patrício Lavenère (Ticho), por todos os ensinamentos, conversas e ajuda na construção deste trabalho.

Muito obrigado a todos os meus familiares e amigos, que sempre me apoiam em minhas jornadas e conquistas.

Finalizando meus agradecimentos, faço menção à Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF)¹ pela bolsa de estudos a mim ofertada, a qual me deu subsídio para execução e conclusão de minha pesquisa.

Deus abençoe e retribua a todos pelo carinho.

¹ Aluno de Pós-Graduação em Música, do Departamento de Música da UnB, bolsista da FAPDF.

“O coração do sábio adquire o conhecimento,
e o ouvido dos sábios busca a sabedoria”;

Provérbios 18.15

RESUMO

O presente trabalho nasce em um período de instabilidade e mudanças dentro do processo de ensino, a partir da mudança repentina do modelo de aulas presenciais, em um estilo de ensino mediado por tecnologia. Buscamos trazer uma reflexão sobre como se deu o processo de mudança e como funcionaram as aulas de bateria durante este período, tendendo nosso trabalho na visão dos alunos, sobre a utilização das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC). O objetivo principal é observar como as TDIC foram utilizadas nas aulas de bateria, no Lócus de pesquisa, o Centro de Educação Profissional – Escola de Música de Brasília (CEP-EMB). O trabalho se dá através de um estudo de entrevista, onde foram ouvidos três alunos de diferentes momentos da escola, sendo um aluno que estudou todo o seu curso de forma presencial e concluiu com uma formatura online; o segundo, um aluno que começou de forma presencial e migrou para o ensino online; por fim, o terceiro e último aluno, começou o seu curso já de forma online. Os alunos participaram de uma entrevista semiestruturada onde apontaram mudanças na estrutura física da escola, a importância das TDIC em seu aprendizado como complemento, e uma preferência pelo ensino presencial.

Palavras-chave: Ensino de bateria online; TDIC; Visão dos alunos.

ABSTRACT

This thesis was written when the teaching process had been going through an unstable and changing period, having a starting point from the sudden change of the on-site classes procedures into a teaching approach mediated by technology. We seek to bring a reflection about how the changing process happened and how the drum set classes worked out during this period, focusing our work on the students' perspective about the use of digital information and communication technologies (DTIC). The main goal is to observe how the DTIC were applied in the drumset classes at the research site, the Center for Professional Education - Brasília Music School (CEP-EMB). The work was done through an interview study, where three students from different moments of the school were heard. The first interviewee was a student who studied his entire course in an on-site class procedure and concluded it with an online graduation; the second one was a student who started in an on-site class procedure and migrated it to online classes, and the third and last student, has started his course already online. The students participated in a semi-structured interview where they pointed out changes in the School's physical structure, the importance of DTIC in their learning (but as a complement) and a preference for on-site teaching.

Keywords: Online drum teaching; ICT; Students' view.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Bateria Acústica.....	38
Figura 2: Bateria Eletrônica	40
Figura 3: Bateria Eletrônica TD-27KV.....	54
Figura 4: Objetivo Geral e Específico do CEP-EMB	69

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Relação de IES e respectivos cursos que contemplam bateria.....	43
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Quantitativo de produções encontradas com as palavras chave, nos descritores.....	32
Quadro 2: Produções utilizadas como apoio a este trabalho, organizados em ordem cronológica.....	33
Quadro 3: Trabalhos encontrados sobre a Visão do Aluno.....	58
Quadro 4: Informações e pré-requisitos para a avaliação de ingresso no curso Básico	66
Quadro 5: Informações e pré-requisitos para a avaliação de ingresso no curso Técnico	68
Quadro 6: Etapas da prova de seleção para ingresso no CEP-EMB.....	70
Quadro 7: Conteúdo programático do FIC em Instrumento Musical - Bateria.....	72
Quadro 8: Conteúdo programático do Curso Técnico de Nível Médio de Técnico em Instrumento Musical - Bateria	73

LISTA DE ABREVIATURAS

FAP-DF	–	Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal
ABEM	–	Associação Brasileira de Educação Musical
CAPES	–	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEDF	–	Conselho de Educação do DF
CEP-EMB	–	Centro de Educação Profissional – Escola de Música de Brasília
EaD	–	Ensino a Distância
ERE	–	Ensino Remoto Emergencial
FAMES	–	Faculdade de Música do Espírito Santo Maurício de Oliveira
FAMOSP	–	Faculdade Mozarteum de São Paulo
FASM	–	Faculdade Santa Marcelina
FIC	–	Formação Inicial e Continuada
FMSL	–	Faculdade de Música Souza Lima
IES	–	Instituições de Ensino Superior
IFCE	–	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
IFPE	–	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco
MEC	–	Ministério da Educação
OLC	–	Online Learning Consortium
RCNEPTNM	–	Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Profissional de Nível Técnico para Área de Artes
SEEDF	–	Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal
UAB - UFSCAR	–	Universidade Aberta do Brasil – Universidade Federal de São Carlos
UFBA	–	Universidade Federal da Bahia
UFC	–	Universidade Federal do Ceará
UFES	–	Universidade Federal do Espírito Santo
UFG	–	Universidade Federal de Goiás
UFMA	–	Universidade Federal do Maranhão
UFMG	–	Universidade Federal de Minas Gerais
UFMS	–	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UPF	–	Universidade de Passo Fundo

UFPB	–	Universidade Federal da Paraíba
UFPEL	–	Universidade Federal de Pelotas
UFSCAR	–	Universidade Federal de São Carlos
UFU	–	Universidade Federal de Uberlândia
UnB	–	Universidade de Brasília
UNICAMP	–	Universidade Estadual de Campinas
UNIITALO	–	Centro Universitário Ítalo Brasileiro
UNINCOR	–	Universidade Vale do Rio Verde
UNIVALI	–	Universidade do Vale do Itajaí

Sumário

De dó a dó	16
1 Introdução.....	20
1.1 Interesse pelo Tema	25
1.2 Objetivos Geral e Especificos	29
2 A Literatura	31
2.1 A Bateria	36
2.2 Ensino de Bateria	40
2.3 As Tecnologias no Ensino do Instrumento Bateria.....	46
2.4 Aprendizagem - Visão do Aluno no Ensino de Instrumento	57
3 Metodologia.....	61
3.1 Entrevista Semiestruturada.....	62
3.2 Locus da Pesquisa	64
4 Apresentação e Discussão dos Dados	74
4.1 As aulas antes do EMT	76
4.2 Aa aulas durante o EMT e as TDIC utilizadas	79
4.3 O auxílio das TDIC	83
4.4 As aulas de bateria hoje no CEP-EMB	89
4.5 TDIC e a visão do aluno.....	91
4.6 Novos questionamentos.....	95
5 Considerações Finais	97
Referências.....	104
Anexo A – Objetivos CEP-EMB	110
Anexo B – Currículo Qualificação Profissional CEP-EMB	113
Anexo C – Currículo Técnico em Bateria CEP-EMB	115
Anexo D – Roteiro de Entrevista	116
Anexo E – Termo de Consentimento	117

De dó a dó

A música, assim como a vida, é feita de etapas que são construídas, passadas e até as que ficam para trás. Para começar esse trabalho, eu gostaria de contar um pouco de quem sou, de como cheguei aqui e de quais as próximas oitavas que esperamos alcançar.

Não sei se consigo descrever se eu escolhi a bateria ou se ela me escolheu, mas o que posso dizer, é que ela já me acompanha há mais de 20 (vinte) anos. Por esse motivo é que resolvi, dentre tantos instrumentos, produzir o meu trabalho de pesquisa em música, mas debruçando-me na vivência pessoal que tenho com esse instrumento, e assim tentando trazer de forma produtiva conhecimento que agregue em nossos estudos sobre a música.

Comecei minha trajetória de estudos da música com 16 (dezesesseis) anos, numa escola especializada em bateria que começou em Brasília e hoje já tem sua franquias espalhada por várias cidades da Europa, América do Sul e do Norte. Lá passei apenas 6 (seis) meses, depois fui estudar em casa com um professor particular. Seguindo os estudos passei por outros professores e mais duas escolas privadas de música, mas como aos 19 (dezenove) anos entrei na Universidade para cursar Educação Física, tive de parar de fazer aula de música e fiquei apenas me apresentando. Mas foi no segundo semestre de 2013 que resolvi voltar a estudar e tentar a prova para o curso básico em bateria no Centro de Educação Profissionalizante – Escola de Música de Brasília (CEP-EMB)². Fui então aprovado nessa prova e iniciei meus estudos no CEP-EMB. Concluí o curso em 3 (três) anos como sugerido pelo currículo, e no segundo semestre de 2016, logo após terminar o básico, fiz a prova para o curso técnico em bateria na mesma instituição. Curso esse que só tinha uma vaga para o turno matutino, e foi a vaga que conquistei e cursei por mais 3 (três) anos e 1/2 (meio). Esse curso era previsto para durar 8 (oito) semestres, mas em meio à formação no CEP-EMB, no primeiro semestre de 2015 eu fui aprovado em 5º (quinto) lugar geral no vestibular de licenciatura em música da Universidade de Brasília, Lá concluí a licenciatura em 4 (quatro) anos e 1/2 (meio), o que me credenciou a fazer uma espécie de nivelamento no CEP-EMB, que seria um aproveitamento de disciplinas já cursadas na universidade e que teriam equivalência no curso técnico. Isso me permitiu terminar tal curso 1 (um) semestre antes do tempo previsto em currículo.

² É uma escola da rede pública do Distrito Federal, que conta com aulas especializadas em diversas áreas da música, dentre elas, aulas do instrumento bateria.

Na Universidade de Brasília escrevi meu trabalho de conclusão de curso com o tema “Ensino de Música a Distância: observação de aulas de bateria online, utilizando o guia da Online Learning Consortium (OLC)”. O trabalho teve como objetivo observar fatores que possam auxiliar um professor de bateria no desenvolvimento de um curso de bateria não formal a distância. Para isso foi utilizado um questionário da Online Learning Consortium (OLC) aplicado no curso de bateria a distância do baterista Alexandre Fininho. O questionário era composto por seis tópicos e tinha o intuito de avaliar e credenciar novos cursos na modalidade EaD. Em relação ao curso avaliado, ele era online, a distância, e as aulas eram gravadas e enviadas para o aluno por WhatsApp ou por e-mail. Nesse trabalho observei o funcionamento do curso, baseando-me na aplicação das perguntas do questionário da OLC, e o intuito de entender um pouco mais sobre as qualidades específicas e necessárias de um curso a distância e como esses fatores poderiam auxiliar como possível modelo na elaboração desses cursos.

Segundo informações contidas em seu endereço eletrônico <https://onlinelearningconsortium.org/>, a Online Learning Consortium (OLC), começou como Sloan Consortium (Sloan-C) em 1999 e em 2014 se torna uma organização mundial autossustentável e muda sua marca para Online Learning Consortium (OLC). Afirmam que eles têm sido a principal sociedade de aprendizado online profissional dedicada ao avanço da e-Educação de qualidade no *mainstream* por meio de sua comunidade e tem como missão criar grupos e conhecimento em torno do aprendizado online, misto e digital de excelência enquanto impulsiona a inovação.

Com a apresentação deste trabalho, conclui a minha licenciatura em música na UnB, e após 2 (dois) semestres da conclusão do curso tive a grata satisfação de ser aprovado para fazer o mestrado em música na linha de pesquisa “Processos de Formação em Música” na própria Universidade de Brasília, mais especificamente no grupo de pesquisa intitulado “Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação nos Processos de Formação em Música”.

Além dessas formações na área musical, tenho também uma primeira formação em nível de graduação em Educação Física, concluída em 2008.

Hoje escrevo essa dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Música em contexto do Departamento de Música, Instituto de Artes da Universidade de Brasília para obtenção do grau de Mestre em Música.

Essa é minha trajetória como estudante de música até o presente momento.

Como professor, eu comecei a dar aulas apenas 1 (um) mês após eu ter começado a estudar, pois ao haver a procura por estas aulas, eu acreditava estar sempre uma “página” a frente do meu aluno. Com isso dei início às minhas atividades como professor de bateria. Já no segundo semestre da educação física, eu comecei a estagiar, e foi quando parei de fazer aula do meu instrumento, mas parei também de lecionar bateria e permaneci apenas realizando performances musicais. Somente em 2013 quando entrei no CEP-EMB, voltei a dar aulas de bateria e resolvi então montar uma sala para que eu pudesse ministrá-las, agora de forma mais organizada. Em 2016 comecei a dar aula na escola de bateria onde iniciei meus estudos, mas lá fiquei apenas 1 (um) ano e optei por me dedicar totalmente ao meu instituto, onde atualmente dou aula de bateria, cajon, violão para iniciantes, teclado para iniciantes e musicalização infantil. Assim venho me alternando na atuação como professor e como músico profissional em performances artísticas. Tive a oportunidade também de atuar como gestor da escola e assim, coordenar os demais professores que lá atuam e ainda as atividades pedagógicas. Como professor, tive ainda a oportunidade de trabalhar em 2 (dois) projetos sociais na cidade satélite de São Sebastião – DF, onde também pude atuar como coordenador e apenas como professor, em outro projeto, só que na cidade satélite Núcleo Bandeirante – DF.

Na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), já atuei como professor temporário de Educação Física do SEEDF por alguns anos, e tive também a oportunidade de atuar como professor de Artes/Música por 4 meses.

Atuando como músico tive a oportunidade de tocar com vários músicos e alguns artistas com carreira nacional e internacional, seja participando em gravações ou shows ao vivo.

Atualmente conto com a publicação de 3 (três) artigos acadêmicos em anais de evento científico, além de 1 (um) método de bateria escrito em 6 (seis) volumes e que utilizo em minhas aulas, mas também para comercialização.

Esse é um breve relato das minhas experiências vividas até o momento na área acadêmica e profissional. Essa reflexão me fez pensar sobre meu “eu” pesquisador e educador atual, me auxiliando nas buscas incessantes de absorção de conhecimento. Ademais, me permitiu uma atualização diária ou constante para uma possível aplicação em meu contexto de ensino e aprendizagem. Com essa busca observei, em minhas necessidades, um número maior de trabalhos sobre o ensino, daí a vontade de olhar e estudar sobre o aluno que recebe este ensino. Com as diversas experiências vividas, e aqui falamos especificamente das relacionadas a música, me surgiu a vontade de pesquisar sobre o tema e visualizar como essas ferramentas

têm sido recebidas pelos alunos em suas aulas de bateria e se eles conseguem notar melhora em seu desenvolvimento musical a partir das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC).

1 Introdução

Meu interesse sobre esse tema de pesquisa vem desde antes da escrita do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na Licenciatura em Música, quando alguns alunos e outras pessoas me procuraram perguntando se eu dava aulas de bateria online. Na época eu só oferecia aulas presenciais e não utilizava as TDIC de forma a favorecer minhas aulas. TDIC que segundo Marins (2022 apud BELLONI, 2015), são as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, e que são representadas pela união de 3 (três) elementos que segundo eles são chamados de “entidades técnicas”, e são elas: a informática, as telecomunicações e as mídias eletrônicas. Como era sempre inquirido por um número considerável de pessoas, resolvi estudar como eu poderia então ministrar essas aulas utilizando a internet como meio de ligação com alunos de Brasília e de outras cidades. Foi aí que no primeiro semestre de 2018, cursei a matéria de Educação a Distância na Universidade de Brasília ministrada pelo professor Dr. Tel Amiel no Departamento de Educação. No mesmo período procurei o auxílio do professor Dr. Paulo Marins no Departamento de Música, ele que, à época, era coordenador de um curso de pós-graduação na modalidade a distância, e foi também coordenador do curso de licenciatura em música EaD no mesmo departamento. Com isso, escrevi meu trabalho de conclusão de curso sobre o Ensino a Distância, mais especificamente sobre um curso de bateria online. Com a oportunidade de cursar o mestrado em música, busquei continuar meus estudos sobre o ensino de bateria online, mas com o advento da pandemia de SARS-COVID19 e o consequente impedimento das aulas presenciais, resolvi observar a utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação Digitais (TDIC) na ministração das aulas de bateria que passaram a acontecer de forma online. Sendo assim, escolhi como lócus de pesquisa o Centro de Educação Profissional Escola de Música de Brasília (CEP-EMB), por já ter sido aluno da escola e por ela ser uma escola da rede pública do Distrito Federal e ser considerada referência no ensino de instrumento. Com o tema escolhido, assim como o local de pesquisa, surgiu o interesse de observar essas aulas na visão dos alunos do curso de bateria, e ouvir deles quais eram as suas visões sobre a utilização dessas tecnologias e como se deu esse processo, e daí escrever a minha dissertação.

Mas por que essa pesquisa é importante? Por que observar a visão do aluno e não a do professor?

Esses são questionamentos que podem surgir ao leitor deste trabalho, mas que também foram questões de dúvidas e motivação para a escrita dessa dissertação. Primeiramente, em resposta à primeira indagação, o intuito inicial é de poder agregar no processo de pesquisa em música e trazer elementos e respostas que possam auxiliar professores e alunos interessados em Educação Musical. Partindo desse ponto, buscamos na literatura as nossas respostas e começamos a observar uma quantidade maior de trabalhos que focam no ensino. Esses contavam como são as aulas de instrumentos, e em relação ao tema proposto pelos autores, como eles fizeram para resolver as problemáticas apresentadas em seus objetivos de pesquisa. Encontramos apenas uma quantidade menor de trabalhos que focassem a aprendizagem dos alunos. Por isso desejamos, de alguma forma, trazer dados e voz a esses alunos, tornando-os parte do processo de ensino/aprendizagem.

Kubo e Botomé (2001) trazem o conceito de “ensino” e “aprendizagem” como referência aos processos “ensinar” e “aprender”, onde colocam que dificilmente fica claro que as palavras se referem a um “processo” e não a “coisas estáticas” ou fixas, e que não se pode visualizá-los como dois processos independentes ou separados. Para os autores, as respostas tradicionais como definições do dicionário, são meras sinonímias e não satisfazem ao que realmente significam as palavras. Em relação a esses relatos é que nos interessamos em ouvir a voz do aluno, e observar sua visão sobre o assunto.

Glaser & Fonterrada (2006), afirmam em relação ao ensino, neste caso mais especificamente sobre o ensino de piano erudito, que alguns professores mesmo que digam se preocupar com o aluno, ainda adotam modelos tradicionais de ensino, que têm por base o controle de tudo que o aluno faz e valorizam a sua submissão a regras impostas pelo professor, consideradas “tradicionais”. Segundo os referidos autores, é necessária uma valorização maior dos alunos, incentivando-os a contribuir ao processo de ensino/aprendizagem, de forma mais pessoal.

Em um estudo sobre a utilização de aplicativos para tablets, Duarte e Marins (2015 apud SUN, 2008), apontam que a utilização de aparelhos eletrônicos e a internet para a realização de tarefas diárias é uma realidade e que tem gerado grandes mudanças no comportamento humano.

Cota (2016) cita em seu trabalho que as TDIC vêm sendo utilizadas em contexto educacional há décadas e que tais instrumentos estão em atualização constante. Segundo este

autor, *softwares*³ usados para aprender música sempre estiveram presentes no desenvolvimento da educação. O autor escreve ainda que nos dias atuais qualquer ferramenta criada pensando-se na educação musical deve ser pensada para que se compartilhe e acesse informação por meio da internet, mesmo que seja para grupos limitados de usuários convidados. Em relação aos *softwares*, Cota (2016 apud GOUZOUASIS; BAKAN, 2011, p. 3) afirma que tanto a música quanto a educação musical sofrem grande influência desses programas devido às suas diversas funções, dentre elas, ferramentas para a musicalização, jogos musicais, mecanismos úteis para músicos profissionais e instrumentos virtuais. Segundo os autores, esses aplicativos estão ocasionando transformações consideráveis em relação à forma como as pessoas se comunicam, consomem e interagem com a arte.

Sobre o ensino online, Gohn (2017) elucida na introdução de sua escrita que essas aulas aparecem, em alguns casos, apenas como acesso a vídeos produzidos como material didático e sem interação entre professores e alunos, mas que atualmente tornou-se comum as aulas síncronas, em tempo real. Para execução de tal processo, o autor mencionado ressalta a utilização de tecnologias que apoiam esse processo de ensino e assim corrobora com esta pesquisa sobre a utilização das TDIC no ensino/aprendizado da bateria. Também sobre o ensino de instrumento online, Moreira, Júnior e Angelo (2020), colocam que nos últimos anos observaram um aumento no interesse dos alunos pelo conhecimento musical oferecido na internet e por recursos com interação com a tecnologia oferecida.

Pensando-se no período pandêmico, Gohn (2020b⁴) propõe um artigo sobre aulas online de instrumento musical, trazendo uma diferenciação entre o ERE e a EaD, em um estudo aplicado na UFSCar, onde o autor fala sobre um novo paradigma, onde as tecnologias oferecem elementos específicos para as aulas online de bateria, na superação das dificuldades durante e pós esse período.

Coqueiro e Sousa (2021) abordaram o assunto da Educação a Distância (EaD) e do Ensino Remoto Emergencial (ERE) em tempos de pandemia da COVID 19, ressaltando o período em que as instituições de educação básica e superior foram impossibilitadas de trabalhar de forma presencial. Os autores trouxeram um debate sobre as características e

³ É um serviço computacional utilizado para realizar ações nos sistemas de computadores. Ou seja: Um software é todo programa presente nos diversos dispositivos.

⁴ O autor produziu no ano de 2020, dois artigos utilizados nesta dissertação. Utilizamos assim “a” e “b” para diferenciá-los, colocando-os em ordem alfabética.

legislação da EaD e do ERE e de suas possibilidades digitais da informação e comunicação (TDIC), dos aplicativos online e ainda a respeito dos problemas enfrentados pelos estudantes. O trabalho se deu a partir de uma revisão bibliográfica e análise documental, e encontrou como resultado que a EaD e o ERE podem ser usados no serviço educativo em todos os níveis de ensino, mas que se faz necessário o desenvolvimento de políticas públicas que universalizem o acesso à internet aos estudantes das instituições públicas e formação docente sobre o uso das TDIC e aplicativos online.

As autoras Nascimento e Batista (2021) trazem um artigo sobre o ensino de música na educação básica e dentro do contexto do ERE, com o objetivo de descrever o planejamento, a prática e a avaliação na educação musical. Suas aplicações ocorreram em uma turma do 5º (quinto) ano do ensino fundamental em uma escola particular em Natal/RN. Esse trabalho nos auxiliou ao falarmos sobre o ERE e nos trouxe um comparativo entre as principais diferenças entre o EaD e as atividades educacionais remotas. Apoiando-se nas tecnologias durante o ensino, as autoras concluem a necessidade de o professor estar em constante procura de novas tecnologias para suas aulas, ressaltando a importância da reinvenção em suas práticas.

A leitura de variados assuntos vem ao encontro de nossa tentativa de dar voz ao aluno e observar a utilização das TDIC na visão dos mesmos. Pretendemos de forma indireta gerar ferramentas que possam auxiliar os professores do campo musical em suas aulas. Acredita-se que esses alunos possam apontar pontos positivos e negativos em suas aprendizagens musicais, facilitando a compreensão dos professores no caminho do ensino de instrumento.

Desta forma buscamos, nas aulas de bateria do CEP-EMB, por meio da visão dos alunos, observar como ocorreu o ensino da bateria online durante as mudanças ocorridas com o advento da Sars-Covid-19 e como esses alunos perceberam a utilização das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) nessas aulas.

Com tudo, esperamos poder tentar reunir propostas e estratégias que de certa forma contribuam com os professores no que concerne ao ensino de bateria online. No caso do lócus desta pesquisa (rede pública de ensino do Distrito Federal), tal modalidade, durante o seu período de utilização, era chamada de EMT (Ensino Mediado por Tecnologia) e tal nomenclatura é trazida por Márcia Afonso e Rossana Gasparini Ascom/SEEDF (2020) no site oficial da SEEDF em seu endereço <https://www.educacao.df.gov.br/conselho-de-educacao-do-df-aprova-educacao-mediada-por-tecnologia/>. É importante ressaltar que no momento atual da escrita desta dissertação, as aulas na CEP-EMB estão ocorrendo de forma presencial, mas o

intuito da pesquisa é observar como foram utilizadas as TDIC no contexto das aulas de bateria online, se houve mudança depois desse período, e como estão sendo utilizadas essas tecnologias hoje em dia durante as aulas. Ressalto que mais informações sobre a Escola de Música de Brasília serão trazidas no subcapítulo 3.2, intitulado “lócus de pesquisa”.

Na busca de resposta para essas perguntas, tentamos vislumbrar como as TDIC têm auxiliado nas aulas de bateria, buscando compreender de que forma a educação musical passa por atualizações concernente às mudanças que vivemos cotidianamente quando olhamos para evoluções em aparelhos como televisores, geladeiras, carros e serviços como de bancos, lojas, entre outros, e que utilizamos diariamente. Como professor, posso acompanhar em sala a modernização constante de meus alunos e uma cobrança, ainda que as vezes de forma indireta, para que também eu, ou minhas aulas, se tornem mais tecnológicas ou que eu possa me apossar das tecnologias e ofereça aos alunos experiências musicais por meio de aplicativos em seus telefones móveis. Como exemplo, esta semana fui abordado por uma mãe para que eu pudesse avaliar um aplicativo de celular, voltado ao ensino de violão, para saber se era interessante e se de alguma forma poderia ajudar no aprendizado musical de sua filha e de forma mais lúdica ela ter novos exercícios para treinar em casa. São tais questionamentos que nos motivam a fomentar esta área de pesquisa, buscando respostas que possam auxiliar, se pensarmos em relação ao ensino. Sobre esta motivação na busca sobre o assunto das TDIC associadas ao ensino da bateria, é na visão de como os alunos receberam essas aulas, de forma a buscar entender como tais tecnologias têm agregado em seus estudos, e como eles enquanto alunos, aprenderam com essas ferramentas.

Com isso, a estruturação ou organização desta dissertação se dará de forma que encontraremos no capítulo 1 a introdução deste trabalho, seguido do interesse pelo tema, juntamente com os objetivos geral e específicos. No capítulo 2, o que intitulamos como a literatura, ou seja, a escrita dialogando com as bibliografias utilizadas, assim gerando subtópicos sobre a bateria, o ensino de bateria, as tecnologias no ensino do instrumento bateria e a aprendizagem com o foco na visão do aluno no ensino de instrumento. No capítulo 3 discorreremos a metodologia da pesquisa, e sobre os fundamentos da entrevista semiestruturada e, também, sobre o Lócus da pesquisa. O capítulo 4 foi confeccionado com a apresentação e discussão dos dados, divididas em subtópicos sobre as aulas do EMT, as aulas durante o EMT e as TDIC utilizadas, o auxílio das TDIC, as aulas de bateria hoje no CEP-EMB, TDIC e a visão do aluno e alguns novos questionamentos. O quinto e último capítulo contém as considerações

finais onde dialogamos com os resultados e concluímos a nossa pesquisa, entendendo que se faz necessário encerrá-la, mas que nos deixa opções para novos diálogos e resultados a serem pesquisados.

1.1 Interesse pelo Tema

O interesse pelo tema vem primeiramente da complementação do meu trabalho de conclusão de curso na Universidade de Brasília, que abordou a “observação de aulas de bateria online, utilizando o guia da Online Learning Consortium” de Amâncio (2018), onde através da utilização do questionário da OLC, avalei um curso online de bateria.

Gohn (2020b) fala sobre o ensino de bateria online durante a pandemia, e ressalta que nessa modalidade, nas aulas de instrumentos musicais, faz-se necessário não somente pedagogias apropriadas, mas também é preciso se preocupar com a qualidade das comunicações, para segundo ele, minimizar problemas e garantir o aprendizado planejado. Gohn (2020b) traz ainda que a emergência revelou muitas questões sociais e territoriais e comenta que nem todos os professores e alunos vivem em regiões com internet de boa velocidade, e não contam com acesso aos equipamentos necessários, o que para o autor, provoca desafios tecnológicos e socioeconômicos.

Apesar de tais dificuldades apontadas, por outro lado a utilização das TDIC e as aulas online podem, de certa forma, levar o aprendizado para estudantes que se encontram em locais distintos, como aponta Coqueiro e Sousa (2021). Sobre esse fato, coloco como experiência a seleção que participei para ingresso no mestrado em música na Universidade de Brasília (UnB) em 2020, a qual foi a primeira no formato totalmente online devido à pandemia, o que oportunizou que alunos de outros estados e até mesmo fora do Brasil, tivessem mais facilidade em concorrer e cursar o mestrado, por não terem que se deslocar para participarem do processo seletivo e tampouco das aulas que ocorreram de forma online, não gerando também gastos com o processo seletivo, para os classificados e principalmente para os que concorreram mas que por hora não foram aprovados nesse processo em específico. Esse fato corrobora ao que Gohn (2009) falou sobre as dificuldades em relação às questões sociais e territoriais, onde devido a esses fatores, creio que o processo ocorrer de forma online deu a oportunidade que mais candidatos pudessem concorrer às vagas abertas pela universidade.

Em relação à utilização das TDIC na aprendizagem da bateria, Sousa (2021) encontra como resultado de sua pesquisa, a qual fez uma revisão nos anais dos congressos nacionais da ABEM, realizada em 2019, constatou que não há um quantitativo grande de publicações sobre os processos que envolvam o ensino e a aprendizagem do instrumento bateria na modalidade à distância, e aponta uma lacuna a ser preenchida, mas acredita que, após este período pós pandemia, surgirão novos trabalhos com essa linha de pesquisa, fomentando assim essa subárea da Educação Musical ainda pouco explorada, segundo resultados mostrados em sua pesquisa.

Algumas TDIC utilizadas nas aulas de bateria são citadas por Gohn (2020b), mas o autor diz que em forma mais simples, as aulas acontecem apenas com professor e aluno ligando seus aparelhos, sejam celulares, computadores ou similares, e se conectando à internet, utilizando *softwares* como *Skype*⁵.

Aproveitando o atual momento de transição ou complementação em que escolas de música ou até mesmo professores particulares têm passado devido ao chamado Ensino Remoto Emergencial (ERE), que segundo Coqueiro e Sousa (2021), nasceu com a pandemia no ano de 2020 no intuito de se dar prosseguimento das atividades educacionais dantes interrompidas, em seu modo operante presencial. Dessa maneira surgiu então a motivação de se pesquisar sobre: Que ferramentas tecnológicas ou modelos de aulas parecem ser mais apropriadas para o ensino da bateria? Como essas ferramentas têm sido recebidas por aqueles que estudam o instrumento?

Nesse panorama, buscamos a partir das palavras chaves “ensino de bateria”, “TDIC” e “visão do aluno”, a base literária para esta dissertação, e neste primeiro momento podemos trazer como breve relato que, sobre o ensino da bateria, Nascimento (2022 apud BASTOS, 2010), sobre a inserção desse instrumento no ensino formal no Brasil, se deu a partir de 1980. Em relação às TDIC, Gohn (2020) relata que no século XXI houve um crescente na utilização de recursos de videoconferência através de *softwares* como *Google Meet*⁶ e *Zoom*⁷, mas ressalta que esses programas foram feitos para comunicação de voz falada, não para o trabalho com música. Assim, buscamos observar como tem ocorrido o aprendizado dos alunos,

⁵ Skype é um software proprietário de mensagens e videoconferência, criado por Janus Friis e Niklas Zennstrom. O Skype está disponível em várias plataformas incluindo computadores, smartphones, tablets e consoles de videogame, e é operado pela Skype Technologies, uma divisão da Microsoft.

⁶ É uma solução do Google que permite aos profissionais fazerem reuniões online, tanto pelo computador quanto por dispositivos móveis.

⁷ É uma ferramenta, entre outras de vídeo chamada, que pretende solucionar os problemas de pessoas, empresas, escolas e grupos que desejam encontrar uma forma remota de comunicação em tempo real que seja tão ou mais eficiente que as reuniões presenciais.

especificamente no lócus da pesquisa, através da utilização desses *softwares* e também de outros que possam estar sendo utilizados pelos professores desses alunos. Com isso, fizemos uma busca sobre o que os autores falam em relação à visão do aluno. Sobre esse tema, Medeiros (2020 apud BRAGA, 2009) destaca a importância de o aluno ser ouvido dentro do processo de aprendizagem, trazendo assim a necessidade da compreensão do que seja a visão do aluno nesse contexto educacional.

O intuito da pesquisa não é verificar o impacto da Sars-Covid-19 no ensino da bateria, e sim verificar o uso das tecnologias na aprendizagem musical desses alunos, mas não podemos deixar de observar que com o fechamento físico das instituições de ensino, houve o aumento do uso dos computadores e similares ou até a necessidade da utilização de algumas tecnologias que iremos pesquisar neste trabalho, por instituições que não utilizavam tais tecnologias em sua rotina de ensino. O fato é que, antes da pandemia, o CEP-EMB utilizava o ensino presencial, e, durante a pandemia, fez-se necessário o ensino mediado por tecnologia, e agora após a liberação das aulas presenciais por parte do Governo do Distrito Federal, as aulas voltaram no referido formato na rede pública de ensino no DF. Mas com esta pesquisa, poderemos perscrutar se antes desse processo de mudança já eram utilizadas as TDIC ou até mesmo se no atual modelo de ensino, elas continuam sendo empregadas de alguma forma nas aulas de bateria da escola e, principalmente, como se deu esse processo e a utilização de tais tecnologias durante as aulas. Pretendemos obter tais respostas por meio de entrevistas semiestruturadas com os alunos que cursam ou cursaram bateria no CEP-EMB. Assim, pretende-se com esse estudo poder trazer o olhar do aluno, comparando suas experiências vividas no ensino online, ou mais especificamente o EMT, com 3 (três) alunos do CEP-EMB sendo o primeiro um estudante do curso presencial e que concluiu com um recital de formatura online; o segundo, que começou seu curso de forma presencial e durante a pandemia cursou de forma virtual e o terceiro que já começou estudando no formato online, e assim observar como essas tecnologias têm sido abordadas nesses contextos de ensino e como seus alunos têm vivenciado essas experiências. Não temos como intenção avaliar ou observar as diferenças entre distintas modalidades de ensino, apenas pretendemos observar quais foram as experiências pessoais de cada aluno em passarem por tais momentos diferentes durante sua formação dentro da instituição de ensino citada como lócus de nossa pesquisa.

Com tais afirmações podemos perceber que o ensino passa constantemente por atualizações, mas assim também a forma da aprendizagem, mas vejo com isso que os alunos se

atualizam constantemente a seu tempo e suas necessidades de aprendizagem são modificadas conforme há o avanço das tecnologias e de novas necessidades de mercado. O que é percebido em literaturas pesquisadas, mesmo em publicações anteriores a este trabalho, mas observa-se que a evolução é busca constante em pesquisas acadêmicas sobre o ensino/aprendizagem.

Sobre a relação entre os dois instrumentos, muito me chamou a atenção que, quando se trata de trabalhos escritos sobre a percussão, percebe-se como parte desses, o ensino, seja em aulas do instrumento, de música em geral, utilizando a percussão como complemento ou meio para se chegar em um objetivo dentro de uma aula de música. Observei que normalmente nesse caso fala-se de aula em grupo, já nos trabalhos com foco específico na bateria, observei também em sua maioria falar-se de aulas individuais, e na pesquisa feita nos descritores buscados, encontrei em quantidade menor, trabalhos que tratavam sobre aulas de bateria em grupo. Não encontrei artigos que expliquem o porquê de isso ocorrer, nem se há alguma relação com a origem dos dois instrumentos, já que a percussão se debruçava na execução em conjunto e a bateria já nasce com o intuito à individualidade, sem entrar nos méritos sociais ou históricos da época de sua criação. Fato é que, deixamos aberto a estudos futuros para que possamos observar e buscar respostas sobre essa questão. Lembrando que tal comentário nasce em relação aos trabalhos lidos e utilizados como base nesta dissertação, não podendo eu afirmar que é uma relação sobre todos os outros escritos sobre o assunto. Não pretendo aqui entrar em discussão sobre o assunto, mas ressalto tal informação ou observação, devido ao contexto em que estamos falando, onde a bateria surge da percussão, mas toma alguns caminhos diferentes quando se trata do termo ensino/aprendizagem. Procuraremos apenas pesquisar e observar quais são as TDIC utilizadas para ministração das aulas de bateria online, como essas ferramentas têm sido utilizadas e como esses alunos têm recebido tais mudanças na forma de ensino. Desejamos também poder observar como tais tecnologias ajudam ou auxiliam na aprendizagem da bateria, no caso de nossa pesquisa, e assim dialogar com a literatura para observar tais contextos e apontamentos. Segundo Moreira, De Carvalho Júnior e Angelo (2020), muitos professores de instrumento se encontraram, durante muito tempo, resistentes ao uso de novas tecnologias na Educação Musical. Duarte e Marins (2015), analisaram a problemática envolvendo a questão de tais professores ainda não estarem habituados com o uso dessas tecnologias, que segundo eles, criam uma barreira impeditiva para a introdução de tais elementos em seu trabalho (p. 5). Mesmo assim os autores indicavam em seu artigo que o uso dessas tecnologias seria uma realidade nos processos de ensino/aprendizagem: “há uma forte tendência de que essas

tecnologias sejam cada vez mais utilizadas em sala de aula, e poderá ser inevitável não as utilizar em um determinado momento, a curto ou médio prazo, principalmente devido a sua massificação”. Mas lembramos de que o nosso foco é a visão do aluno, e para isso não iremos entrar nas problemáticas ligadas aos professores, mesmo que essas ou outras questões possam de alguma forma influenciar na forma em que o aluno vê ou recebe tal ensino.

Baseando-se nessas informações e observando as mudanças no âmbito das evoluções tecnológicas é que trazemos este estudo para tentar auxiliar o meio acadêmico tentando de alguma forma trazer conteúdo quando falamos de aprendizagem musical, principalmente em relação ao instrumento bateria, especificamente foco desse estudo.

1.2 Objetivos Geral e Específicos

A formulação do tema e seus objetivos, parte da busca de como se dá a questão da aprendizagem da bateria. Nesse contexto, lendo trabalhos que de alguma forma serviram como base deste estudo, observou-se uma maior quantidade de trabalhos relativos ao ensino, ou seja, sobre como o professor atua e até mesmo sobre demonstração de ferramentas que possam auxiliar professores na construção de suas aulas, mas por outro lado, em relação a estes, uma menor quantidade de trabalhos que visassem o aluno, ou como este observa tais ferramentas. Este estudo propõe atender ao objetivo geral e aos objetivos específicos. Buscaremos, assim, visualizar na visão do aluno como foi sua experiência com as tecnologias implementadas em suas aulas de bateria, quais são essas ferramentas, se elas de alguma forma já haviam sido utilizadas em algum momento de seus estudos ou se foram utilizadas apenas durante o período do EMT, e se ainda hoje são utilizadas.

Pretendemos observar como os professores – especificamente do CEP-EMB, lócus da pesquisa - têm utilizado essas tecnologias em suas aulas, mas não com o intuito de avaliá-las se sua utilização está ocorrendo de forma correta ou não, e nem de como eles se apropriam de tais elementos, mas com o propósito de visualizar a participação do aluno com tais tecnologias, no desenvolvimento de sua aprendizagem. Assim, podendo observar também, se há com a utilização das TDIC limitações que possam dificultar o aprendizado ou a absorção ou até mesmo a chegada desse conteúdo ao aluno.

Sendo assim, os propósitos a serem pesquisados neste trabalho são descritos de forma que, como objetivo geral, buscamos compreender a visão do aluno no que concerne o uso das TDIC no ensino de bateria online, ou mais especificamente no ensino mediado por tecnologias, que ocorreu no CEP-EMB, durante a suspensão das aulas presenciais devido à pandemia no início de 2020. Já os objetivos específicos são na procura de:

- Identificar as TDIC que foram usadas nas aulas de bateria online do CEP-EMB;
- observar, na visão dos alunos, como as TDIC foram utilizadas;
- compreender, na visão dos alunos, como essas tecnologias têm auxiliado no aprendizado do instrumento, no aspecto do ensino da bateria.

2 A Literatura

Para a escrita deste trabalho procuramos produções científicas com a intenção de embasar teoricamente nossa pesquisa da dissertação de mestrado que será apresentada para a conclusão do curso de pós-graduação em música na Universidade de Brasília.

Os textos foram buscados inicialmente utilizando alguns termos específicos nos bancos de pesquisa de dados de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD); no Google Acadêmico; no endereço eletrônico “www.danielgoth.com”, do professor Dr. Daniel Marcondes Gohn, devido à sua área de pesquisa e atuação, que se assemelha bastante com a minha intenção de pesquisa; além de me inscrever na página “academia.edu”, que me envia diariamente trabalhos com possibilidade de estarem relacionados ao meu trabalho. O intuito prévio com essa pesquisa foi de visualizar a proporção de trabalhos que poderiam embasar minha dissertação.

Após essa breve busca de textos, iniciei a Categorização das Produções encontradas realizando uma pesquisa do tipo “Estado do Conhecimento”. Segundo Pereira (2013), o estado do conhecimento é uma Pesquisa Bibliográfica e de Caráter Exploratório, e que para ele, se organiza como parte do processo de investigação empreendido por um pesquisador.

Sendo assim, nesse primeiro momento do estado do conhecimento, irei me ater às produções que estou lendo e que foram buscados nas bases de dados acima mencionadas. Tal catalogação bibliográfica baseia-se também em estudos trazidos por Romanowski (2002, apud MARINS 2022), que aponta etapas a se seguir para a construção da pesquisa do tipo “estado do conhecimento”. Tais etapas são descritas da seguinte forma:

- a) definição dos descritores para a realização das buscas;
- b) localização dos bancos de pesquisas de teses, dissertações e artigos;
- c) estabelecimento dos critérios para a seleção do material que fará parte do estado do conhecimento;
- d) levantamento da produção a ser catalogada;
- e) coleta do material de pesquisa, por meio eletrônico;
- f) leitura das publicações e subsequente síntese preliminar das mesmas;

- g) organização do relatório do estudo com base na sistematização da referida síntese;
- h) análise, categorização do material coletado e elaboração das conclusões preliminares.

Seguindo os critérios mencionados acima, assim como as leituras dos trabalhos citados, abaixo serão colocados no quadro 1 (um), o número de produções encontradas prioritariamente na língua portuguesa e que foram alcançadas através da busca por termos como: “Ensino de bateria online”, “TDIC” e “Visão do aluno”.

São eles:

Quadro 1

Quadro 1: Quantitativo de produções encontradas com as palavras-chave, nos descritores.

	Número de trabalhos encontrados com a palavra-chave		
	Ensino de bateria online	TDIC	Perspectiva dos alunos
CAPES	8	1022	9.124
BDTD	37	433	12.168
Google Acadêmico	24.700	21.000	1.380.000
www.danielgohn.com	14	9	0
Academia.edu	56.941	149	7.064

No Quadro 2 trago apenas os trabalhos que foram utilizados como referências para a escrita desta dissertação.

O processo de escolha destes trabalhos base foi a partir primeiro da pesquisa utilizando as palavras-chave, em seguida uma prévia análise nos títulos destes trabalhos, tentando de alguma forma associá-los ao meu tema de pesquisa, reduzindo a um número menor de produções. A partir daí, efetuei uma leitura dos resumos e considerações finais para tentar relacionar ao meu objeto de estudo, a fim de nortear assim a minha escrita acadêmica.

Quadro 2: Produções utilizadas como apoio a este trabalho, organizados em ordem cronológica.

Trabalhos Utilizados como Referência			
Títulos	Nome do Autor	Ano	Tipo de Trabalho
Ensino-Aprendizagem: uma interação entre dois processos comportamentais	KUBO, Olga Mitsue; BOTOMÉ, Sílvio Paulo	2001	Artigo/Periódicos
Auto-Aprendizagem Musical: alternativas tecnológicas	GOHN, Daniel Marcondes	2002	Dissertação
Editor Musical: uma aplicação para a aprendizagem de música apoiada por meios eletrônicos interativos	FICHEMAN, Irene Karaguilla; LIPAS, Ricardo Augusto; KRÜGER, Susana Ester; LOPES, Roseli de Deus	2003	Artigo/Periódicos
Criatividade e Submissão na Aula de Música: uma compreensão segundo Winnicott	GLASER, Scheilla Regina; FONTERRADA, Marisa Trench de Oliveira	2006	Artigo/Periódicos
Tecnofobia na Música e na Educação: origens e justificativas	GOHN, Daniel Marcondes	2007	Artigo/Periódicos
Aula de Bateria e a Abordagem da Educação Musical	SOUZA, Henry Raphaely de	2008	TCC
As Sínteses de Edison Machado: Um estudo sobre o desenvolvimento de padrões de samba na bateria	BARSALINI, Leandro	2009	Dissertação
Educação Musical a Distância: propostas para ensino e aprendizagem de percussão	GOHN, Daniel Marcondes	2009	Tese Doutorado
Metodologia da Pesquisa Científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa	FONTELLES, Mauro José; SIMÕES, Marilda Garcia; FARIAS, Samantha Hasegawa; FONTELLES, Renata Garcia Simões	2009	Artigo/Periódicos
Tendências na Educação a Distância: os softwares online de música	GOHN, Daniel Marcondes	2010	Artigo/Periódicos
Introdução aos Recursos Tecnológicos Musicais	GOHN, Daniel Marcondes	2011	Anais de Congresso

Fundamentos Teórico-Metodológicos da Pesquisa em Educação: o ensino superior em música como objeto	PEREIRA, Marcus Vinícius Medeiros	2013	Artigo/Periódicos
Aspectos Motivacionais da Aprendizagem Musical dos Integrantes da Bateria do Bloco de Carnaval Sargento Pimenta por Meio do Método o Passo: um estudo com base na teoria do fluxo	LESSA, Lizzie Maldonado	2015	Dissertação
O instrumento Bateria	TRALDI, Cesar Adriano; Ferreira, Thiago de Souza	2015	Artigo/Periódicos
Um Estudo Sobre a Utilização de Aplicativos para Tablets e Smartphones no Ensino da Música	DUARTE, Alex; MARINS, Paulo Roberto Affonso	2015	Artigo/Periódicos
Aplicativos Musicais: uma reflexão na educação musical	COTA, Denis Martino	2016	Dissertação
Aplicativos para Aprendizagem de Bateria: o caminho do controle sonoro	GOHN, Daniel Marcondes	2016	Artigo/Periódicos
A Utilização das TIC no Planejamento da Aula de Música dos Egressos do Curso de Licenciatura em Música a Distância da UnB	SANTOS JÚNIOR, Josue Berto dos	2017	Dissertação
Desafios do Ensino Online de Percussão	GOHN, Daniel Marcondes	2017	Anais de Congresso
Bateria em Pernambuco: o processo formativo de uma geração inovadora	MAM SILVA, Marcos Antônio Monte	2019	Dissertação
A Realidade das Redes Sociais: uma discussão acerca da educação musical nas comunidades virtuais	GOHN, Daniel Marcondes	2020a	Artigo/Periódicos
As Publicações Sobre o Ensino à Distância do Instrumento Bateria: uma revisão nos anais dos congressos nacionais da ABEM (2010-2019)	SOUSA, Magno Altieri Chaves de	2020	Artigo/Periódicos

Aulas de Instrumento Musical a Distância: o desafio emergente	MOREIRA, Ana Lúcia Iara Gaborim; JÚNIOR, Antonio Deusany de Carvalho; ANGELO, Jackes Douglas Nunes	2020	Artigo/Periódicos
Aulas Online de Instrumentos Musicais: novo paradigma em tempos de pandemia	GOHN, Daniel Marcondes	2020b	Artigo/Periódicos
O ensino do contrabaixo elétrico por meio de aulas centradas no aluno: uma análise com alunos do curso de licenciatura em música da UnB	MEDEIROS, Jhonata Pereira	2020	Dissertação
A Educação a Distância (EAD) e o Ensino Remoto Emergencial (ERE) em Tempos de Pandemia da Covid 19	COQUEIRO, Naiara Porto da Silva; SOUSA, Erivan Coqueiro	2021	Artigo/Periódicos
Ensino de Música na Educação básica em tempos de pandemia: Um relato de experiência.	NASCIMENTO, Kadja Marluan da Silva do; BATISTA, Nágila Lemos	2021	Artigo/Periódicos
Ensino de bateria em nível superior no brasil: mapeamento e análise das ementas e conteúdos programáticos das disciplinas	NASCIMENTO, Davi do Carmo	2022	TCC
Licenciatura em Música a Distância: o uso das TDIC como objeto	Marins, Paulo Roberto Affonso	2022	Artigo/Periódicos

Esta pesquisa bibliográfica foi árdua, mas gratificante, pois é uma busca que exige um tempo longo de procura pelas palavras-chaves e a leitura de vários trabalhos, mas nos ajudou a nortear vários dos nossos pensamentos, nos mostrando quão rico e vasto é o caminho da pesquisa.

2.1 A Bateria

Sobre esse instrumento, com os estudos e pesquisas dos materiais já escritos sobre o assunto, encontramos sua definição como a união de diversos instrumentos de percussão, com múltiplas possibilidades de configurações, e que propicia ao executante explorar potencialidades sonoras, prioritariamente na música popular (MAM Silva, 2019).

Barsalini (2009) relata a chegada da bateria no Brasil por volta dos anos 20 (vinte) do século XX. Luft (1999, p. 109) descreve a bateria como “um instrumento da família dos membranofones, formado por vários tambores de diversos tamanhos, que são especialmente tocados por apenas um músico”. Desde seu surgimento, no início do século XX, ela veio como forma de tentar adaptar o que vários percussionistas faziam, para que apenas um músico fizesse sozinho na bateria (CANGANY, 1996 apud PAIVA, 2001). Muitos associam a criação do pedal de bumbo a William Ludwing, mas Cangany (1996) e Maley (2000) relatam que Ludwing foi o desenvolvedor do primeiro modelo prático, em 1910. Com a criação do pedal, a bateria seguiu em evolução. Maley (2000) aponta Dee Dee Chandler como o primeiro a tocar com um pedal de bumbo. Segundo o autor, isso ocorreu no final da década de 1980 e início da década de 1990. Essa é a ideia inicial da bateria, que segundo Traldi e Ferreira (2015), ocorreu com a criação do pedal, o que proporcionou ao músico tocar o bumbo com o pé e deixar as mãos livres para tocar outros instrumentos percussivos como tambores e pratos, e assim, fazer sozinho o que antes era necessário três ou quatro percussionistas para executarem.

Traldi e Ferreira (2015) ressaltam que a bateria pertence à família da percussão pois é formada por um conjunto de instrumentos percussivos. Entretanto, para eles, apesar do seu surgimento recente, ela tem sido tratada como um instrumento independente, e atribuem a isso a existência de cursos de diversos níveis (técnico, superior, etc.) que focam o ensino da bateria independente da percussão.

Para Barsalini (2009), a bateria é um instrumento múltiplo, constituída por uma junção de um variado tipo de instrumentos de percussão. Silva (2019 apud LUFT, 1999) diz que a bateria é formada por vários tambores e pratos de diversos tamanhos. Seu trabalho tem uma abordagem específica, voltada para o samba, mas sua aplicação é na investigação de padrões de execução da bateria nesse gênero musical. Partindo desse pressuposto, o autor corrobora com nossa escrita, pois descreve também a história da bateria no Brasil, assim nos trazendo ferramentas complementares para nossa dissertação.

Um fato muito encontrado nos trabalhos pesquisados é a relação da bateria e da percussão, e Souza (2008) escreve que se entende que o baterista é um percussionista que executa vários instrumentos percussivos simultaneamente por meio da independência de mãos e pés e que carrega e transmite uma tradição histórica do instrumento. Em contraponto, Traldi e Ferreira (2015) pensam que apesar de alguns bateristas tocarem percussão e alguns percussionistas tocarem bateria, não podemos dizer que isso é uma regra. Ressaltam ainda que devido a essa questão, o estudo e performance desses instrumentos é realizado de maneira separada. Assim, destacam duas classes de músicos intérpretes diferentes e independentes: os bateristas e os percussionistas. Em seu trabalho intitulado como “O Instrumento Bateria”, Traldi e Ferreira (2015) trazem uma escrita específica sobre o contexto de sua criação e sua relação direta com a percussão em seu surgimento e existência. É exatamente sobre tal fato que traz como objetivo uma análise sobre as características históricas e interpretativas da bateria e da configuração dos instrumentos de percussão. Esse objetivo se dá para o autor com intenção de identificar características que comprovem, ou que validem a bateria como um instrumento independente. Com essa busca o autor apresenta o conceito de técnica estendida e técnica tradicional e descreve como resultado de sua pesquisa que a bateria possui técnicas e funções musicais extremamente particulares que a diferenciam da percussão múltipla.

Para melhor compreensão, coloco abaixo uma imagem desse instrumento com uma formação comumente encontrada em lojas de instrumentos musicais:

- 1- Prato de Ataque (conhecido também como *Crash*)
- 2- Prato de Condução (conhecido também como *Ride*)
- 3- Chimbal (conhecido também como, *Hi Hat*)
- 4- Caixa
- 5- Tom 1
- 6- Tom 2
- 7- Surdo
- 8- Bumbo

Figura 1: Bateria Acústica



Fonte: <https://www.canva.com/design>

Em relação aos variados tamanhos das peças da bateria, Barsalini (2009) escreve que tal instrumento era:

“Inicialmente formada por um grande bumbo de 28 a 30 polegadas de diâmetro (trazido diretamente das paradas militares ou dos desfiles funerários), uma caixa (geralmente apoiada sobre uma cadeira), um pequeno prato chinês (comumente de 12 a 13 polegadas, trazido por imigrantes), e uma série de acessórios, como *cowbell*⁸, *wood block*⁹, *temple block*¹⁰”.

Outra possibilidade de bateria seria a eletrônica, que segundo Gohn (2020b apud DEAN, 2012), surgiu no ano de 1971, quando a banda inglesa *The Moody Blues* utilizou um protótipo na gravação do disco *Every Good Boy Deserves Favour*. Gohn (2020) descreve a bateria eletrônica como sendo instrumentos com superfícies para tocar que simulam um instrumento acústico, disparando sons eletronicamente por meio de sensores que captam estímulos e os

⁸ Instrumento de metal, de som indefinido, conhecido como “sino de vaca”. (Fonte: wikipédia.org)

⁹ É um bloco sonoro composto de blocos ocios de madeira ou plástico. (Fonte: wikipédia.org)

¹⁰ Tipo de instrumento de percussão que consiste em um conjunto de blocos de madeira. (Fonte: wikipédia.org)

transformam em sinais elétricos. O autor traz ainda que esses sons simulam o do instrumento acústico, e que mesmo com a criação das peles de tela, conhecidas como “*mesh heads*”, e com os aperfeiçoamentos feitos ao longo das décadas, ainda assim, a emulação desses sons e das sensações permanece imperfeita.

Como complemento coloco também a imagem de uma bateria eletrônica para comparação visual com a acústica colocada anteriormente. Ressaltando que as mesmas podem variar bastante em estrutura e em “*design*” das peças, dependendo dos modelos e marcas que comercializam tais instrumentos. A figura abaixo mostra um modelo qualquer apenas para registro visual.

Figura 2: Bateria Eletrônica



Fonte: <https://www.canva.com/design>

Em relação à utilização de baterias eletrônicas no ensino online, Gohn (2020b) justifica o uso desse instrumento em suas aulas devido a seu controle total sobre o som transmitido. Ele explica que utiliza uma interface de áudio e que o sinal da bateria entra diretamente nesse equipamento. Com isso, o microfone do professor não gera conflito ou competição com o som produzido pela bateria, oportunizando tocar e falar ao mesmo tempo. Outro fator trazido pelo autor é o pequeno espaço que ela ocupa, e que não há uma “demanda especial” para sua utilização, se pensarmos em relação a uma bateria acústica.

O intuito do parágrafo anterior não é de apontar se o instrumento eletrônico é melhor ou pior que o acústico, mas apenas de trazer informações que possam auxiliar os leitores, baseando-se em estudos anteriores.

2.2 Ensino de Bateria

Ainda sobre a relação percussão e bateria, mas relacionando-a ao ensino do instrumento, Gohn (2009) cita que a percussão tem um papel importante na Educação Musical, fato que se justifica por ser utilizada como ferramenta no desenvolvimento da musicalidade. Nesse

trabalho, que é voltado ao ensino e ocorre a partir da observação de uma disciplina na UAB - UFSCAR, Gohn completa:

“O ensino visa oferecer formação para o trabalho de professor de música, considerando possíveis situações em que o profissional ministra aulas utilizando a percussão, seja falando sobre instrumentos ou ensinando a tocá-los, ou tocando esses instrumentos para auxiliar outras atividades, como um pandeiro que acompanha a música de uma brincadeira de roda”. (GOHN, 2009, p. 22).

O autor coloca que no curso de Licenciatura em Música a Distância da Universidade Federal de São Carlos, a percussão é obrigatória e tida como um elemento importante na produção da educação integral. E nesse momento ele coloca que a relação entre movimento e som é um dos aspectos a destacar na percussão, e levanta uma questão a ser respondida em sua dissertação:

“Como lidar com isso na educação a distância? Se o professor não está presente na sala de aula, nem para demonstrar os procedimentos necessários ao ato de tocar instrumentos de percussão, e nem para observar as performances dos alunos e fazer seus comentários e sugestões, como lidar com o movimento?” (GOHN, 2009, p. 22).

Gohn (2009) fala nesse trabalho, apresentado como tese de doutorado sobre a Educação Musical a Distância, pensando-se em uma proposta para ensino/aprendizagem de percussão, seu objetivo foi investigar a viabilidade do EaD em uma disciplina de percussão. Tal abordagem ocorreu dentro de um programa de formação de educadores musicais, focando o desenvolvimento da educação a distância e das ferramentas que tornam possíveis os processos educacionais de música nessa área. Gohn utiliza a percussão como laboratório na busca de avanços dentro das possibilidades que essa modalidade de ensino possa oferecer ao campo do estudo musical, firmando uma interseção dessas duas áreas, com prática social significativa no Brasil. O autor ressalta que o ensino da música a distância cria soluções para descentralizar o ensino, deixando de ser o ensino presencial a única opção. Concluiu-se ainda que EaD de percussão é possível, sendo uma alternativa para a formação de professores de música. Apesar de sua abordagem ter sido em um contexto organizado previamente na estrutura do EaD, seu trabalho contribuiu ao trazer pontos que se entrelaçaram a nossa pesquisa, e com a história da bateria trazida no subitem anterior, fornecendo assim ferramentas para nossa escrita e colaborando com este novo tópico em que falaremos especificamente do ensino da bateria.

Ainda sobre o ensino em termos gerais, Kubo e Botomé (2001) escreveram um trabalho sobre ensino/aprendizagem, abordando o que os autores chamam de interação entre estes dois

processos comportamentais. Em seu texto eles apresentam um exame do processo de ensino/aprendizagem, baseado em conceitos oriundos da Análise do Comportamento, observando possíveis contribuições para o desenvolvimento da Educação em relação a experiências que nasceram e se desenvolveram no Brasil. Sendo assim, constitui-se por um trabalho relacionando a interação entre professor e seus alunos, e que resultou em uma mostra instrumental que, para os autores, possibilita uma grande visibilidade dos processos denominados de ensinar e aprender. Os mesmos afirmam ainda em seus resultados que a indicação de que houve aprendizagem por meio do ensino vem através da mudança na alteração da interação dos alunos com seus respectivos meios como resultado do trabalho de um professor. Finalizando suas considerações, os autores declaram lamentar a descontinuidade do processo desses estudos no ano de 1960, e que se tal fato não ocorresse, possivelmente o país estaria com a educação de seus habitantes em condições muito diferentes, mas os mesmos descrevem ser possível retomar e recuperar muito do que foi perdido por meio da seriedade, compromisso social, dedicação e preparação científica.

Já sobre ensino da bateria, De Souza (2008) coloca que o surgimento da bateria está ligado ao surgimento do Jazz e que sua evolução está ligada ao desenvolvimento do Jazz e do Rock, o que torna os Estados Unidos a principal referência no estudo e produção de material para a bateria, fatos que se dão pela recente criação do instrumento, cerca de 100 (cem) anos atrás, e que nos remete a uma pequena amostra em relação à questão do ensino/aprendizagem da bateria. Em relação a esse fato, podemos observar o que diz Bastos (2010 apud SILVA, 2019), que relata que somente a partir dos anos 80 a bateria entra no ensino formal. Segundo Silva, em 1980 houve uma abertura comercial no Brasil, e os instrumentos internacionais começaram a ser vistos com mais frequência em shows e eventos. Junto a esse fato, os conservatórios brasileiros começaram a oferecer o curso de bateria. Já nos anos 1990, surgem as primeiras turmas do curso de bacharel em instrumento (percussão/bateria) oferecidas pelas faculdades particulares.

Nascimento (2022) fez um levantamento procurando identificar onde há ensino de bateria em instituições de ensino superior. Aliado a isso, analisou as ementas e conteúdos programáticos das disciplinas que contemplam o instrumento. A pesquisa foi feita através da consulta de sites, ementa de disciplinas e projetos pedagógicos de cursos superiores em música devidamente registrados no Ministério da Educação, em um levantamento quantitativo de cunho bibliográfico. Foram avaliadas 115 instituições, resultando em 23 instituições que

possuem ensino do instrumento previsto em seus currículos e 20 que podem ter ensino de bateria, onde o autor, com suas palavras, conclui que a formação de bateristas nesses espaços contempla o estudo de diferentes técnicas do instrumento: leitura e interpretação de partituras, coordenação motora e estudo de diferentes ritmos da música popular brasileira, latina e americana. O autor descreve encontrar em seus resultados que:

“Das 115 IES consultadas foi possível apurar 23 instituições onde há ensino de bateria: em 16 públicas (havendo duas públicas estaduais e 14 públicas federais) e sete pertencendo à iniciativa privada sem fins lucrativos, no qual uma é na modalidade a distância”. (NASCIMENTO 2022)

A Tabela 1 apresenta a relação de IES e respectivos cursos que contemplam bateria apresentada por Nascimento (2022).

Tabela 1: Relação de IES e respectivos cursos que contemplam bateria

IES	Curso	Grau	Categoria Administrativa
UNINCOR	Música - Habilitação em Bateria	Bacharelado	Privada sem fins lucrativos
UNICAMP	Música - Habilitação em Bateria	Bacharelado	Pública Estadual
FAMES	Música - Habilitação em Música Popular	Bacharelado	Pública Estadual
UNB	Música	Licenciatura	Pública Federal
UFU	Música - Percussão	Bacharelado e Licenciatura	Pública Federal
UFSCAR	Música	Licenciatura	Pública Federal
UFMA - São Bernardo	Música	Licenciatura	Pública Federal
UFES	Música	Bacharelado	Pública Federal
UFMG	Música - Percussão	Bacharelado	Pública Federal
UFBA	Música Popular - Execução	Bacharelado	Pública Federal
UFPB	Música - Práticas Interpretativas - Bateria	Licenciatura	Pública Federal
UFG	Música - Habilitação em Bateria	Licenciatura e Bacharelado	Pública Federal
UFPEL	Música	Licenciatura	Pública Federal
UFC	Música	Licenciatura	Pública Federal
IFCE – Limoeiro do Norte	Música	Licenciatura	Pública Federal
IFPE – Belo Jardim	Música com Habilitação em Prática Interpretativa da Música Popular Instrumento Bateria/Percussão	Licenciatura	Pública Federal
UPF	Música	Bacharelado	Privada sem fins lucrativos

UNIVALI	Música	Bacharelado e Licenciatura	Privada sem fins lucrativos
FAMOSP	Música instrumento popular	Bacharelado	Privada sem fins lucrativos
UNIÍTALO	Música - habilitação bateria	Bacharelado	Privada sem fins lucrativos
FASM	Música Instrumento	Bacharelado	Privada sem fins lucrativos
FMSL	Música - performance	Bacharelado	Privada sem fins lucrativos

Fonte: elaborado por Nascimento (2022)

Corroborando com a questão de o ensino da bateria ainda ser de certa forma recente no Brasil, Nascimento (2022) informa que além das instituições citadas, existem 72 (setenta e duas) IES que não consideram o ensino de bateria. É válido salientar que os professores do CEP-EMB necessitam de comprovar formação em uma IES registrada pelo MEC.

Souza (2008) escreve um trabalho de conclusão de curso que tem como objeto as experiências pedagógicas de professores de bateria. Ele faz um contraponto entre o ensino do instrumento e sua relação com a educação musical, o modelo (T) E C (L) A¹¹ e a abordagem integradora. O autor faz uma abordagem qualitativa e coleta seus dados por meio de uma entrevista semi-estruturada que gera uma análise e discussão, tendo como objetivo a apresentação de uma aula de bateria que viesse a situar a ação pedagógica do ensino/aprendizagem do instrumento. Souza conclui seu trabalho dizendo que os fundamentos teóricos sobre Educação Musical dos profissionais professores de Bateria ainda carecem de aprofundamento, mas que ele percebeu uma preocupação por parte desses sobre o ensino e o papel do professor, gerando uma busca por aperfeiçoamento tanto técnico quanto didático. Quanto ao modelo utilizado, descreve que o objetivo é contribuir para o enriquecimento do processo de ensino/aprendizagem, entretanto ressaltando que o assunto é vasto e a pesquisa continuada é necessária.

Esses apontamentos se aliam aos dados coletados por Nascimento (2022), contribuindo para uma importância ainda maior em seu levantamento sobre as IES no Brasil.

¹¹ Modelo C(L)A(S)P criado por Swanwick. É traduzido para o português, como (T) E C (L) A, que significa: técnica, execução, composição, literatura e apreciação, sendo “T” e “L” atividades de apoio às demais. Souza (2008).

De Souza (2008) escreve que normalmente o ensino da bateria é ofertado em espaços particulares, em escolas livres de música e em conservatórios, onde geralmente essas aulas são semanais e individuais, e com duração de 60 minutos.

Hoje encontramos vários cursos ofertados por meio das redes sociais, cursos esses com durações distintas e geralmente com focos específicos em um determinado assunto. Aliado a isso, encontramos facilmente também professores oferecendo aulas particulares, online, através da utilização de várias tecnologias de videoconferência.

Alves (2004) aponta que o ensino instrumental no Brasil é ou era um privilégio para poucos por questões econômicas. Já em dados colhidos em 2020 e que estão disponibilizados no site oficial do CEP-EMB, compondo a proposta pedagógica dos cursos de música, a escola demonstra uma evolução nessa questão. A pesquisa declara que a instituição de ensino atende a comunidade do Distrito Federal e Entorno, sendo 21,11% (443) dos estudantes provenientes da Região Administrativa do Plano Piloto, 72,69% (1519) dos estudantes de outras Regiões Administrativas que compõem o Plano Diretor do Distrito Federal (antigas Cidades Satélites) e 6,2 % (131) dos estudantes de cidades do Estado de Goiás próximas a Brasília – Águas Lindas, Valparaíso, Luziânia, Cristalina, Planaltina de Goiás e Formosa. Tais dados mostram uma evolução no aumento da disponibilização de aulas e uma maior distribuição do ensino para as demais cidades e não apenas para os grandes centros, o que proporciona um aprendizado distribuído a mais alunos de demais localidades.

Para Alves (2004), alguns pontos são importantes no ensino da bateria, e aqui destacamos dois, por serem abordados na grade curricular do CEP-EMB, sendo eles: a prática de conjunto que para ele deve ocorrer como uma ação pedagógica do ensino/aprendizagem, e o desenvolvimento melódico/harmônico, que são complementos das aulas práticas e teóricas no ensino da bateria e que são encontrados no currículo do curso, dados que serão colocados posteriormente dentro deste trabalho.

Um fator relevante trazido por Gohn (2020b) é o fato de que em uma aula presencial, o professor, ou a escola que está oferecendo a aula, oferece condições viáveis de equipamentos para que ocorra a aprendizagem desses alunos, o que em relação às aulas não presenciais depende das condições de estrutura de cada aluno em específico. Pensando-se nesse comentário, podemos vislumbrar que nem todos os alunos terão equipamentos para executarem suas aulas em casa ou onde estiverem.

Sobre o ensino da bateria, observamos a literatura destacando o curto período em que o ensino desse instrumento tem sido praticado, mas que é também relacionado ao subitem anterior onde descrevo a recente criação da bateria quando comparada com os relatos de surgimento de outros instrumentos. Encontramos, em relação ao ensino, um contexto muitas vezes de aulas particulares e individuais, e ainda sobre a dificuldade de alguns alunos adquirirem seus instrumentos. Assim, em seus resultados, os artigos apontam sobre a importância do ambiente presencial no oferecimento desses instrumentos, proporcionando o contato entre o aluno e a bateria.

2.3 As Tecnologias no Ensino do Instrumento Bateria

Esse trabalho discorrerá com ênfase na utilização das diversas tecnologias em aulas de bateria, e sobre o tema pude observar nos artigos lidos, e que fizeram parte do meu projeto de pesquisa na licenciatura em música, que sobre o uso de tecnologias digitais podemos encontrar vários tipos de estudos, observar que eles se dividem em vários assuntos e que alguns autores abordam como ela pode ser usada na Educação a Distância (KRÜGER, 2006; GOHN, 2010a, 2010b); outros mencionam a importância da internet e as comunidades virtuais (GOHN, 2008; WEBER, 2012; BELTRAME, 2014; SANTOS, 2014), ou aspectos da tecnologia que podem ser utilizados em sala de aula por professores e alunos (PEREIRA, 2014; JESUS; URIARTE; RAABE, 2008; GALIZIA, 2009), além de autores mais recentes que falam sobre a utilização das tecnologias, sobre o ERE e sobre as aulas de bateria online (COQUEIRO; SOUSA, 2021; GOHN, 2020a, 2020b; SANTOS JÚNIOR, 2017; SOUSA, 2020; e MOREIRA, JÚNIOR, ANGELO, 2020).

Outros artigos encontrados sobre a utilização das tecnologias no ensino da bateria e sobre o ensino da música em geral, mas que nos auxiliaram em nossa construção teórica, incluem Gohn (2010), que discorre sobre possibilidades que *software* online de música proporcionam para a Educação Musical. O autor apresenta algumas dessas ferramentas, faz uma reflexão sobre essa utilização pensando-se em novas alternativas educacionais e conclui que o uso de *software* online é enxergado como peça importante para o desenvolvimento da Educação Musical a Distância, e em situações de ensino/aprendizagem. Segundo o autor, tais ferramentas se tornam recursos de grande utilidade.

Gohn (2011) apresenta outro artigo relatando uma disciplina ofertada no curso a distância da Universidade Federal de São Carlos, em parceria com a Universidade Aberta do

Brasil. Gohn escreve sobre a matéria, intitulada como Introdução aos Recursos Tecnológicos Musicais (IRTM), a qual tem como desafio capacitar os alunos para atividades musicais em ambientes virtuais, usando *software* livres como base principal. Nesse trabalho ele aponta os conteúdos abordados e as principais dificuldades encontradas e coloca que tais problemáticas estão relacionadas em grande parte às rápidas mudanças no universo de produtos tecnológicos.

Duarte e Marins (2015), por sua vez, fazem um estudo sobre a utilização de aplicativos para *tablets* e *smartphones* no ensino da música, com o objetivo de investigar as possibilidades que tais aplicativos podem gerar no ensino da música e compreender como essas ferramentas podem ser utilizadas. O trabalho se desenvolve por meio de uma revisão bibliográfica e conclui que estes aparelhos podem ser ferramentas importantes na Educação Musical, mas afirma a necessidade de não os utilizar de forma isolada, nem substituir as aulas regulares.

Cota (2016), em seu trabalho, verificou a viabilidade do uso de dispositivos móveis por meio de seus aplicativos na área da Educação Musical, através de uma pesquisa-ação, realizada com alunos do curso de Licenciatura em Música da UNIRIO e que se constituiu de um curso de capacitação em tecnologias móveis para professores de música. Como objetivo secundário, foi feita uma análise de seis categorias de aplicativos e de maneira como essas tecnologias estão influenciando no fazer musical. O autor visualizou que os jovens graduandos nem sempre têm conhecimento de como inserir a tecnologia em seu planejamento de aula e concluiu que os *smartphones* e *tablets* são ferramentas com grande potencial na Educação Musical, além de que os aplicativos estudados podem ser utilizados de variadas formas.

O autor Santos Júnior (2017), em sua dissertação de mestrado, apresenta que o objeto de pesquisa foi a utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) no planejamento da aula de música dos egressos. O mesmo apontou que, como objetivo geral, buscou investigar como ocorre a utilização dessas ferramentas no planejamento da aula de música do egresso do curso de Licenciatura em Música a Distância da UnB. Procurou-se também identificar quais tecnologias são utilizadas nessas aulas, evidenciar como os egressos planejam o seu uso nas aulas de música e quais foram os resultados alcançados. Outro ponto abordado foi o de tentar compreender como a tecnologia pode agir como mediador durante essa formação e como ela pode auxiliar na aula. Como aporte teórico o autor se fundamentou na teoria da base de conhecimento de Schulman e no conhecimento pedagógico do modelo TPACK de Mishra e Koelher. Como resultado ele relata que observou que as TIC estão presentes no planejamento da aula de música dos egressos, da elaboração até a prática, porém

ressalta que há uma necessidade de desenvolver um pensamento crítico-reflexivo sobre essas tecnologias para a educação musical. Em relação à atuação, foi observado que os egressos atuam na educação básica pública e privada e no ensino especializado em música, em intuições religiosas e na educação especial. Santos Júnior diz ainda que as ferramentas tecnológicas mais utilizadas pelos egressos investigados foram o computador, *software* de gravação de áudio e vídeo, editores de partituras, dispositivos móveis, aplicativos, *sites* e internet. Em complemento aos seus resultados, coloca que os egressos reconhecem que a formação musical por meio das Tecnologias da Informação e Comunicação tem influenciado muito nas suas aulas de música e destacam que elas são ferramentas e meios que auxiliam a aula de música contextualizada para gerações de nativos digitais.

Gohn (2017) traz um trabalho sobre os desafios do ensino online de percussão, e apresenta diferentes modelos de ensino online de música, pensando especificamente sobre esse assunto. O autor considera irreversível o aumento da tecnologia nos processos de ensino e aprendizagem da percussão, ampliando caminhos para a autoaprendizagem. O autor é baterista, e traz em seu trabalho, dentre outros, o contexto da percussão, que é a base histórica do nosso instrumento de pesquisa, aliado à questão do ensino online em música, o que nos ofereceu base bibliográfica e dialogou diretamente com nossa dissertação.

Gohn (2020a) escreve sobre a educação musical com ênfase na utilização das tecnologias, no que descreve o autor como comunidades virtuais, buscando uma discussão sobre as implicações dessas ferramentas dentro do ensino. O autor conclui que nossas experiências com música estarão cada vez mais permeadas por interações online.

Marins (2022) discorre sobre as tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) e evidencia o aumento de tais ferramentas na educação musical, os colocando como elementos essenciais em cursos na modalidade educação a distância (EaD) e ressalta a migração dentro da educação musical para o chamado ensino remoto emergencial (ERE), onde ele aponta consequentemente a utilização das TDIC nos processos de formação e atuação musical. Assim, ele utiliza essas afirmações para apoiar seu trabalho na busca em saber o que a literatura aborda no que concerne ao uso das TDIC em cursos de licenciatura em música a distância, pensando ainda que esses cursos têm como objetivo formar professores de música. O autor apresenta então uma pesquisa do tipo estado do conhecimento e uma posterior categorização e análise dos temas abordados nas produções, fazendo um recorte específico sobre o uso das TDIC em cursos de licenciatura em música a distância e encontra como resultado que há uma carência de

estudos sobre aprendizagem musical por meio das TDIC, novas ferramentas online para a educação musical a distância, bem como o uso de tecnologias síncronas.

Moreira, Júnior e Angelo (2020) procuraram trazer uma discussão que motivasse a prática de ensino de instrumento musical com o uso de novas tecnologias. Os autores realizaram uma pesquisa bibliográfica e obtiveram como resultado que a inclusão da tecnologia na educação instrumental não está estabelecida, pois ainda tem sido pouco difundida. O estudo foi baseado em trabalhos produzidos e apresentados no Brasil nos últimos 10 (dez) anos, contados da data de publicação, e teve como locus práticas realizadas na Escola de Música da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), com o foco em trazer as dificuldades encontradas e os caminhos buscados para a realização das aulas a distância, dentro de um estado de tempo relacionado à pandemia, onde foram suspensas as aulas presenciais.

Gohn (2002), em sua dissertação de mestrado, abordou a Auto-Aprendizagem musical através de alternativas tecnológicas, onde ele observou as inovações nas formas de transmitir música e informações sobre música, focando o vídeo e o computador, em uma tentativa de descobrir como eles podem contribuir. Assim, obteve como resultado que o vídeo facilitou o aprendizado, e o computador trouxe recursos interativos e de transmissão de informação musical através da internet, além de trazer um mapeamento do cenário tecnológico nos processos de Auto-Aprendizagem, dentro do período do estudo.

Com uma abordagem na utilização de tecnologias como meio na aprendizagem, Ficheman, Lipas, Krüger e Lopes (2003) abordam uma aplicação para a aprendizagem de música por meios eletrônicos interativos, utilizando o editor musical como uma ferramenta interativa colaborativa e desenvolvida para apoio à Educação Musical. Eles relatam que o editor musical se fundamenta nas mais recentes pesquisas sobre o assunto e utiliza as tecnologias da Telemática. Os resultados foram encontrados a partir de avaliações realizadas com amostras do público-alvo e com educadores musicais, que apontaram a eficácia do editor, tanto em ambientes individuais, como em ambientes colaborativos. Assim, os autores trouxeram uma pesquisa que pode dialogar com nossa escrita, construindo este paralelo entre a aprendizagem e a utilização das TDIC.

O trabalho de Lessa (2015) é uma dissertação de mestrado, que se desenvolve com base na investigação dos aspectos motivacionais da aprendizagem musical, utilizando o método passo, com ênfase na teoria do fluxo. A autora utilizou o estudo de caso e entrevistas para a coleta de dados com os diretores musicais da bateria do bloco de carnaval Sargento Pimenta,

locus da pesquisa, e um questionário aplicado aos participantes do bloco, além de observações dos ensaios. Dentro dos resultados obtidos, ela coloca alguns indicativos da experiência de fluxo na prática musical do grupo, e os descreve como, altos níveis de engajamento e concentração, presença de desafio, sentimentos positivos de prazer e alegria, experiência da perda da noção do tempo e motivação intrínseca. Para ela, fatores como o repertório e as amizades entre os participantes foram observados como de grande importância para a motivação do grupo.

No trabalho de Gohn (2016), o objetivo do seu artigo foi debater sobre como as tecnologias têm modificado o aprendizado de instrumentos musicais, pensando-se especificamente na bateria, partindo-se das possibilidades de manipulação sonora. Como resultado, Gohn concluiu que os aplicativos digitais aparecem como os mais recentes desdobramentos no caminho do controle sonoro, e que proporcionam novos meios de estudo da bateria.

Hoje a utilização das tecnologias no ensino é uma realidade. Ainda que professores optem por não as utilizarem diretamente em suas aulas, as vezes terão que preencher o diário de forma digital. Sendo assim, torna-se mais comum vermos a utilização de celulares e *tablets* durante as aulas. Duarte e Marins (2015) ressaltam que *smartphones* oportunizam aos seus usuários utilizarem ferramentas multimídia que permitem a interação com conteúdos musicais. Os *tablets* possuem uma tela maior e uma capacidade de processamento superior, e assim possibilitam uma maior interação, porém não têm a mesma mobilidade do smartphone devido ao seu tamanho. Salientam ainda que tais aparelhos podem ser ferramentas versáteis no ensino tanto em sala de aula quanto no estudo diário e na preparação e organização das aulas pelo professor. Gohn (2011) fala que, atualmente, há um consenso sobre a utilização de recursos tecnológicos musicais, entendendo-se que são ferramentas importantes para professores e estudantes de música. O mesmo acrescenta que é imprescindível que para a realização de tarefas comuns no dia a dia de professores de música, os mesmos conheçam e dominem as possibilidades para gravar e editar áudio, produzir partituras e utilizar *software* de educação musical.

A utilização de tais tecnologias se deu a partir do momento em que passou a vigorar o ERE, ou no caso do CEP-EMB, o EMT. Em relação a esses termos, encontramos Coqueiro e Sousa (2021) contribuindo com o assunto, descrevendo que o Ensino Remoto Emergencial (ERE), também denominado de ensino virtual, surge com a pandemia da COVID-19, com a

necessidade por alternativas remotas para se dar prosseguimento às atividades educacionais. Nascimento e Batista (2021) colocam em seu artigo que em 2020 o sistema educacional brasileiro precisou, de forma emergencial, repensar seu formato de aulas, pois segundo as autoras a educação escolar não poderia parar, fala que é relacionada à proibição das aulas presenciais devido o momento pandêmico passado naquele ano. As autoras relatam que a solução se deu a partir da ideia do Ensino a Distância (EaD) e daí surgiu o ERE. Em relação às normas de execução da nova modalidade de ensino, as autoras trazem a seguinte contribuição em seu trabalho:

“No cenário pandêmico, o Ministério da Educação (MEC) aprovou através da portaria de nº 343, a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto prolongar a pandemia do Novo Corona vírus - COVID - 19” (NASCIMENTO; BATISTA, 2021)

Nascimento e Batista (2021) trazem ainda um comparativo das principais diferenças entre EaD e as atividades educacionais remotas, onde encontram que a EaD se mostra um modelo de ensino mais complexo e com histórico de atuação no Brasil, dentre outros diferenciais do ERE, que adquiriu visibilidade devido à necessidade momentânea do sistema educacional, mas sem o intuito de criar, recriar ou modificar o sistema, mas tinha apenas uma finalidade temporária.

Frente a essa necessidade momentânea, a SEEDF aprovou no dia 24 de março de 2020, pelo Conselho de Educação do DF (CEDF), a implementação do Ensino Mediado por Tecnologia (EMT) na rede pública do DF, na Educação Infantil até o Ensino Médio, mas valendo também para as escolas particulares. Esse termo implementado significa a realização de atividades não presenciais, onde as aulas seriam oferecidas de forma online e por meio de uma plataforma com acesso pelo computador ou por aplicativo para celular. A aprovação desse documento colocou o início dos trabalhos do EMT para o dia 6 de abril de 2020, com um cronograma inicial visando os 80 (oitenta) mil estudantes do Ensino Médio, depois estendendo-se aos Anos Finais e posteriormente aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Sobre a utilização das TDIC, mas ainda sem avaliar os dados para concluir se foi ou não favorável ao aprendizado com as mudanças ocorridas, podemos observar um benefício nesse processo, pois oportunizou que o aluno tivesse a possibilidade de ser mais presente no contexto educacional. Para Ficheman; Lipas; Krüger e Lopes (2003), a aprendizagem depende não só da didática do professor, mas também da sua interação com seus alunos e da interação entre os alunos. Corroborando ainda com as escritas acima, Gohn (2020b) escreve sobre o fato de os

professores de música terem sido surpreendidos pela pandemia de Covid-19, seja lecionando em conservatórios, escolas livres, instituições superiores ou atuando de forma privada, e traz a questão que todos esses professores foram direcionados para aulas online. Relata ainda que, durante esse período, as aulas aconteciam de forma assíncrona, com a demanda da preparação de ambientes virtuais e seus conteúdos didáticos, ou também de forma síncrona, para as quais as tecnologias que utilizam a internet para realizar as chamadas tecnológicas (VoIP) se tornaram um padrão. Em relação a essa modalidade de ensino, é apontado em seu artigo a problemática relacionada a questões sociais e territoriais, onde é relatado que nem todos os professores e alunos vivem com internet e equipamentos apropriados para o ensino. Esses fatos corroboram os apontamentos de Gohn (2020b), que ressalta os desafios da educação, e porque não dizer da educação online, pois como disse o autor, em todo o mundo professores foram colocados frente à demanda de dar continuidade a suas aulas a distância, em alguns casos sem ter nenhuma experiência anterior nessa modalidade de ensino. Dessa forma, não houve o devido tempo para planejamento, preparação de materiais, para o aprendizado sobre as tecnologias envolvidas, e principalmente sobre as pedagogias inerentes ao trabalho a distância.

Gohn (2007) faz um apontamento sobre a relação ao sentimento de aversão e desconforto relacionado às novas tecnologias, dialogando sobre suas origens e relacionando a música e a educação. Seu trabalho é em relação às tecnologias da época de sua escrita, mas corrobora com nosso trabalho e traz o contexto daqueles que denomina como “tecnófobos”, que evitam se aprofundar no envolvimento do universo digital e embasam suas decisões em autores que pesquisam sobre os prejuízos da utilização de novas tecnologias na educação.

Para Nascimento e Batista (2021), a prática do ERE forçou professores a correrem contra o tempo para se inteirarem na utilização e compreensão dos aplicativos e ambientes virtuais de aprendizagem ofertados pelas escolas. Em seu trabalho, as autoras relatam que no lócus de sua pesquisa, a turma de Arte/Música que foi observada, quando contavam com suas aulas presenciais, tinham 2 (duas) aulas de 50 (cinquenta) minutos. Já durante as aulas remotas, o número de aulas foi reduzido a 1 (uma) aula de 50 (cinquenta) minutos por semana, e que essas aulas aconteciam através do *Zoom* ou *Meet*. Para completar a carga horária, eram enviadas aos alunos atividades extras, para serem realizadas de forma assíncrona. Um relato sobre aula de bateria durante o ERE pode ser visto no trabalho de Gohn (2020b), que descreveu o contexto das aulas online de bateria da UFSCar, onde no momento o professor morava em apartamento e optou por utilizar uma bateria eletrônica, ligada a uma interface de áudio de dois canais e um

microfone conectados a um laptop, e como ele ressalva, uma boa conexão de internet. O autor descreve que utilizou a bateria eletrônica do modelo TD-27 (figura 1), produzida pela empresa Roland, mas que existem outros modelos com peças de tamanho menor, que não possuem a mesma sensibilidade e variações de timbres do modelo utilizado.

É importante ressaltar que o equipamento utilizado para as aulas, como o próprio autor relata, pode ter um valor bastante elevado. Hoje, em uma pesquisa rápida em sites de busca pela internet, esse modelo de bateria está sendo comercializado por R\$ 22.999,00 (vinte dois mil, novecentos e noventa e nove reais). Gohn (2020b) ressalta que o professor cria condições favoráveis às aulas online, mas cada aluno trará circunstâncias diferentes. Segundo ele, antes de darem início às aulas online, os estudantes responderam um questionário eletrônico no intuito de informarem quais eram suas condições para participarem das aulas de bateria na UFSCar. Os alunos responderam que não teriam condições de adquirir quaisquer equipamentos para realizarem as atividades propostas.

Para Gohn (2020b), como o foco era lecionar a aula de forma online, a escolha dessa bateria se deu pelo controle total sobre o som transmitido. Sendo assim, utilizou um canal da interface para transmitir o som da bateria, e o segundo canal para o microfone de voz. Dito um ponto negativo observado pelo autor durante suas aulas, que foi a questão financeira para a aquisição dos equipamentos eletrônicos. O mesmo, em contrapartida, descreve como benefício o fato de que com a bateria eletrônica não há uma necessidade especial para o local da aula, pois o nível de som impresso é relativamente baixo.

Abaixo colocaremos a imagem da bateria citada, que pode servir visualmente como comparativo com a figura 2, trazida anteriormente no subitem 2.1, quando falamos da história da bateria. Aqui, observamos algumas diferenças estruturais, mas é apenas para conhecimento de nossos leitores. Detalhar essas diferenças escapa ao recorte desta dissertação.

Figura 3: Bateria Eletrônica TD-27KV



Fonte: (<https://www.roland.com/br/products/td-27kv/>)

Sobre a nossa pesquisa, é compreensível por parte do leitor pensar em como se dá essa aula online de bateria e quais são as TDIC utilizadas. Buscaremos com as entrevistas entender esse processo, mas é importante ressaltar que cada instrumento tem suas peculiaridades, o que pode facilitar ou dificultar a utilização das TDIC ou até mesmo o ensino quando pensado de forma online. Sobre isso, Gohn (2020b) explica:

“As particularidades de cada instrumento musical são determinantes no resultado de aulas on-line, especialmente no que tange a atividades síncronas. Frente as mesmas condições tecnológicas, a intensidade e a gama de frequências produzidas por diferentes instrumentos interferem na transmissão de dados, possivelmente criando demandas de equipamentos adicionais. No caso da bateria, com as características de seu conjunto de elementos percussivos, há dois fatores essenciais: a forte intensidade em potencial e as diferentes qualidades sonoras”. (GOHN 2020b).

Em relação às aulas online, Gohn (2020b) descreve que são feitas por videoconferências. Mas como o próprio autor cita em seu trabalho, por vezes como aluno e outrora como professor, vemos algumas dificuldades na execução das aulas online em relação ao instrumento bateria, pois a intensidade de seu som é difícil de ser captada para disponibilização durante as aulas. Fato que também afeta o receptor (aluno), que por sua vez também necessita tocar em sua residência ou onde está para ter sua aula, o que necessita ser um

local com tratamento acústico, ou que seja com bastante espaço para que não venha causar problemas com vizinhos e possivelmente demais moradores da sua residência. Para a captação de som são necessários microfones específicos, como cita Gohn (2020b), pois os aparelhos celulares e computadores não foram feitos para esse propósito de captação sonora. Com intuito de sanar tais problemas ou de auxiliar outros professores, Gohn, nesse mesmo trabalho, cita que alguns *sites* e profissionais da área disponibilizaram diversos modelos de trabalho com áudio e vídeo com orientações e ajustes para reduzir sons de fundo e outras informações para ajudar nessas aulas online.

Em relação a esse assunto, Gohn (2020 apud BOWMAN, 2014) descreve problemas como atraso na transmissão de som e imagem durante as aulas, além de mudanças nas dinâmicas interpessoais, limitações visuais, limitações de movimento pelo uso de fones, controles de volumes e outros.

A melhoria e investimentos que favoreçam uma melhor qualidade tecnológica tende, segundo Gohn (2010), que haja também um aumento da demanda ensino/aprendizagem a distância.

Mas como são utilizadas essas tecnologias nas aulas de bateria? Já eram utilizadas antes desse fato pandêmico? Após as aulas presenciais retornarem, houve alguma mudança? Elas continuam sendo usadas? Essas são perguntas que estão no nosso roteiro de entrevista, e buscamos ouvir dos alunos entrevistados, como se deu esse processo e como as TDIC se fazem presentes nas suas aulas.

Sendo assim, é pretendido com esse trabalho que avancemos nas pesquisas já realizadas e busquemos, junto a novas literaturas e pesquisas de campo, maior contato com o assunto tecnologia de ensino, dentro do contexto das aulas de bateria.

Sobre o conceito dos formatos de aula, encontramos Andrade (2010), que diz que a modalidade de ensino presencial é a que reúne alunos e professores em um mesmo local e ao mesmo tempo, assim possibilitando a interação direta entre alunos e professores. Já o ensino a distância, é aquele onde a aprendizagem se dá por meio das Tecnologias de Informação e Comunicação, sendo que professores e alunos não se encontram no mesmo ambiente e interagem de forma indireta, não necessariamente ao mesmo tempo (ALVES, 2011). Segundo os autores, mesmo que o ensino se dê de forma diferente, ainda assim a aprendizagem acontece, pois os conteúdos são apresentados aos alunos, que devem se adaptar para aprender.

Com os dados apontados pelos autores e pensando-se na utilização das tecnologias no ensino de bateria, fica mais claro entendermos termos que surgiram ao longo da nossa busca por materiais acadêmicos que apoiassem a escrita. Termos esses como EaD (Educação a Distância), que é um curso que utiliza as TDIC, mas têm em seu plano de curso uma forma estruturada e pensada para acontecer de forma online; o ERE (Ensino Remoto Emergencial), que foi justamente esse período em que os professores foram surpreendidos e passaram de forma repentina a oferecerem suas aulas de forma online e com a utilização das TDIC, mas sem uma prévia elaboração e preparação para que sua aula pudesse acontecer.; já o terceiro termo que aparece e que foi utilizado no CEP-EMB, é o EMT (Ensino Mediado por Tecnologia), que pode transitar entre os outros dois termos utilizados passado o tempo de proibição das aulas presenciais. Hoje pode, de certa forma, ser inserido nessas aulas presenciais e utilizado nas aulas online, mas com um certo preparo e aperfeiçoamento ao longo de sua utilização, mas sem ser nomeado como um curso propriamente dito a distância.

Krüger (2006) defende que o estudo da tecnologia aplicada à Educação Musical estivesse presente nas universidades, pois, segundo ela, as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) são relevantes na formação dos novos educadores musicais nos cursos de licenciatura em música.

Gohn (2007) alerta sobre a problemática de muitos professores não dominarem as tecnologias, que os deixam receosos de utilizá-las em contexto educacional.

Com esses trabalhos podemos observar que há muitos anos já se fala sobre o aumento da utilização dessas tecnologias para auxiliarem o aprendizado dos alunos ou até mesmo para o auxílio dos professores. Sendo assim, a utilização das TDIC não é um fato novo dentro do ensino/aprendizagem, mas que se tornou mais necessário e/ou recorrente nesse processo.

Nas leituras realizadas para construção deste trabalho, constatamos a evolução dos aparelhos eletrônicos e uma atualização nas nomenclaturas utilizadas em trabalhos acadêmicos. Como exemplo, vemos Santos Junior (2017) escrever sobre as TIC, sigla utilizada para descrever as Tecnologias da Informação e Comunicação. Anos depois, Marins (2022) escreve sobre as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, as atuais TDIC.

Marins (2022, apud Moura e Souza, 2015, p. 3-4) explica o que são tais tecnologias, e as descreve como todos os meios técnicos usados para tratar a informação e auxiliar na comunicação. Ou seja, são quaisquer formas de transmissão de informações e correspondem a

todas as tecnologias que interferem e mediam os processos informacionais e comunicativos dos seres. É fato que, para que haja tal comunicação entre esses seres, aluno e professor, de forma que o ensino/aprendizagem ocorra de maneira favorável enquanto se faça a utilização das TDIC durante a aula de bateria, é necessário que se tenha o domínio de tais tecnologias. Sobre isso, Galizia (2009); Gohn (2008, 2010b); Krüger (2006); Weber (2012) discorrem em seus trabalhos sobre a importância do domínio das ferramentas tecnológicas pelos profissionais da Educação Musical e defendem que o estudo desse tipo de tecnologia esteja presente na universidade, nos cursos superiores de música. Mas Gohn (2020b) relata a realidade dos professores, que foram, segundo ele, surpreendidos pela pandemia de Covid-19, direcionando suas aulas para o formato online, impelindo-os na escolha entre duas opções iniciais: atividades assíncronas (sem a necessidade de que alunos e professores estejam conectados ao mesmo tempo), e atividades síncronas (são aquelas em que é necessária a participação do aluno e professor no mesmo instante e no mesmo ambiente – nesse caso, virtual). O referido autor ressalta ainda que no interesse ou na obrigação de manter suas atividades, muitos professores começaram a lecionar via internet.

Nesse pensamento, a literatura nos apontou que a utilização das TDIC no ensino da bateria é uma realidade e uma crescente, apontando como motivo principal o fato pandêmico que tornou o ensino presencial em remoto, no ano de 2020. A literatura trouxe também as respostas a esse problema e como foram solucionados ou como foram essas tentativas, mas que de toda forma hoje nos trazem um novo panorama dentro da Educação Musical. Observar como foi essa mudança se torna mais fácil do que entendê-la, mas com as leituras feitas, e seus autores citados, nos norteiam para caminhos futuros no ensino/aprendizagem musical e de certa forma nos auxiliam em nossas atividades cotidianas.

2.4 Aprendizagem - Visão do Aluno no Ensino de Instrumento

Qual é a visão do aluno? Como ele percebeu as mudanças no ensino/aprendizagem? Como ele se encontrou ou quais foram as suas reações quando deparado com a utilização das TDIC no ensino da bateria? Essas perguntas geraram a curiosidade sobre o tema, mas olhar para o aluno se deu a partir do momento em que começamos a observar o tema proposto e ler as referências disponíveis sobre o mesmo. Daí percebemos um maior número sobre o ensino, e em percentuais bem menores, a questão da aprendizagem. Vejam pelo quadro 2 (dois), trazido

no capítulo 2 (dois), que dentro dos 29 (vinte nove) trabalhos utilizados para base desta dissertação, 23 (vinte e três) falam sobre o ensino. 2 (dois) citam ensino e aprendizado, e apenas 4 (quatro) falam sobre a aprendizagem, trazendo como resultado um menor número de trabalhos relacionados na visão do aluno.

Em relação a esses dados, fizemos uma rápida pesquisa nas bases de dados já mencionadas, onde procuramos trabalhos com a palavra “visão do aluno”, e abaixo colocarei um quadro com o resultado dessa busca. Quadro 3: Trabalhos encontrados sobre a

Visão do Aluno

	Banco de Dados			
	CAPEs	BDTD	Google Acadêmico	Daniel Gohn
TOTAL	4.921	3.816	6.580	0

Fonte: Autor

Sobre o quadro acima, ele é em relação ao número total de trabalhos encontrados com a palavra-chave “visão do aluno”, não se importando neste momento se o trabalho é sobre música ou se tem alguma relação com o meu trabalho. Como exemplo temos o site do Dr. Daniel Gohn, que consta com 43 (quarenta e três) trabalhos, sendo que nenhum deles especifica o termo “visão do aluno”, embora em alguns trabalhos que utilizamos como base para esta dissertação o escritor utilize esse termo ou similares para descrever pensamentos e resposta de alunos dentro de seus trabalhos.

Sobre o aprendizado ou a aprendizagem como estamos tratando nesta dissertação, Medeiros (2020) comenta que por meio da Educação Musical, podemos visualizar e ensinar a música valorizando o aluno e não as questões de estereótipos musicais muitas vezes estabelecidos pelo professor. Já Gohn (2009) escreve que para aqueles que estão interessados em aprender, há uma preocupação em integrar as tecnologias da comunicação nos processos educacionais, vencendo as dificuldades relacionadas às distâncias, para que os conteúdos cheguem a esses alunos. Zeve (2000, apud FICHEMAN, LIPAS, KRÜGER e LOPES, 2003) diz que é fundamental que a aprendizagem ocorra de forma colaborativa, pois as interações entre os alunos facilitam e estimulam esse processo. Esse é um dos pontos encontrados quando pesquisamos sobre a aprendizagem, mas se torna mais complicado encontrar relatos de alunos sobre como está se dando seu aprendizado e como estão suas aulas. Pretendemos após o estudo de entrevista poder auxiliar nessas questões.

Em relação a como pode ocorrer o aprendizado para os alunos, encontra-se no trabalho de Gohn (2016) as formas de percepção do ouvinte, nesse caso o aluno, sobre o material disponibilizado via internet para suas aulas, com a utilização das tecnologias aliadas à aprendizagem. O autor traz o comentário sobre a possibilidade de se diminuir a velocidade da gravação, o que segundo ele, no caso da bateria que tem alturas não definidas, não haveria problema, mas em instrumentos com altura definida ocorre um prejuízo, pois há uma perda na qualidade, o que dificulta para o aluno em sua própria execução. Ou seja, esse é um fato que não ocorre na aula presencial, pois o professor pode executar o exercício de forma mais lenta e mostrar para o aluno. Fato que também pode ocorrer em uma aula online, com auxílio das TDIC, mas de forma síncrona. Trago essa referência com o intuito de ressaltar um ponto que me chamou a atenção e está relacionado ao nosso tema, pois em determinados momentos podemos gravar vídeo-aulas ou apenas como complemento das aulas presenciais ou online, mas precisamos receber um retorno do aluno para saber se ele está ou não conseguindo utilizar o material oferecido.

Glaser e Fonterrada (2006), que escrevem sobre a criatividade e submissão nas aulas de música, concluindo que tais processos dependem de uma atitude de não censura extrema, de não controle excessivo e na aceitação das contribuições pessoais do aluno, onde segundo as autoras, quando os alunos se colocam em uma relação de submissão ao estudo, podem realizar as tarefas dentro do esperado, mas não estarão tendo experiências com autenticidade, o que impede que elas sejam consideradas sob um enfoque criativo. Elas comentam ainda que, para se gerar produtos consideráveis socialmente criativos, o processo de ensino/aprendizagem do instrumento precisa contribuir para que a relação do aluno com o ambiente esteja pautada na criatividade, em todos os aspectos.

Medeiros (2020) descreve sua dissertação de mestrado utilizando como objeto o ensino do contrabaixo elétrico, por meio de aulas centradas no aluno, e faz uma análise com alunos do curso de licenciatura em música da UnB, buscando verificar apontamentos sobre uma aula desse instrumento centrada no estudante. Tal estudo se deu por meio de entrevista e reflexões sobre as possíveis respostas encontradas, além de ações a cada perfil de indivíduo selecionado para esse estudo. O trabalho contou também com levantamentos bibliográficos para se entender a questão do ensino e aprendizagem centrados no discente dentro do contexto da aula de contrabaixo elétrico, e por meio de uma pesquisa-ação o autor conseguiu mapear pontos sobre o universo musical dos alunos no intuito de se construir um diálogo com o ensino do

instrumento centrado no estudante. Ao final de seu estudo, Medeiros (2020) conclui que se faz necessário um planejamento que aponte ao aluno novos horizontes, lhe permitindo transitar sobre seu universo musical com possibilidade de expansão, onde a aprendizagem está conectada a sua vivência com a música, mas o planejamento resultante da escuta será por parte do professor, e personalizado ao ambiente do aluno, mas não limitado a esse meio.

Como aluno, em vários momentos não fui perguntado como estava me sentindo sobre o ensino ofertado e, conseqüentemente, sobre como estava se dando minha aprendizagem. Como professor, tenho consciência que no intuito de passar o conteúdo proposto, em alguns momentos também não proporcionei ao meu aluno esta oportunidade de fala. Mas com a experiência de sala de aula até esse determinado momento, entendo também que, de modo informal, dentro do decorrer da aula, o professor consegue, em partes, captar ou entrever se o aluno tem absorvido o conteúdo e se sua aprendizagem tem se dado de forma favorável.

Mas a pesquisa se dará de fato importante para que tragamos resultados formais para o meio acadêmico musical?

Dada a seguinte indagação esperamos contribuir de forma favorável, aliando-se aos demais autores citados. Olhando para esse subitem, podemos observar que por mais que os relatos e os números descrevam uma menor quantidade de trabalhos sobre o assunto visão do aluno, ainda assim existem autores que contribuem com pesquisas sobre o tema, mesmo que de forma indireta. Em alguns casos, encontramos o assunto de forma discreta, sem um foco principal, mas que de certa forma contribuiu com nossa escrita e que colabora com o cenário acadêmico musical.

3 Metodologia

Neste capítulo colocaremos como se deu a parte metodológica do nosso trabalho, os fundamentos e termos gerais da nossa escrita, e nele alguns autores serviram como “norte” para esse tópico. Para isso podemos citar Fontelles, Simões, Farias e Fontelles Renata (2009), que não estão especificamente falando sobre o educar, ou sobre o ensino de uma forma direta, mas constroem um artigo sobre a metodologia da pesquisa científica com intuito de proporcionar diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa, mostrando os aspectos metodológicos da organização estrutural desse protocolo. Fato que associa indiretamente ao ensino e que me auxiliou em meu trabalho. Além disso, buscaram discutir os diferentes tipos de pesquisa e as linhas gerais para o desenvolvimento de um projeto científico. Os autores utilizam como método para sua pesquisa, um criterioso levantamento bibliográfico na literatura científica, a partir da compilação de trabalhos publicados em revistas, livros especializados e em bases de dados da rede BIREME. Após a pesquisa, concluíram que são fundamentais para a obtenção do sucesso na realização de um projeto de pesquisa científica o entendimento dos diferentes tipos de estudos científicos e suas respectivas classificações, assim como a escolha do método que melhor se aplica à questão da pesquisa e aos seus objetivos.

Outro trabalho que norteou nossa escrita metodológica foi o de Pereira (2013), que apresenta considerações teórico-metodológicas sobre a escrita de pesquisas as quais são denominadas pelo autor como “estado do conhecimento”, apresentando-se ao leitor uma proposta de distinção entre esse termo e o chamado “estado da arte”, entrelaçando-se sobre a permanência de práticas tradicionais típicas dos Conservatórios de Música nas instituições contemporâneas de Ensino Superior, apresentados em sua tese de doutorado. O autor observou que vários estudos já vinham identificando a permanência e manutenção dessas práticas, e sinalizando a necessidade de reformas. No entanto, segundo ele, tal fato acabou por sublinhar a força explicativa do conceito Bourdesiano de *habitus*, possibilitando a construção da noção de *habitus conservatorial* e, para o autor, uma ferramenta teórica que norteou a análise dos documentos curriculares de alguns cursos de Licenciatura em Música do Brasil.

Esses trabalhos e outros como de Santos Júnior (2017), Lessa (2015) e Silva (2019) nos auxiliaram a entender os termos e aspectos teóricos de nossa pesquisa.

Demo (2000, p.20 apud PRODANOV e FREITAS, 2013) traz um conceito que a pesquisa está ligada ao procedimento de fabricação do conhecimento e da aprendizagem, sendo

também parte integrante de todo processo reconstrutivo de conhecimento. Prodanov e Freitas (2013) trazem ainda a seguinte contribuição sobre a pesquisa:

A pesquisa científica é a realização de um estudo planejado, sendo o método de abordagem do problema o que caracteriza o aspecto científico da investigação. Sua finalidade é descobrir respostas para questões mediante a aplicação do método científico. A pesquisa sempre parte de um problema, de uma interrogação, uma situação para a qual o repertório de conhecimento disponível não gera resposta adequada. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 43).

Nesse contexto podemos observar a importância da pesquisa para a aquisição de um conhecimento específico e que assim venha corroborar com a aprendizagem, neste caso, dos alunos do CEP-EMB, auxiliando-os nessa construção. Assim, buscamos descobrir respostas que para nós surgiram de um problema que afetou a toda parte educacional das escolas, e com isso observar como esse processo ocorreu, na tentativa de embasar possíveis ações futuras. Desse modo, nossa busca é no que diz Prodanov e Freitas (2013), pois de forma simplificada, pesquisar é procurar respostas para indagações propostas, ou seja, buscar conhecimento.

Pensando em categorizar nossa pesquisa, utilizando os autores Prodanov e Freitas (2013) dentro das classificações da pesquisa, podemos entender nosso trabalho, que segundo o ponto de vista da sua natureza, seja uma pesquisa “aplicada”, que tem como objetivo gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos. Quanto ao ponto de vista de seu objetivo, a pesquisa pode ser classificada como “descritiva”, pois tem um papel de analisar e ordenar os dados, mas sem manipulá-los. Quanto ao ponto de vista dos procedimentos técnicos, ou seja, como obtemos os dados necessários para a elaboração da pesquisa, podem ser entendidos como “de levantamento”, pois a pesquisa envolveu a interrogação direta, por meio de um questionário de entrevista, com alunos cujo comportamento desejávamos conhecer. Por último, observando a pesquisa do ponto de vista da forma de abordagem do problema, podemos a classificar como “qualitativa”, onde a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados, os pesquisadores tendem a analisar seus dados de forma incontestável, e o processo e seu significado são os focos principais de abordagem.

3.1 Entrevista Semiestruturada

A ideia inicial desta dissertação sempre foi a de dar voz ao aluno, e de certa forma tentar entender o processo da utilização das TDIC nas aulas de bateria por meio da visão daqueles que participaram do processo de ensino/aprendizagem em uma faixa temporal, pré-estabelecida

para escrita deste trabalho. Sendo assim, fez-se necessário ouvir esses alunos para tentarmos compreender como se deu tal recorte dentro da aprendizagem da bateria. Como parte fundamental da nossa pesquisa na busca de dar voz ao aluno dentro desse processo educacional, buscamos esses dados ou informações através de uma entrevista, que segundo Santos Júnior (2017 apud GIL, 2002), pode ser utilizada como uma técnica para se coletar dados, pensando-se em respostas que não foram encontradas por meio de um questionário. Apoiando a eficácia do levantamento de dados por meio da entrevista, Santos Júnior (2017 apud MONTANDON, 2008, p. 1) afirma que tal eficácia se dá pela entrevista trazer um levantamento onde novos conhecimentos surgem a partir do universo pessoal de cada indivíduo.

Para Prodanov e Freitas (2013), a entrevista é a obtenção de informações de um entrevistado sobre determinado assunto ou problema, e constitui-se em técnicas de levantamento de dados primários, com grande importância à descrição verbal de informantes, podendo ser estruturada, não-estruturada ou painel.

Dentro das opções de entrevista, optamos então por uma entrevista não estruturada, ou semiestruturada, conhecida também como semidiretiva ou semiaberta. Nessa forma de entrevista, o pesquisador utiliza um roteiro previamente elaborado, com foco em um assunto a sua escolha, e através de mais perguntas o entrevistador pode complementá-la com outras questões que possam surgir durante a entrevista (LESSA, 2015). Manzini (2004, apud LESSA, 2015) ressalta o fato de que, com a entrevista semiestruturada, podem surgir respostas mais livres, que segundo a autora não estão condicionadas a uma padronização de alternativas. O mesmo argumento é utilizado por Lakatos (2003, apud SILVA, 2019), que escreve que esse tipo de entrevista é conhecido também por despadronizada ou não-estruturada, e que tem como objetivo identificar a percepção desses sujeitos quanto à sua colocação no universo de suas formações, além de que propicia ao pesquisador intervir, reformular, ajustar e esclarecer melhor os fatos, na intenção de ser compreendido e assim obter êxito em sua pesquisa.

Para a confecção do questionário e elaboração da entrevista seguimos alguns passos e nos atentamos ao que Lessa (2015) trata em seu trabalho sobre a preparação que antecede a entrevista semiestruturada. Segundo a autora, faz-se necessário, antes da realização da entrevista, uma preparação específica que envolve o conhecimento prévio do entrevistado e do campo, e de uma organização do roteiro ou formulário. Ela completa alegando que para obtenção de bons resultados durante o andamento da entrevista é importante que o entrevistador estabeleça uma relação de confiança, cordialidade e amistosidade com o entrevistado.

Antes de aplicarmos o roteiro definitivo na entrevista, optamos por fazer um roteiro piloto, para observarmos se a locução dos pontos a serem abordados estavam sendo bem transmitidas e compreendidas. Sendo assim, fizemos esta primeira entrevista com um aluno também do CEP-EMB, mas que não participou da entrevista final. Lessa (2015 apud MARCONI; LAKATOS, 2010) coloca que o estudo piloto é também chamado de pré-teste, utilizado para mostrar possíveis falhas contidas no questionário a ser aplicado, além de oportunizar a verificação da fidedignidade, validade e operatividade do questionário, proporcionando uma estimativa sobre os resultados.

O processo para seleção desse aluno ocorreu após contato com um dos professores do CEP-EMB, onde esse professor foi informado sobre a pesquisa, e solicitei a indicação de um aluno para responder à entrevista do roteiro piloto. Esse roteiro inicial contava com 10 (dez) perguntas, que foram feitas por telefone, utilizando o *WhatsApp*¹². Após a execução dessa entrevista inicial, as respostas foram avaliadas, mas com o intuito de observar se a entrevista poderia de fato ser objetiva no alcance dos resultados a serem alcançados. Com os dados, observamos que seria necessário a reformulação parcial desse roteiro, que foi reduzido a 7 (sete) perguntas, focando na utilização das TDIC, no processo que regeu as aulas durante o período do EMT no CEP-EMB.

Os dados da pesquisa, assim como o discorrer da mesma e seus resultados, serão trazidos posteriormente no capítulo 4 (quatro), apresentação e análise dos dados.

3.2 Lócus da Pesquisa

Começamos este subtítulo procurando descrever o CEP-EMB e como funcionam as aulas de bateria em suas dependências.

CEP-EMB, ou como é mais conhecida popularmente em Brasília, Escola de Música de Brasília, ou ainda apenas como Escola de Música, é uma escola de educação musical localizada no endereço SGA/Sul Quadra 602 Projeção D Parte A - Asa Sul, Brasília - DF, CEP 70200-030, com funcionamento de suas aulas de segunda a sexta-feira nos horários de 8 (oito)

¹² Aplicativo de mensagens e chamadas de áudio e vídeo para celular.

horas às 12 (doze) horas no período matutino, das 14 (quatorze) horas às 18 (dezoito) horas no período vespertino e das 19 (dezenove) horas às 23 (vinte três) horas no noturno.

Segundo a proposta pedagógica do CEP-EMB, disponibilizado em seu site oficial, <https://www.escolademusicadebrasil.com>, a Escola de Música de Brasília – EMB surge a partir de dois movimentos de grupos musicais interessados em difundir a educação musical no Distrito Federal, que segundo eles são estes movimentos:

“O primeiro movimento teve início por volta de 1961 em Taguatinga, por ocasião do ingresso de Levino de Alcântara na Fundação Educacional do Distrito Federal (FEDF), que proporcionava atividades de canto coral junto com um pequeno núcleo de instrumentos de orquestra no Centro de Ensino Médio Ave Branca” (CEMAB) (MATTOS, A.; PINHEIRO, R.G., 2007, p.1).

“O segundo movimento partiu da iniciativa de Reginaldo Carvalho, que fundou em 1962 no Plano Piloto o Centro de Estudos Musicais Villa-Lobos (CEMVL). Este Centro funcionava inicialmente no CASEB, onde o ensino de música era também oferecido a estudantes da rede pública, em componentes curriculares como violão e harmonia, ministradas pelo professor João Tomé; piano, teoria e solfejo pela professora Neuza França (autora do Hino a Brasília); contrabaixo pelo professor João Vieira e arranjo coral e prática de atividade vocal, no chamado Coral de Brasília, conduzidas pelo próprio Reginaldo Carvalho. Integraram este coral, músicos – alguns deles hoje nacionalmente conhecidos: Ney Matogrosso, José Estevão Gonçalves, José Claver Filho, Patrick Soudant, Guilherme Vaz, Carlos Galvão, Laura Conde, Luiz Carlos Czeko e Vanda Oiticica. Posteriormente, em 1963, as antigas atividades do CEMVL passaram a funcionar no CEMEB, Centro de Ensino Médio Elefante Branco, também pertencente à FEDF, na quadra 908 Sul do Plano Piloto” (MATTOS, A.; PINHEIRO, R.G., 2007, p.1).

Para complemento histórico deste trabalho, é importante ressaltar que somente em 1985 foi implantado o núcleo de música popular, dando início assim ao curso de bateria. Em 1998, com registro de 36 cursos de Educação Profissional de nível Técnico no Ministério da Educação (MEC), de acordo com a nova LDB, Lei 9394/ e o decreto 2.208/97, a Escola de Música de Brasília passou a ser denominada de CEP-EMB, Centro de Educação Profissional Escola de Música de Brasília. Ressaltamos ainda que além desses cursos técnicos, também se mantiveram 58 (cinquenta e oito) cursos de nível Básico. A partir daí, os cursos passaram a ser divididos em Básico e Técnico, sendo essa segunda opção cursos de Educação Profissional Técnica de Nível Médio, nas modalidades concomitantes e subsequentes ao ensino regular, tendo por objetivos a formação e a qualificação para o exercício de atividades profissionais. Em relação ao tempo de curso, o básico tem duração de 6 (seis) semestres, e o Técnico duração de 4 (quatro) semestres. O curso técnico já contou com até 8 (oito) semestres, mas foi diminuído ao longo dos anos para se adequar ao tempo de duração dos demais cursos técnicos regidos pelo MEC. Os semestres dos cursos são nomeados por letras e divididos por números, sendo o curso Básico

representado pela letra “B”, e assim dividido em B1, B2, B3, B4, B5 e B6, onde “B1” é o primeiro semestre a ser cursado e “B6” o último do curso Básico em Bateria. Já o curso Técnico é representado pela letra “T”, e como sua duração é de apenas 4 (quatro) semestres, sua representação numérica é de T1, T2, T3 e T4, sendo “T1” para o primeiro semestre em que o aluno inicia seu curso, e “T4” para o último semestre de sua formação.

O ingresso no CEP-EMB é por meio de avaliação (prova). No quadro 3 e 4, coloco as informações do último certame ocorrido durante a escrita desta dissertação, e disponibilizado no EDITAL Nº 56, DE 10 DE NOVEMBRO DE 2022, da Secretaria de Estado de Educação e registrado no Diário Oficial do Distrito Federal, Nº 212, SEXTA-FEIRA, 11 DE NOVEMBRO DE 2022, para aprovação e preenchimento de vagas para o ano letivo de 2023 nos cursos Básico e Técnico em Bateria, correspondentemente.

Assim, segue o quadro com informações e pré-requisitos para a avaliação de ingresso nos cursos de Bateria do CEP-EMB.

Quadro 4: Informações e pré-requisitos para a avaliação de ingresso no curso Básico

3.14.1 Cursos Técnicos de Nível Médio em Instrumento Musical						
Curso	Vagas por Turno					
	Matutino		Vespertino		Noturno	
	Ampla Concorrência	Pessoas com deficiência ou TEA	Ampla Concorrência	Pessoas com deficiência ou TEA	Ampla Concorrência	Pessoas com deficiência ou TEA
Bateria	02	00	00	00	03	00
Os pré-requisitos, a forma de ingresso e as orientações gerais para o ingresso nos cursos acima elencados estão explicitados a seguir.						
Pré-requisitos	1) ter conhecimento musical prévio no instrumento pretendido e também em Teoria e Percepção Musical, correspondente aos conteúdos, do curso de Qualificação Profissional - Básico Instrumental; 2) comprovar, no ato da matrícula, estar cursando ou ter concluído o Ensino Médio; 3) ter idade mínima de 15 anos para vagas nos turnos matutino e vespertino e 16 anos para vagas no turno noturno, comprovados no ato da matrícula.					
Forma de ingresso	O Processo Seletivo será realizado em duas etapas: 1ª) Teste Prático Individual Presencial (para alguns cursos) ou Virtual (para outros cursos) e Entrevista com o candidato, conforme quadro do item 5.3; 2ª) Teste de Teoria e Teste de Percepção Musical no seguinte formato:					

	<p>a) instrumentos de Música Erudita: Virtual; b) instrumentos de Música Popular: Presencial.</p>
Orientações gerais	<ul style="list-style-type: none"> - O candidato deverá apresentar as peças determinadas pelo Edital constantes no Anexo Único. Tais peças obrigatórias deverão ser executadas no Teste Prático Individual perante a banca organizadora no dia da avaliação, para os instrumentos de prova presencial. Para os instrumentos cujas provas serão no modo virtual, enviar o link (acessível, listado) no formulário de inscrição no site (www.educacao.df.gov.br); - Participará da 2ª Etapa (Teste de Teoria e Teste de Percepção Musical) o candidato que obtiver nota igual ou superior a 7 (sete) na 1ª Etapa; - Será aprovado na 2ª Etapa (Teste de Teoria e Teste de Percepção Musical) o candidato que obtiver a soma das notas nesses dois testes igual ou superior a 5 (cinco); - O resultado final do Processo Seletivo para o Curso Técnico de Nível Médio será calculado pela média ponderada das notas obtidas na 1ª e 2ª Etapas, observados os respectivos pesos; - Será aprovado, o candidato que obtiver nota final, média ponderada, igual ou superior a 6,5 (seis vírgula cinco); - Em caso de empate, a preferência será do candidato que obtiver a MAIOR nota no Teste Prático Individual de Instrumento Musical; - O segundo critério de desempate será a MAIOR nota no Teste de Teoria; - O terceiro critério de desempate será a MAIOR nota no Teste de Percepção Musical; - O quarto critério de desempate será o candidato que tiver a MENOR idade.

Fonte: <https://www.escolademusicadebrasil.com>. Acesso 14 de fevereiro de 2022 as 09:45

Quadro 5: Informações e pré-requisitos para a avaliação de ingresso no curso Técnico

3.15.2 Cursos de Qualificação Profissional em Instrumento Musical - Entrada por Teste Prático						
Curso	Vagas por Turno					
	Matutino		Vespertino		Noturno	
	Ampla Concorrência	Pessoas com deficiência ou TEA	Ampla Concorrência	Pessoas com deficiência ou TEA	Ampla Concorrência	Pessoas com deficiência ou TEA
Bateria	04	02	01	00	00	00
Os pré-requisitos, a forma de ingresso e as orientações gerais para o ingresso nos cursos acima elencados estão explicitados a seguir.						
Pré-requisitos	<p>1) O candidato deverá ter mínimo conhecimento musical prévio;</p> <p>2) comprovar, no ato da matrícula, estar cursando ou ter concluído o 8º ano do Ensino Fundamental;</p> <p>3) ter idade mínima de 15 anos para vagas nos turnos matutino e vespertino e 16 anos para vagas no turno noturno, comprovados no ato da matrícula.</p> <p>Observação: para os cursos de canto erudito e canto popular a idade mínima para o sexo masculino em qualquer um dos turnos é de 17 anos.</p>					
Forma de ingresso	<p>O Processo Seletivo será realizado em etapa única, composta de teste prático individual e Entrevista com o candidato com envio de vídeo contendo o programa musical solicitado no ato da inscrição para Banca Examinadora Local, quando na modalidade de seleção VIRTUAL. Quando na modalidade de seleção PRESENCIAL, o candidato deverá realizar o programa musical solicitado para a Banca Examinadora Local, em data e horário previsto segundo o quadro 5.1.</p>					
Orientações gerais	<ul style="list-style-type: none"> - Para a realização do teste prático no instrumento pretendido, o candidato deverá ter o instrumento, acessórios e partituras; - No modo virtual, a entrevista deverá ser encaminhada à banca organizadora no ato da inscrição no site www.educacao.df.gov.br. Quando presencial, esta será realizada perante a Banca Examinadora no dia da prova prática, conforme quadro no item 5.1. Cursos no modo de seleção virtual ou presencial, segundo o especificado no quadro do item 5.5.1. - Será aprovado para o Curso de Qualificação Profissional - Básico Instrumental o candidato que obtiver nota final igual ou superior a 6,5 (seis vírgula cinco); - Em caso de empate, a preferência será do candidato que obtiver a MAIOR nota no Teste Prático de Instrumento Musical ou Canto; - o segundo critério de desempate será o candidato que tiver a MENOR idade. 					

Fonte: <https://www.escolademusicadebrasil.com>. Acesso 14 de fevereiro de 2022 as 09:45

No intuito de sanar possíveis dúvidas e esclarecer os termos utilizados, informamos que o “teste prático” intitulado no quadro 5 refere-se a prova de proficiência no instrumento. Neste caso, a bateria.

Em sua proposta pedagógica, o CEP-EMB, na perspectiva dos Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Profissional de Nível Técnico para Área de Artes (RCNEPTNM), declara como seu objetivo que o ensino da música deverá permitir que o aluno não venha apenas se especializar no seu instrumento, mas que gere nele o entendimento de que a música vai muito

além de ser apenas um acompanhamento. O CEP-EMB procura também, dentro da visão do RCNEPTNM, oferecer aos alunos, vistos como futuros artistas, uma formação que vise colaborar na construção do entendimento da necessidade de aquisição de uma bagagem cultural e na sensibilização quanto ao ambiente em que eles irão atuar. Como complemento, o CEP-EMB entende que é sua responsabilidade oferecer uma formação que permita ao indivíduo desenvolver plenamente todas as suas potencialidades e transitar entre as diferentes propostas artístico-profissionais (CEP-EMB, 2020).

Abaixo, coloco na Figura 4 uma imagem referente ao objetivo geral e os específicos escritos na proposta pedagógica do CEP-EMB.

Figura 4: Objetivo Geral e Específico do CEP-EMB

5.1 Objetivo Geral

- Oferecer aos futuros “profissionais-artistas” uma formação que vise contribuir para construir em seus educandos a compreensão da necessidade de adquirirem uma excelente bagagem cultural e para sensibilizá-los quanto ao ambiente em que eles vão atuar.
- Formar estudantes atuantes, capacitando profissionais qualificados para expandir o trabalho musical em suas várias vertentes, pautando-se, por um lado, nas demandas do trabalho do músico e, por outro, na formação de valores que contribuam para uma sociedade mais justa;
- Formar cidadãos músicos, isto é, profissionais conscientes de sua responsabilidade na qualidade de artistas, capazes de exercer sua profissão no mundo do trabalho e com condições para dar prosseguimento a seus estudos em nível de graduação;

5.2 Objetivos Específicos

- Formar e certificar técnicos de nível médio nas áreas de atuação institucional, capazes de atender as necessidades sociais e as demandas do mundo de trabalho, local, regional, nacional e internacional;
- Formar e certificar para o exercício profissional na área técnica.
- Qualificar e requalificar jovens e trabalhadores, para atuarem nos níveis intermediários do processo de produção nas áreas de atuação do CEP-EMB;
- Abordar o ensino profissional e humanista, mantendo o foco no estudante e na prática musical, integrando componentes curriculares, valorizando, em todos os momentos do curso, a qualidade musical do material ensinado e estimulando a criatividade e o empenho nos estudos com vistas à plena satisfação no fazer musical;
- Preparar os estudantes para ser agentes da difusão da arte musical e para atuar com valores éticos e morais pertinentes nas suas relações interpessoais;
- Capacitar os estudantes para atividades ligadas à produção cultural e à organização de eventos;
- Prover formação aos estudantes do CEP-EMB dentro de padrões de excelência profissional, oferecendo-lhes oportunidades de participação em grupos de formações diversas (orquestras, bandas, coros, quintetos, quartetos, trios, duos, etc.) e em festivais (locais, nacionais e internacionais);
- Formar pessoas com conhecimentos consistentes de modo que saibam onde buscar os recursos teórico-práticos necessários ao seu aperfeiçoamento e aprimoramento nas técnicas do universo da música.

Fonte: <https://www.escolademusicadebrasil.com>. Acesso 14 de fevereiro de 2022 as 09:45

Segundo seu projeto pedagógico vigente, o CEP-EMB é organizado e estruturado da seguinte forma:

- Cursos a partir de 15 anos de idade
 - Cursos em Instrumento Musical e Canto
 - TECMUS – Processos Fonográficos e Documentação Musical
 - Regência

- FIC's (Formação Inicial e Continuada)
 - ✓ Curso Básico Instrumental
 - ✓ Curso Aperfeiçoamento
 - ✓ Arranjo
 - ✓ Coro Cantares
 - ✓ Iluminação de Palco
 - ✓ Elementos
 - ✓ Regência
- Projetos Permanentes
 - ✓ Madrigal de Brasília
 - ✓ Musicalização Infanto-juvenil (de 8 anos a 14 anos)

Nessa formatação, o curso de bateria se encontra dentro dos Cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC), que são cursos destinados a qualificação, requalificação e profissionalização, voltados à formação musical de estudantes sem conhecimento musical prévio ou para aqueles que já tenham iniciação musical.

Hoje, os cursos Básicos, conhecidos como FIC, são nomeados como “Qualificação Profissional”.

Quanto ao Curso Técnico, que também conta com um curso específico de bateria, é nomeado como Curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio, e tem como objetivo a formação e a qualificação para o exercício de atividades profissionais.

Em relação à avaliação para ingresso no CEP-EMB, o interessado deve se inscrever para fazer a prova de seleção, que é dividida em Curso Básico ou Técnico, e por turno, cabendo ao candidato escolher se quer tentar uma vaga no matutino, no vespertino, ou no noturno. Quanto às etapas do processo para entrada no curso de bateria, elas se dividem da seguinte forma, colocadas no quadro abaixo:

Quadro 6: Etapas da prova de seleção para ingresso no CEP-EMB

	Curso	
	Técnico	Básico
1ª Etapa	Teste Prático e Entrevista	Etapa Única – Teste Prático e Entrevista
2ª Etapa	Teste de Teoria e Teste de Percepção Musical (em grupo)	

Fonte: <https://www.escolademusicadebrasil.com>. Acesso 14 de fevereiro de 2022 as 09:45

Todas as etapas são eliminatórias e classificatórias, e para ambos os cursos as etapas da avaliação ocorrem de forma presencial para os cursos de bateria.

Quanto à primeira etapa da avaliação para o Curso Técnico em Bateria, ela é dividida em 3 (três) partes, sendo:

- 1- a entrevista;
- 2- o candidato deverá tocar, na bateria, 4 (quatro) ritmos, sendo eles samba, latino, maracatu e o pop/rock;
- 3- o candidato tem de realizar um solo de bateria em estilo livre, mas seguindo a forma de 8 (oito) compassos de ritmo, mais 8 (oito) compassos de solo, mais 8 (oito) compassos de ritmo e por fim mais 8 (oito) compassos de solo.

No edital é disponibilizado também o Conteúdo do Teste de Teoria Musical, além do Conteúdo do Teste de Percepção Musical que serão aplicados na segunda fase.

A avaliação dos candidatos do curso Básico em Bateria é feita em uma fase única, que compreende em o candidato tocar na bateria os ritmos de bossa nova, baião e pop/rock. O candidato precisa executar os ritmos com repetição mínima de 8 (oito) compassos e no máximo 16 (dezesesseis) compassos.

Sobre o espaço físico para as aulas de bateria, os cursos contam com um bloco dentro da estrutura do curso de música popular. São duas salas, com duas baterias, uma para o aluno e outra para o professor, além uma sala de percussão popular, uma sala de percussão erudita e duas salas equipadas para prática de conjunto, ambas com uma bateria cada. Os alunos frequentam também outros blocos dentro do CEP-EMB para cursarem as outras matérias teóricas e de práticas rítmicas, além dos auditórios, para aulas de performance e nas apresentações públicas e avaliações práticas. Todas essas práticas e avaliações estão compreendidas dentro do conteúdo programático dos cursos Técnico e Básico em Bateria, os quais coloco nos anexos para conhecimento dos leitores.

Sobre as aulas de bateria, são individuais e de 55 (cinquenta e cinco) minutos, sendo uma aula prática de instrumento por semana no curso Básico, até o nível B4. A partir dos níveis B5 e B6, os dois últimos semestres do Curso Básico, e o Curso Técnico inteiro, passam a ser aulas de horário duplo de instrumento. Os alunos fazem também aulas teóricas e práticas de conjunto, correspondentes aos seus níveis, dentro do conteúdo programático de cada curso.

Em dados disponibilizados pelo Censo Escolar do segundo semestre de 2022, eram 32 (trinta e dois) alunos do nível Básico e 3 (três) alunos do nível Técnico. Os dados do ano atual ainda não estão disponíveis, pois no período desta escrita, a secretaria do CEP-EMB está em processo de convocação de matrículas.

Dando continuidade à nossa dissertação, no próximo capítulo iremos observar as respostas das entrevistas e tentar compreender como se dá este processo de aulas e a utilização das TDIC no ensino/aprendizagem da bateria, e discutir com a literatura sobre as respostas encontradas.

Sobre os diferentes níveis dentro do cronograma curricular do curso de bateria do CEP-EMB, encontramos as informações nos quadros 7 e 8:

Quadro 7: Conteúdo programático do FIC em Instrumento Musical - Bateria

EIXOS	Módulo I		Módulo II		Módulo III	
	Bateria B1 1h/a	Bateria B2 1h/a	Bateria B3 1h/a	Bateria B4 1h/a	Bateria B5 2h/a	Bateria B6 2h/a
Instrumento e Estilos						Prática de Leitura Aplicada ao Instrumento-Básico 1 h/a
Teoria Aplicada	Teoria Aplicada e Solfejo 1 2h/a	Teoria Aplicada e Solfejo 2 2h/a	Teoria Aplicada e Solfejo 3 2h/a	Teoria Aplicada e Solfejo 4 2h/a		
	Oficina Rítmica 1 2h/a					
Performance	Rudimentos-Básico 1 1/a		Rudimentos-Básico 2 1/a	Prática de Conjunto - Básico 2h/a	Prática de Conjunto - Básico 2h/a	Prática de Conjunto - Básico 2h/a
Atividades Complementares						
CH Semanal	6h/a	3h/a	4h/a	5h/a	4h/a	5h/a
CH Semestral	120h/a	60/a	80h/a	100h/a	80h/a	100h/a
CH Anual	180h/a		180h/a		180h/a	

Fonte: <https://www.escolademusicadebrasil.com>. Acesso 14 de fevereiro de 2022 as 09:45

Quadro 8: Conteúdo programático do Curso Técnico de Nível Médio de Técnico em Instrumento Musical - Bateria

Instituição Educacional: Centro de Educação Profissional Escola De Música De Brasília Eixo Tecnológico: Produção Cultural e Design Curso: Técnico em Instrumento Musical – Bateria Modalidade: Educação Profissional Técnica de Nível Médio – Presencial Regime: Modular / Semestral Turnos: Matutino, Vespertino e Noturno				
Módulo	Eixos Temáticos	Componentes Curriculares	Pré-req.	C. Horária
I	Instrumento e Estilos	1. Instrumento Específico Bateria Técnico 1	-	40h
		2. Rudimento 1	-	40h
		3. Análise de Estilo 1	-	40h
	Teoria Aplicada	4. Percepção/Teoria/Transcrição e Solfejo 1	-	40h
	Performance	5. Prática de Conjunto Técnico 1	-	40h
Carga horária total do Módulo I				200h
II	Instrumento e Estilos	6. Instrumento Específico Bateria Técnico 2	1	40h
		7. Prática de Leitura Aplicada ao Instrumento 1	-	40h
		8. Análise de Estilo 2	3	40h
	Teoria Aplicada	9. Percepção/Teoria/Transcrição e Solfejo 2	4	40h
	Performance	10. Prática de Conjunto Técnico 2	5	40h
Carga horária total do Módulo II				200h
III	Instrumento e Estilos	11. Instrumento Específico Bateria Técnico 3	6	40h
		12. Rudimento 2	2	40h
	Teoria Aplicada	13. Harmonia das Funções Tonais 1	9	40h
	Performance	14. Prática de Conjunto Técnico 3	10	40h
		15. Performance Musical 1	10	40h
Carga horária total do Módulo III				200h
IV	Instrumento e Estilos	16. Instrumento Específico Bateria Técnico 4	11	40h
		17. Prática de Leitura Aplicada ao Instrumento 2	7	40h
	Teoria Aplicada	18. Harmonia das Funções Tonais 2	13	40h
	Performance	19. Prática de Conjunto Técnico 4	14	40h
		20. Performance Musical 2	15	40h
Carga horária total do Módulo IV				200h
Carga Horária Total do Curso				800h
Horário de Funcionamento: Matutino, Vespertino e Noturno, de segunda-feira a sexta-feira.			Hora/aula: duração 55min.	

Fonte: <https://www.escolademusicadebrasil.com>. Acesso 14 de fevereiro de 2022 as 09:45

4 Apresentação e Discussão dos Dados

Neste capítulo iremos apresentar os dados coletados com as entrevistas, observando as questões levantadas no roteiro, na tentativa de responder o objetivo geral e os específicos desta dissertação, ouvindo o aluno na sua perspectiva da utilização das TDIC no ensino online da bateria. Foi proposto para este trabalho um recorte temporal correspondente ao ERE, que alterou o ensino do CEP-EMB para um ensino Mediado por Tecnologia (EMT), e que atualmente voltou a acontecer na forma presencial. Dessa forma, os dados são referentes ao que aconteceu nesse período em que as aulas ocorreram de forma online devido à impossibilidade do ensino presencial nas escolas.

Procuramos ouvir três alunos com perfis diferentes e os nomearemos como A1, A2 e A3. A1 foi o estudante que cursou todo o seu processo de forma presencial e teve de fazer sua formatura de forma online. A2 começou seu curso de forma presencial e migrou para o ensino online. Por fim, A3, que é o aluno que já deu início ao seu curso de forma online.

Após a coleta dos dados, fizemos sua análise, a partir da qual apresentamos e discorremos sobre as respostas nos subitens subsequentes.

Este capítulo discorrerá sobre os dados da pesquisa, que se dão através de um estudo de entrevista com alunos de bateria do CEP-EMB, em uma investigação qualitativa, onde observamos fenômenos que ocorreram na aprendizagem dos alunos da Escola de Música de Brasília em um recorte temporal ajustado em relação ao EMT e posteriormente a este período. Dá-se também a busca por observar se esse foi de fato um agente de mudança dentro da escola, mas tudo sendo analisado dentro da visão dos alunos. Segundo Bresler (2000, apud SANTOS JÚNIOR, 2017), esta abordagem qualitativa é uma investigação que se dá de forma contextual e valorizando a totalidade. O autor coloca ainda que a metodologia qualitativa permite que se explorem novas direções e inovações tecnológicas em música. As respostas adquiridas por meio do questionário são, de certa forma, subjetivas dentro de um fenômeno social que acometeu o ensino não só no Brasil, e que não tem o intuito de ser pesquisado neste momento, mas buscamos entender se, de certa forma, esse fato alterou o comportamento humano dentro do tocante à utilização das TDIC dentro dos processos de ensino/aprendizagem.

A entrevista foi um momento importante da nossa pesquisa, pois nos proporcionou estar diretamente com o nosso sujeito. Ali, pudemos ouvir deles as respostas das indagações dantes

feitas em nossos processos de escrita. Com isso, conseguimos observar e ouvir alunos que estavam vivendo temporalmente uma mesma época, ainda que suas percepções possam ou não ser diferentes devido a variações sociais ou de idade, ou até mesmo outras características individuais de cada um.

O critério que utilizamos para a escolha dos sujeitos foi por meio de indicação e observação nas redes sociais em postagens de bateristas do cenário musical de Brasília em que colocaram suas aprovações e estudos no CEP-EMB. A partir daí, fizemos um breve contato por telefone, para convidá-los a participarem da pesquisa. Os três prontamente se disponibilizaram a ajudar, e então após a aplicação da entrevista piloto, correção e atualização das perguntas para melhor adequação dos resultados, dentro dos objetivos propostos, foi que aplicamos a entrevista com os três participantes.

A entrevista se deu por meio da utilização de um aplicativo de chamadas e mensagens para aparelhos celulares (WhatsApp), onde utilizamos a ferramenta de gravação de áudio, para facilitar que os entrevistados pudessem responder as perguntas com calma e em um ambiente possivelmente mais tranquilo, já que os mesmos trabalham com música, tocando e dando aulas. Sendo assim, a utilização do aplicativo de gravação se deu no intuito de que os entrevistados não fossem interrompidos durante seu raciocínio. Com isso, as respostas ficavam armazenadas para que eu pudesse voltar às mesmas a qualquer momento que fosse necessário, e assim relatar de forma fidedigna aquilo que eles responderam. Essa questão é parte do trabalho de Lessa (2015), quando se atem a forma de execução das entrevistas, pois a autora sugere que tais registros sejam feitos, de preferência, com o auxílio de um gravador de áudio. Esse fato faz-se pensar que a autora fala sobre uma entrevista no âmbito presencial. Como fizemos de forma online, as respostas automaticamente já ficaram armazenadas.

No intuito de responder o objetivo geral, de compreender a visão do aluno no que concerne o uso das TDIC no ensino de bateria online, e os objetivos específicos, estipulados como identificar as TDIC que foram usadas nas aulas de bateria online do CEP-EMB, observar na visão dos alunos como as TDIC foram utilizadas, e compreender, na visão dos alunos, como essas tecnologias têm auxiliado no aprendizado do instrumento, no aspecto do ensino da bateria, foi que construímos o questionário com as perguntas abaixo apresentadas.

Roteiro de entrevista:

- 1- Como eram as aulas de bateria no CEP-EMB antes da pandemia de COVID-19? Neste período era utilizado algum tipo de TDIC durante as aulas? Se sim, quais, e como eram utilizadas?
- 2- Durante a pandemia, quais TDIC foram utilizadas e como?
- 3- Em quais aspectos do ensino da bateria as TDIC lhe auxiliaram e de que forma?
- 4- Sobre a utilização das TDIC utilizadas na EMB durante as aulas remotas, você acredita que foram importantes e efetivas? Como você avalia esse processo? Quais foram os limites e as possibilidades?
- 5- Como ocorrem as aulas de bateria no CEP-EMB hoje? (Ambiente, estrutura, ensino, outros). Após o retorno das aulas presenciais, ainda é utilizado algum tipo de tecnologia durante as aulas? Se sim, quais são eles? Se não, quais TDIC poderiam ser utilizadas e como?
- 6- Qual é a sua opinião sobre a utilização das TDIC no ensino de bateria?
- 7- Deixe seu depoimento e avalie sua experiência sobre a utilização dos recursos de aulas remotas e as TDIC que a EMB utiliza. Destaque aspectos positivos e negativos.

Dividiremos as perguntas em tópicos, ligando-os ao objetivo geral, na busca de compreender a visão do aluno sobre a utilização das TDIC, e aos objetivos específicos, tentando através das respostas dos entrevistados identificar quais foram as TDIC utilizadas durante as aulas do CEP-EMB, como os alunos se sentiram auxiliados por elas, e quais suas opiniões sobre a utilização de tais tecnologias no ensino da bateria.

Assim, colocarei abaixo, na íntegra, as respostas dos alunos dentro desses tópicos, e dialogaremos com a literatura utilizada até aqui.

4.1 As aulas antes do EMT

Questão 1

Aluno A1

“As aulas no CEP-EMB antes da pandemia funcionavam da seguinte forma. O professor passava o conhecimento teórico e prático em todas as aulas, com a aplicação de exercícios, a

utilização de *Play Along*¹³, para aplicar o conteúdo visto na aula. Utilizavam métodos, livros e apostilas da própria biblioteca da escola, e algumas anotações que cada professor possuía ao longo de sua experiência como músico e como professor. Eles não utilizavam nenhuma espécie de tecnologia, plataforma, nem nada digital. Mas antes da pandemia, bem perto do início da mudança na forma de ensino, eu já havia comprado um curso de bateria na plataforma *hotmart*¹⁴. Lá eles lançam os conteúdos e você vai estudando. Lá tem uma mala direta de e-mail que eles falam quando terão as reuniões, tiram dúvidas, as vezes o professor toca alguma coisa. Dizem que tem esse acesso, mas é muito difícil ele responder. Não é tão efetivo assim como se fosse uma aula, mesmo que fosse uma aula online pelo CEP-EMB”.

A2

“As aulas eram individuais, e feitas em uma sala com duas baterias. O professor passava alguns exercícios com métodos que ele tinha guardado em um armário e as vezes disponibilizava umas copias para a gente. Antes da pandemia não era utilizada nenhum tipo de tecnologia. Neste período tive aula com 3 (três) professores. Destes, 1 (um) utilizava um notebook para escrever suas anotações e também para passar algumas músicas em uma caixa de som. Os outros 2 (dois) gostavam mais do papel e anotavam tudo em folhas. Quanto as aulas de teoria, o professor usava um notebook, o resto o professor passava tudo no quadro. Não tinha Datashow, nem televisão, mas eram usados o notebook e o quadro”.

A3

“Eu tive aula na Escola de Música a muitos anos atrás! Nessa época nós não tínhamos a internet como é hoje, nem YouTube e também essa quantidade de vídeos que temos hoje em dia. O que a gente tinha de tecnologia que auxiliava o ensino da bateria eram os métodos impressos em xerox, e um equipamento de som que a gente ia tocando junto com as músicas”.

¹³ É a gravação de uma música sem a trilha sonora de um determinado instrumento, neste caso a bateria.

¹⁴ É uma plataforma completa para quem quer vender, promover ou comprar cursos online.

As respostas da questão 1 (um) correspondem ao período em que as aulas no CEP-EMB eram de forma presencial e, segundo os três alunos, não eram utilizados nenhum tipo de TDIC como auxílio no ensino/aprendizagem. Souza (2008) vai falar sobre esse assunto, que o ensino no Brasil, quanto aos profissionais que trabalham com o ensino/aprendizagem, praticam ainda um ensino fundamentado no que ele chama de senso comum, ou seja, onde esses professores ensinam baseados nos modelos educacionais que eles aprenderam. Cota (2016) relatou em seu trabalho que, sobre a utilização das tecnologias por parte dos profissionais da educação, eles em um primeiro momento resistiram em adotar essas ferramentas, e que é incomum nos dias atuais um profissional adulto não ter um telefone celular e a internet. Mas o contato com essas tecnologias no dia a dia desses mesmos profissionais se deu a partir de uma infância e adolescência sem acesso a essas ferramentas, o que pode de certa forma explicar suas resistências pelas tecnologias em suas aulas.

Nessa questão, podemos ressaltar que 2 (dois) dos entrevistados, mencionaram que era utilizada uma caixa de som para os alunos acompanharem os áudios. Sobre a utilização das músicas em um aparelho de reprodução musical, encontrei Gohn (2002) comentando que foi o surgimento do fonógrafo, dando-nos a possibilidade do registro sonoro, que proporcionou a um aluno o acesso ao que ele chama de exemplos musicais. Segundo o autor, isso gerou uma nova condição à música, onde os aprendizes podem agora ter acesso a obras que não teriam a oportunidade de ouvir presencialmente. Tal fato comunga com o que o entrevistado A3 comentou.

Gohn (2010) coloca que a troca das músicas, seja por *e-mail*, *chats*¹⁵ ou sistemas de compartilhamento de dados, tornou-se possível pela popularização da compressão de arquivos sonoros no formato MP3.

Segundo os entrevistados, o aporte teórico das aulas era em métodos impressos e disponibilizado para os estudantes nas aulas, e as vezes em xerox/cópias, que eram impressas para os alunos levarem para casa. Nesse aspecto podemos observar a importância do CEP-EMB, que em seu papel educacional, adquire esses métodos e disponibiliza para os seus alunos, corroborando com o que diz Souza (2008) em sua pesquisa, onde ressalta que os bateristas

¹⁵ É uma forma de comunicação a distância, utilizando computadores ligados a internet.

brasileiros têm muita dificuldade de adquirir esses métodos, pois esses métodos vêm em grande parte dos Estados Unidos, que é uma referência no estudo e produção de material sobre a bateria.

Como baterista a mais de 20 (vinte) anos, pude observar a melhora da acessibilidade a materiais didáticos sobre a bateria, inclusive em relação a áudios e vídeos, não só educativos, mas também de apresentações artísticas de um variado número de intérpretes musicais, materiais esses que não ficavam tão disponíveis facilmente. Mas hoje, com o avanço tecnológico, o ensino/aprendizado se beneficia dessa evolução, que facilita músicos e estudantes interessados no aprendizado ou aperfeiçoamento de seu instrumento musical.

4.2 As aulas durante o EMT e as TDIC utilizadas

Questão 2

A1

“Nesse período, eu já estava no processo para fazer a minha formatura de conclusão do Curso Técnico em Bateria.

As plataformas utilizadas eram o *Google Meet*, ele me passava as partituras, os exercícios e os conteúdos, eu estudava, nós tínhamos um encontro na semana, de 45 (quarenta e cinco) a 50 (cinquenta) minutos dependendo do conteúdo, dependendo de como andava, as vezes até um pouco menos, porque ele passava as coisas e eu tinha que estudar e apresentar para ele. E assim foi até o final.

Como eu estava falando sobre o curso que eu fiz online, foi muito diferente do período que a as aulas no CEP-EMB foram online, porque o meu professor, além das orientações da minha formatura, eu tinha uma matéria de bateria com ele. Então eu tinha essa troca de informação, ele fazia algum exercício, eu fazia o que ele passava, gravava, me mandava uma música, eu tocava um trecho, isso ele na casa dele mesmo, mas com as limitações da plataforma, que as vezes cai, as vezes faltava energia por algum motivo, ou as vezes estava chovendo e o sinal ficava ruim. Essas foram as dificuldades, mas não aconteceram tanto de forma a eu me sentir tão prejudicado, é obvio que não é igual ao presencial, mas o professor se esforçou bastante para suprir isso”.

A2

“Na época a escola utilizava a plataforma *Moodle*¹⁶, e as aulas aconteciam online. Tinha um horário, que no meu caso era no final da tarde. Havia um grupo de *WhatsApp*¹⁷ onde um administrador colocava o *link*¹⁸ das aulas. Quando isso não ocorria, a gente entrava direto pela plataforma, e lá já estava o *link* para acessar a aula ao vivo, aí o professor dava o conteúdo e no final o ele já havia colocado as atividades na plataforma *moodle*. Nós tínhamos que fazer as atividades e entregar em um determinado prazo. O professor dava esse exercício como avaliação, e substituía a nota de uma prova pela nota do exercício. Eu utilizava o celular para saber que horas seriam as aulas e os conteúdos, mas para fazer as aulas eu utilizava o computador porque tinha uma tela maior. Os professores quando transmitiam de casa, eles tinham computador, webcam, microfone, e conseguiam abrir sua própria tela e mostrar os exercícios, os PDF e as músicas quando eram vídeos, então isso facilitou muito”.

A3

“No período da pandemia, as aulas eram todas online e a gente fazia as aulas pelo “*Google Meet*”, então a gente tinha uma conversa com o professor, outros alunos entravam e participavam. No início, até por uma questão de estar todo mundo se adaptando, o professor não estava em um lugar que ele pudesse ter uma bateria montada e ficasse tocando, mas se eu me lembro bem, no segundo semestre ele até se mudou de onde ele morava anteriormente e foi para uma outra casa, onde ele montou a bateria ali na sala, e com isso ele podia estar falando de um determinado assunto, ele ia lá e tocava um pouquinho. Eu também tenho essa oportunidade, eu tenho um estúdio aqui na minha casa, então eventualmente ele pedia para os alunos tocarem um pouco, se quisesse abrir a câmera, se tivesse à vontade, seria ótimo, mas se não quisesse não tinha problema, porque a gente entende que nem todo mundo está afim de mostrar, de abrir sua casa assim para pessoas que você nem conhece. Eu costumava ligar a câmera e tocava um pouco, mas era praticamente o único aluno que fazia isso. Na verdade, eu percebi que poucos alunos ficaram estimulados a dar sequência no curso neste formato! Eventualmente eu tive que faltar uma aula ou outra, mas quase todas as aulas os dois alunos

¹⁶ É uma plataforma online para aprendizado a distância, um sistema de gerenciamento de aprendizagem.

¹⁷ Aplicativo de mensagens de texto, áudio e vídeo pela internet.

¹⁸ Texto ou imagem que quando é clicada pelo usuário, o encaminha para outra página na internet.

faltavam, ou um, ou o outro. Tinha essa questão. Outra forma que o curso funcionava também, era que a gente gravava os vídeos. A gente tinha uma ementa do curso com os assuntos, então as aulas aconteciam, o professor mostrava e abordava os assuntos, aí tinha um material complementar disponível na internet. A gente baixava esse material, ia estudando ao longo do semestre, e ao final do semestre nós gravávamos os vídeos, colocávamos no YouTube, e então jogávamos os links na plataforma da escola. Com isso os professores podiam acompanhar como foi esse desenvolvimento”.

A questão 2 (dois) abordou o período durante o formato do Ensino Remoto Emergencial (ERE), e utilizamos esse termo para ficar mais acessível ao nosso leitor, pois lembramos que dentro do CEP-EMB, lócus da nossa pesquisa, eles optaram em utilizar o termo Ensino Mediado por Tecnologia (EMT).

Neste caso os alunos responderam sobre como aconteciam as aulas de bateria dentro das Escola de Música de Brasília nesse período, e obtivemos as respostas em que o A1 cursou apenas uma matéria prática de bateria e estava na matéria de conclusão e organização da sua apresentação final de formatura. O A2 e A3 tiveram suas aulas de forma online nesse período, utilizando algumas formas de TDIC. Dentre elas, os alunos citaram a utilização da plataforma *Moodle*, própria para o aprendizado a distância, e alguns aplicativos, como o *Google Meet*, que foi desenvolvido com o foco na realização de videoconferências, o *WhatsApp*, que é um aplicativo de mensagens instantâneas conectado à internet, e que permite a criação de grupos onde facilita a transmissão dos dados e informações referente às aulas enviadas para várias pessoas ao mesmo tempo. Citaram, ainda, a utilização de aparelhos eletrônicos, como computadores, celulares, *tablets*, *webcam*, microfones e ferramentas como vídeos e PDF. Segundo Moreira, Júnior e Angelo (2020), a leitura musical por meio da utilização de um *tablet*, torna-se prático por dispensar a impressão de partituras, e assim os professores têm disponibilizado esses arquivos no formato PDF, o que segundo os autores, se torna mais atrativo para os alunos.

Moreira, Júnior e Angelo (2020) escrevem que os aplicativos, mesmo que por muitas vezes sejam criados com o intuito de entretenimento ou ludicidade, podem ser bem aproveitados se explorados a fundo, o que explica alguns benefícios em possíveis recursos com a utilização dos aparelhos eletrônicos.

Para Cota (2016), o uso dos *Tablets* e *Smartphones* está se tornando comum nas escolas, pois os alunos fazem parte de uma geração que já nasceu conectada, onde não só possuem esses aparelhos, como dependem deles. Sendo assim, a utilização dessas tecnologias em parte se transforma em uma necessidade dentro dos processos de aprendizagem desses alunos. Cain (2004 apud DUARTE e MARINS, 2015) escreve que as tecnologias são importantes na aprendizagem musical, pois trazem novas possibilidades para os alunos e facilitam sua interação com conteúdo musicais. Os autores ressaltam que os *Smartphones* e *Tablets* permitem essas interações por possuírem ferramentas multimídia e com fácil transporte. Duarte e Marins (2015) comentam ainda que, através da utilização das tecnologias, o professor pode incentivar o aprendizado em outros ambientes, não restringindo o aprendizado às dependências da escola e muito menos apenas à sala de aula.

Outro ponto levantado pelo entrevistado A3 foi a questão da evasão dos alunos durante esse período do EMT, pois, segundo ele, percebeu que poucos alunos se sentiam estimulados a continuarem o curso, tendo em vista o grande número de faltas deles. Sobre essa resposta, observamos o que disseram Moreira, Júnior e Angelo (2020), que concluíram em seu trabalho que diante dessas experiências durante a proibição das aulas presenciais, o grande desafio para o professor foi proporcionar um ambiente de aprendizagem atrativo, e ao mesmo tempo manter o interesse do aluno em estudar o seu instrumento a partir das tecnologias. Um fator importante sobre esse apontamento é o que traz Gohn (2020), ao afirmar que muitos professores foram pegos de surpresa com o fato das aulas terem de ser online, o que corrobora também em outra fala do A3, que conta-nos que o seu professor morava em uma casa que ele não podia montar sua bateria para dar aulas, e no segundo semestre de seu curso, o professor se viu na necessidade de trocar de moradia para montar seu instrumento, e que assim pudesse trazer um conteúdo mais apropriado durante suas aulas. Como o próprio aluno relatou, nesse período “estava todo mundo se adaptando”.

Em relação à literatura lida e a resposta dos entrevistados, podemos sugerir que alguns alunos tenham evadido das aulas por não terem a bateria em sua residência, o que tornava a ida ao CEP-EMB algo ainda mais atrativo. Gohn (2020b) discorre sobre a dificuldade de seus alunos na impossibilidade da aquisição de equipamentos para participação das aulas de bateria no Lócus de sua pesquisa.

Os dados apresentados por Gohn e as respostas dos alunos A1, A2 e A3 sugerem que o fato do CEP-EMB oferecer os instrumentos e condições para o estudo da bateria, torna o ensino presencial atrativo aos participantes.

4.3 O auxílio das TDIC

Sobre este subitem, observaremos as respostas dos alunos entrevistados em duas questões, a pergunta de número 3 (três) e a de número 4 (quatro).

Questão 3

A1

“Na minha opinião eu não tenho como comparar a aula presencial com a aula online. Mas de toda forma eu tive a oportunidade de estudar utilizando as TDIC e de toda forma não me senti prejudicado. Em relação à formatura, eu tinha encontros online uma vez por semana, de 1 (uma) hora ou mais com a professora organizadora e os outros colegas. Isso acontecia pela sala de bate papo do Google Meet.

As dificuldades que eu tinha, eu mandava uma mensagem para ela via WhatsApp, ou um vídeo, ou até mesmo marcava um horário no Google Meet. Quando era necessário tirar uma dúvida maior, a gente marcava com toda a banda. Em relação a formatura, a professora coordenava a gente. Os instrumentos melódicos e harmônicos me passavam as gravações com uma linha guia, eu gravava a bateria, passava para a professor e ela verificava se ficou bom. Quando necessário fazia alguma correção e as vezes passava algum arranjo para a gente. Após terminarmos as gravações de cada instrumento a gente mandou para a professora editar som e imagem.

Então foi dessa forma que acho que a TDIC auxiliou o meu processo de aprendizagem, e me ofereceu uma nova forma de tocar e interagir com a música, que de certa forma eu posso continuar utilizando”.

A2

“A tecnologia me ajuda até hoje na bateria, na em relação aos exercícios, na questão das músicas e nas gravações. Ao meu ver, se não fossem as tecnologias, seria muito mais difícil. Nas aulas por exemplo, quando o professor quer colocar uma música, quer passar algo em PDF, fazer a análise de algum exercício, em tudo isso a tecnologia ajuda”.

A3

“Durante a pandemia, eu acho que, não senti muito. É claro que tocar com o professor é outra abordagem. Fazer uma aula presencial, você está ali tocando junto com o professor, vendo ele e ele te vendo. Eu também sou professor de bateria, sei que é bem diferente. Eu também dei aula online durante a pandemia, então com os meus alunos eu pude perceber que o desenvolvimento era completamente diferente da aula presencial, apesar de que eram alunos bem iniciante. Agora pelo fato de já ter alguma experiência, eu não senti tanto assim! Claro que é diferente, você está ali do lado, você ver o professor tocar. Online a qualidade do som que chega para você através do computador tem várias influencias, tem a influência do ambiente, se é um ambiente muito reverberante, o som já chega comprometido, chega meio misturado. Mas quando você tem experiência, tem um ouvido mais treinado, aí você consegue ir filtrando um pouco essas coisas, na medida do possível.

Mas eu acredito, que pelo fato de eu já ter experiência, eu acho que fazendo essas pequenas ponderações, o ensino fluiu bem. Eu acho que as aulas transcorreram com qualidade. Eu conseguia entender o que o professor estava transmitindo quando ele ia para o instrumento e tocava alguma coisa. Eu conseguia perceber o que ele estava tocando, claro que com alguma perda, pelo que eu mencionei. Eu acho que de alguma forma funcionou. Não é igual a uma aula presencial, mas eu digo que funcionou, e funcionou bem, no meu caso”.

Com as respostas coletadas, podemos ver uma nova possibilidade de interação com a música, onde os elementos eletrônicos têm se tornado presentes e conquistado um espaço cada vez maior nas apresentações musicais. Em relação à aprendizagem, ela também tem se mostrado uma aliada na propagação do ensino, mas sempre deixando registrado pelos alunos a importância do contato pessoal com o professor, ainda que de forma online, o que as vezes não acontece com aulas gravadas, e as vezes a dificuldade do estudo no instrumento.

Sendo assim, podemos trazer o que diz Moreira, Júnior e Angelo (2020), com base em seus estudos, pois afirmam que educação e tecnologia podem caminhar lado a lado e de forma positiva.

Questão 4

A1

“Na minha opinião atendeu ao que eu precisava. Não me senti prejudicado, e acho que as TDIC ajudaram bastante porque proporcionaram esse contato com o professor. Como eu tenho meus próprios equipamentos em casa, não me senti prejudicado.

Avalio de forma positiva, principalmente pelo esforço dos professores. Os limites são as dificuldades das conexões, que por hora as vezes dificultam demais o entendimento das coisas, mas as possibilidades acho que são em relação a possibilidade de ter o conteúdo as vezes caso tenha a dificuldade de ir presencialmente”.

A2

“Eu acho que me ajudou bastante, até mesmo porque, se não tivesse a tecnologia durante a pandemia, a gente iria ficar sem aula, e mesmo sendo online, o conteúdo foi passado. Mas eu acho bem melhor presencialmente, porque aí você tem um contato, você está com outras pessoas, outros músicos, com os mestres ali que estão de frente para você, para te falar e te trazer a melhor experiência sobre a música. Então eu acho que me ajudou bastante, mas eu prefiro presencialmente. A questão é que as pessoas precisavam ter algum aparelho eletrônico para assistir as aulas. Em questões gerais ajudou bastante, mas também complicou, porque aquela experiência que você tem quando você está vendo o professor e ele te explica pessoalmente, é muito diferente, nós estávamos atrás de telas, então era muito mais complicado, as vezes o sistema travava. Eu avalio esse processo da seguinte forma, se eu for pensar em uma nota, eu daria 8,0 (oito), não daria nem 9,0 (nove) nem 10,0 (dez), porque eu acho que para ser excelente, teria que ter um contato frente a frente, por isso que eu dou 8,0 (oito), porque ajudou, supriu a necessidade, mas não foi uma experiência que a gente pudesse sentir como numa aula presencial. Foi uma experiência que nós alunos tivemos que lidar, através de uma tela da tecnologia. Por isso que eu dou 8,0 (oito) mais pelo funcionamento da escola de música durante

o período da pandemia”. Em relação ao ensino nos professores de bateria, e também de teoria, eu não tenho nada o que falar, eles são sensacionais, verdadeiros mestres, e estão sempre renovando seu conhecimento. Sobre os limites, nós não tínhamos o professor na nossa frente, presencialmente, não tínhamos contato com o instrumento dentro da sala de aula, e também não tínhamos uma visão mais ampliada. As possibilidades é que você poderia estar em casa, ou no trabalho, no período que desse, ou em qualquer outro lugar e você poderia estar assistindo a aula, aí se você tivesse foco, você poderia assistir a aula tranquilamente”.

A3

“Eu acho que foi efetivo sim, o uso das tecnologias nas aulas de bateria, mas eu acho que tem suas limitações, é diferente você está com o professor do seu lado, vendo como que é, tocando junto, isso é uma coisa que não funciona na aula online, porque tem a latência, enfim, tem uma série de questões que impossibilitam você tocar simultaneamente com o professor, então eu acho que esse é o ponto que fica mais prejudicado, e eu acho importante, você não só estar ali presencialmente, mas você poder tocar junto. Você sente melhor o timbre das peças da bateria de modo geral, você entende melhor o som da bateria, você entende melhor tudo no instrumento, por não haver nenhuma limitação física, não haver nenhum filtro que impeça essa percepção. Não é a mesma coisa, tem alguma perda, mas de modo geral foi bem efetivo”.

Talvez, sobre esses aspectos das aulas online, o que mais me chama a atenção é que todos os alunos foram a favor da utilização das Tecnologias e das aulas online, mas os três fizeram questão de ressaltar que preferem as aulas presenciais, e que a utilização das TDIC funcione como auxílio durante suas aulas. Gohn (2009), sobre a educação musical à distância, coloca que autores estudados em seu trabalho afirma que o uso das tecnologias não seja uma finalidade, mas um meio, com objetivo de alcançar bons resultados no desenvolvimento musical do aluno.

Em uma das respostas, o A2 aponta como benefício dessas aulas, que “se não fosse a tecnologia, eles não teriam aula”, mas ambos colocam a importância da presença do professor durante suas aulas por várias questões, uma delas, na correção dos exercícios e movimentos. Já Moreira, Júnior e Angelo (2020) comentam que consideram um ponto positivo nas aulas a distância o fato de poderem observar o ambiente de estudo dos alunos em suas residências, observando seu posicionamento no instrumento e qual local está situado esse instrumento, ou

seja, se esse ambiente é o apropriado para o estudo. Mas observamos aqui um possível problema e desacordo para que esses alunos e professores possam usufruir desse benefício tecnológico, pois o A3 afirma que a maioria dos alunos não gostavam de abrir suas câmeras, justamente para não mostrar aos demais a sua casa, ou como relata o A2, com a utilização da tecnologia, você não necessariamente precisava estar no instrumento para fazer sua aula, você poderia estar no trabalho ou em qualquer outro lugar e entrar na sala de aula virtual, sendo assim não teríamos como observar esses pontos. Mas os autores completam dizendo que é importante que entendamos que nos encontramos em um processo de transformação das práticas pedagógicas, já que anteriormente a esse período, a formação e experiência didática dos professores os deixavam preparados para ministrarem aulas presenciais. Sendo assim, as respostas dos alunos entrevistados se dá a experiências anteriores a uma utilização programada das TDIC, podendo se dar um estudo posterior e futuro, onde essas transformações já tenham sido mais massificadas dentro do ensino/aprendizagem, e assim verificar se haverá alguma mudança nessas respostas.

Sobre os pontos positivos e negativos das aulas online na perspectiva desses alunos, foram citados como positivo o fato de as aulas não terem parado, ou no caso, terem continuado após um curto período sem aulas, onde podemos observar o que Coqueiro e Sousa (2021) escrevem, que segundo seus relatos, as TDIC foram e são importantes para se manter o vínculo do aluno com a escola.

Outro fator positivo era o de o aluno poder assistir a aula de onde estivesse, além de as gravações hoje permitirem muitas possibilidades, e que a facilidade de se encontrar um áudio ajuda muito na aprendizagem do aluno, o que Cota (2016) vai falar que, com a internet, o aprendiz tem a possibilidade de ouvir e ver como determinado músico está tocando uma música. Já Coqueiro e Sousa (2021) ressaltam que o estudante que eles chamam de “virtual” tem a liberdade para organizar o seu tempo de estudo de acordo com sua disponibilidade de tempo.

Como pontos negativos, eles colocaram o fato de o professor não estar presente diante do aluno, e sobre a relação das interações durante as aulas, Ficheman, Lipas, Krüger e Lopes (2003) afirmam que a aprendizagem não depende apenas da didática do professor, mas que necessita também da sua interação com os seus alunos e da interação entre os próprios alunos. Os mesmos citam que Zeve (2000) diz que as interações entre os alunos facilitam e estimulam o processo de aprendizagem, e que segundo ele, é fundamental que a aprendizagem ocorra de

forma colaborativa. Tais apontamentos podem se dar também em relação à resposta do aluno A3 sobre os alunos não abrirem suas câmeras e não participarem assiduamente das aulas online.

Um segundo ponto apontado como negativo foi a necessidade de o estudante ter os equipamentos para assistir as aulas. O que Coqueiro e Sousa (2021) colocam como “um abismo econômico social” onde se encontra uma grande parte de alunos de baixa renda. Sobre esse ponto, em parte de seus estudos Gohn (2009) relata que hoje há uma facilitação no uso das tecnologias, com interfaces mais simples e equipamentos cada vez mais baratos, proporcionando a um número maior de pessoas utilizarem tais ferramentas ao redor do mundo. O autor, por sua vez, em relação ao ensino/aprendizagem, faz um alerta para que se tenha um cuidado nesses processos, sob o risco de se formar especialistas em apertar teclas do computador, mas que não tenham o entendimento sobre a música e que não tenham capacidade de interpretação, criação e improvisação musical.

Um terceiro ponto negativo relatado foi que o som durante as aulas online e as gravações oferecidas aos alunos não chegam com a mesma qualidade de uma aula presencial, onde o aluno pode escutar com mais clareza o que está sendo tocado pelo professor, e em contrapartida, o professor escutar melhor o que o aluno está fazendo. Gohn (2002) coloca que, para muitos, a experiência proporcionada pela audição de uma gravação está aquém da gerada durante a audição de uma música ao vivo. Ainda, sobre estas transmissões referentes às aulas online, o A2 relatou que os sistemas as vezes travavam e prejudicavam a continuidade da aula. Gohn (2020) escreve que alguns aplicativos necessitam de uma internet de alta qualidade, e ainda de *hardware*¹⁹ específicos. Nesse mesmo artigo o autor corrobora com o que respondeu o A3, sobre a questão de o som chegar muitas vezes corrompido ou comprimido, o que afeta a qualidade da recepção desses áudios durante sua transmissão. Segundo o autor, esses *software* não são apropriados para uso de instrumentos e sim de voz falada. Coqueiro e Sousa (2021) corroboram dizendo que em alguns momentos o acesso à internet é razoável ou ruim, precário e limitado, o que dificulta o aluno acessar todos os arquivos para estudo.

¹⁹ Corpo da máquina, parte física, composta por placas de vídeo, memórias, processadores, chips e tudo mais que o usuário pode tocar.

4.4 As aulas de bateria hoje no CEP-EMB

Questão 5

A1

“Após a pandemia eu já havia me formado e não estava mais cursando nenhuma matéria na escola de música de Brasília. O meu recital foi de forma online. Eu não sei como estão atualmente as aulas após esse período e nem se está sendo utilizado alguma espécie de TDIC”.

A2

“As aulas são realizadas nas salas M1 e M2, no bloco de percussão. Não posso dizer que são espaçosas, mas em cada uma delas têm duas baterias, um cubo de baixo, uma mesa para o professor, um armário, ar-condicionado e baquetas disponíveis para utilização dos alunos. É um espaço que dá para ser realizada as aulas, não são grandes, mas é bem melhor do que online. Quando as aulas voltaram para o presencial, foram adicionadas algumas tecnologias. O professor continua utilizando o notebook, e hoje nós temos uma Televisão, um Datashow e também temos acesso a algumas coisas pelo celular, como por exemplo, exercícios e PDF. Isso facilita muito, porque agora a gente não precisa ficar toda hora grudado em uma folha ou em um caderno, para resolver um determinado assunto. Como o celular ou um tablete, já estão na mão, então fica mais fácil de você acessar um exercício, ou um arquivo. Isso facilita muito”.

A3

“Quanto a questão de como é hoje, eu não estou mais na escola e não voltei para o ensino presencial. Mas do pouco que eu conheço e dos amigos que eu tenho lá, eu acredito que as aulas devem correr como aconteciam quando eu estudava a 15 (quinze) anos atrás, só que com auxílio dessas tecnologias. Você tem um computador com YouTube para você pesquisar ali na hora, temos a possibilidade de pesquisar no *Spotify*²⁰ e encontrar qualquer música. São coisas que nos primórdios da internet isso não era tão possível. Isso dependia de o professor já ter esse acervo em um pen-drive, já ter feito o *download* dessas músicas previamente, ou ter

²⁰ É um serviço digital que dá acesso instantâneo a milhões de músicas, podcasts, vídeos e outros conteúdos de criadores no mundo todo.

uma discografia a disposição. Como não estou mais lá, eu não posso contribuir um pouco mais com essa questão”.

Este tópico traz uma reflexão sobre o período atual em detrimento dos fatos ocorridos dentro do ambiente de ensino escolar. Dentro da relevância dos fatos, buscou-se compreender se a paralização das aulas presenciais e a transformação para a modalidade online ocasionou algum tipo de mudança nas questões do ensino/aprendizagem atuais. E sobre esse tema, os alunos responderam que as aulas hoje continuam como eram antes das restrições da pandemia, mas que ela gerou mudanças plausíveis e benefícios estruturais nas salas de bateria e no ensino, e que essas transformações e adaptações refletem na aprendizagem dos alunos.

Em termos estruturais, os alunos comentam que as aulas práticas de bateria acontecem em duas salas específicas, com duas baterias cada, ar-condicionado, 1 (um) cubo de baixo para ouvirem os áudios colocados pelos professores, e que possuem ainda uma mesa e um armário dentro da sala. Um benefício a mais ressaltado por um aluno é o fato de os professores oferecerem baquetas para os alunos durante o período das aulas. O que mudou foi que hoje essas salas contam ainda com televisão, *datashow*, e que os alunos agora têm acesso a algumas funções em seus celulares, como por exemplo, vídeos e PDF, o que, segundo eles, facilita bastante, pois agora não precisam ficar presos a uma folha de papel ou em um caderno. Outro fator apresentado e que não tem relação direta a melhorias da escola, é referente ao avanço da internet, mas ressalta-se a disponibilidade de acesso nas salas, o que não havia anteriormente no caso do A3 que estudou a 15 (quinze) anos atrás no CEP-EMB.

Gohn (2020) aponta que passamos por um novo momento, em que professores e alunos precisam se adaptar, enquanto estudos mediados por meios tecnológicos em tempo real se tornam evidentes. E em relação à utilização das TDIC em um contexto de Educação Musical, Santos Júnior (2017) encoraja os professores a conhecerem quais recursos tecnológicos podem ser facilitadores em sua aula de música.

Em termos gerais, observamos que o estilo de aula ou a forma em que ela está sendo oferecida não foi, em partes, alterada, mas que a utilização das TDIC hoje é presente nas aulas presenciais e também nas atividades extraclasse, oferecidas para os alunos. A aquisição de aparelhos e novas opções de elementos dentro das aulas são notórios no relato dos entrevistados, o que segundo eles é visto como benefícios e ganhos para o seu aprendizado. Para Gohn (2020),

a situação emergencial no ensino gerou um novo paradigma, e colocou o modelo síncrono em evidência imediata, forçando avanços tecnológicos. Para Moreira, Júnior e Angelo (2020), novas possibilidades surgiram, proporcionando ao professor lançar desafios no aprendizado, como por exemplo, pedir para o aluno fazer uma busca no “*Spotify*” ou *YouTube* e “tirar de ouvido” uma determinada música. É exatamente o que comentou um dos alunos entrevistados, ressaltando que antigamente isso não era possível, ou não acontecia. Segundo os autores, essas melhorias também ocorreram no quesito teórico, proporcionando o desenvolvimento de pesquisas de materiais e estratégias didáticas de forma rápida e eficaz, e em várias fontes de informação, oportunizando uma discussão e reflexão sobre os vários autores.

Olhando para esses aspectos e ouvindo o que os alunos responderam em suas entrevistas, podemos visualizar melhorias no sistema atual e vislumbrar avanços em momentos futuros.

4.5 TDIC e a visão do aluno

Questão 6

A1

“A minha opinião sobre TDIC nas aulas de bateria é que elas são de extrema relevância e de muita importância para o crescimento musical e profissional do aluno, uma vez que eu enxergo que hoje em dia não dá para separar nenhuma profissão, nem nada do que nós viermos a fazer. Então o profissional em qualquer área, que não está ligado a alguma tecnologia em sua profissão, de certa forma para mim, ele está ultrapassado e perde vaga no mercado de trabalho. Digo isso tendo em vista que as tecnologias estão aí para nos facilitar tanto no aprendizado, no conhecimento, e na aplicação de todos os conhecimentos adquiridos durante o curso, assim como gravações, e com elas é possível verificar se o que você faz, está de certa forma limpo e coeso. Podemos verificar se as técnicas que estamos aplicando estão boas, se nossa execução está da melhor forma, porque com a gravação você consegue se ouvir e também ver o que está fazendo”.

A2

“Eu acho que essas TDIC ajudaram muito e continuam ajudando, porque quando a gente precisa buscar uma música muito conhecida, uma “reliquia”, isso demorava muito para a gente encontrar. Hoje a temos na palma da mão, o que facilita demais os estudos, nas gravações, nos shows e nos palcos. Acho ainda que a humanidade precisava desse avanço na tecnologia, principalmente na música, mas claro que usando corretamente, aí sim temos um bom aproveitamento. Creio que quando não utilizamos corretamente, nós temos um desgaste e infelizmente acabamos comprometendo a música, sua experiência carrega, que você estuda ou já estudou. E se você não souber trabalhar com a tecnologia na música, isso acaba te desvalorizando, porque terá ali um som artificial, não vai ser um som real, não vai ser você mesmo, o que você estudou anos para quando chegar a hora de tocar, vai ser um botão que vai estar lá e maquiar você. Acho que a sua essência como músico tem que estar 100 (cem) por cento”.

A3

“Sobre o uso das TDIC no ensino da bateria, eu acho que é muito possível a utilização. Talvez até com aulas gravadas, porque quando você está em uma casa que não tem um tratamento acústico adequado, microfones próprios para captar o som, o som que chega através da internet as vezes já comprime o som de alguma forma, comprometendo o que chega do outro lado. Se é um aluno iniciante, as vezes isso compromete muito mais, porque a percepção dele as vezes não está tão aguçada para entender o som da bateria. Mas eu acho que se tivesse um som gravado em um estúdio, com uma câmera legal, aulas pensadas didaticamente e esse curso disponibilizado módulo a módulo na internet, creio que fosse uma importante ferramenta para complementar as aulas que podem ser online também. Neste caso o professor estaria ali abordando os assuntos, mas com vídeos já previamente gravados sobre estes temas. O aluno quando fosse escutar, conseguiria entender melhor, sem essa perda da qualidade do som”.

Questão 7

A1

“Não consigo deixar nenhum ponto de vista, porque conforme eu mencionei, não cursei nenhuma matéria que utilizasse as TDIC”.

A2

“A minha avaliação é que é bom, mas que pode melhorar. Não é aquela coisa de outro mundo que a gente tem em alguns países, mas eu acredito que devagarinho a gente vai conseguindo. A escola de música vai conseguindo se adaptar com mais equipamentos e com mais quantidades de tecnologias. O aspecto positivo é que facilita você fazer música, você estudar música. O aspecto negativo é que se a pessoa focar só nisso, ela acaba relaxando e se tornando preguiçosa, com preguiça de buscar o real estudo”.

A3

“Eu acho que de modo geral, aquela plataforma que a escola utiliza, funcionou bem. Tem uma limitação de espaço, que você não pode anexar os arquivos, mas é facilmente contornável com as soluções de você postar o vídeo em uma plataforma externa como o YouTube. Fazendo dessa forma, você posta somente o link e não consome o espaço dentro da plataforma. Achei isso bem fácil de fazer! Eu acho que as limitações são basicamente essas, claro que eu considero o ensino presencial superior, em função dessas perdas e limitações. Quando a gente faz o ensino online, a questão da latência, a qualidade do som que chega do outro lado, tanto do professor para o aluno, quanto do aluno para o professor. No meu caso eu não senti, mas eu acho que as vezes tem muitas pessoas que a casa é muito desarrumada, a pessoa tem vergonha e não quer abrir a câmera, ou está fazendo aula no celular, as vezes nem tem o instrumento, então eu acho que ao mesmo tempo que você democratiza em termos a possibilidade do ensino porque nem todo mundo tem acesso à internet, amplia-se leque, mas existem algumas questões que ficam um pouco comprometidas, devido ao aspecto socioeconômico do país. Não sei se eu saí do tema, mas acho que deu para entender.

Mas de modo geral eu considero que a tecnologia empregada teve muito mais aspectos positivos do que negativos. Eu vi que a evasão foi grande, eu percebi isso mais nas aulas da bateria do que nas aulas teóricas de outros cursos. Mas eu também percebi isso! Tinha gente que era mais tímida, ou nunca abria a câmera, seja porque não tinha ou por outras questões, mas de modo geral eu acho que foi bem positivo, guardado os devidos apontamentos”.

Neste subcapítulo utilizamos as respostas das questões 6 (seis) e 7 (sete), que são sobre a compreensão do aluno sobre os processos vividos no Lócus de nossa pesquisa, durante o período determinado para este estudo, buscando dar voz ao nosso entrevistado, na busca de soluções futuras dentro do ensino/aprendizagem. Para Souza (2008 apud Oliveira,1993), o aluno é guiado por sua expectativa e atividade própria, construindo o seu conhecimento. Araldi (2013 p.3, apud MOREIRA, JÚNIOR e ANGELO, 2020) coloca que, além do domínio tecnológico, os professores devem buscar compreender como os estudantes de música percebem, utilizam e integram as tecnologias eletrônicas nas suas práticas musicais.

Nesse pensamento tentamos, através das entrevistas, ouvir os alunos sobre seus anseios e entendimentos sobre a utilização das TDIC, e suas respostas são que, em suas avaliações, o ensino de bateria online foi bom, e correspondeu ao esperado, mas que pode sim melhorar e que acreditam que essa melhora ocorrerá gradativamente.

Os alunos relatam não terem encontrado dificuldade com as TDIC, pois como ressalta Cota (2016), em oposição às dificuldades de manejo das tecnologias por parte dos professores, esses alunos, que estão em idade escolar, sempre conviveram com esses tipos de tecnologia.

Observando esses aspectos sobre a avaliação da utilização das TDIC por parte dos alunos, encontramos Coqueiro e Sousa (2021), que afirmam ser sim possível e viável que o processo de ensino/aprendizagem ocorra nos ambientes virtuais de aprendizagem institucionais ou por meio de aplicativos gratuitos, com interação, interatividade, esclarecimentos de dúvidas e com variedade de materiais para se trabalhar os conteúdos.

Sobre a preferência dos alunos pelo ensino presencial, Moura (2012 apud SANTOS JÚNIOR, 2017) diz que a internet veio para revolucionar a forma como vivemos, trabalhamos e aprendemos, pois os conhecimentos estão disponíveis a qualquer pessoa e a qualquer momento, mas Santos Júnior (2017) diz que é compreensivo se pensar nas TDIC como meio e possibilidade de recurso para a educação musical, mas não como substituta dos sujeitos no processo de ensino/aprendizagem e nem conteúdo musical.

Segundo o A3, alguns problemas apareceram durante as novas necessidades do ensino/aprendizagem, como por exemplo o de um pequeno espaço para postagem das atividades na plataforma oferecida pela escola, mas que foram facilmente solucionados, com a utilização de outros meios, e oferecendo aos professores apenas o link de acesso onde eles poderiam visualizar e avaliar as atividades gravadas pelos alunos, nos remetendo assim ao que respondeu

o A2, que entende que haverá uma melhoria gradativa no aspecto do ensino e materiais oferecidos para as aulas. Alguns outros problemas apontados pelos alunos talvez não sejam de tão fácil resolução, ou até mesmo não proporcionem essa opção, como no caso colocado pelo A3, referente a espaço para se ter uma bateria acústica em casa, e ainda em relação à captação desse som, o que foi resolvido por Gonh (2020), com a utilização de uma bateria eletrônica com qualidade profissional, pois o mesmo em meio ao ERE lecionava de dentro de seu apartamento. Mas observando vários fatores, como dito, nem sempre haverá esta possibilidade do aluno ou demais professores resolverem dessa forma, o que remete ao que os alunos falaram sobre a aula presencial, pois nela o CEP-EMB oferece as condições necessárias para a execução das aulas de bateria. Como diz o autor, no período pesquisado nesta dissertação, o ensino a distância passou de opção a obrigação.

4.6 Novos questionamentos

Após seguir o roteiro e concluir a entrevista com o aluno A1, lhe perguntei se mesmo não havendo cursado nenhuma matéria utilizando as TDIC, mas se por sua experiência como professor e aluno, ele entende ser importante o uso das tecnologias. Também, se compreende que teria sido proveitoso se essas tecnologias tivessem sido aplicadas nas suas aulas no CEP-EMB, mesmo antes da pandemia.

Sua resposta foi que compreende que, se as TDIC tivessem sido aplicadas em seus estudos no CEP-EMB, antes da pandemia, acredita que teria sido muito proveitoso. O mesmo entende que quanto mais recursos, melhor. Ele completa dizendo que com a utilização das tecnologias você pode fazer análises, gravações, se ouvir e entender melhor uma correção. Sendo assim, dessa forma sua evolução é palpável, visível, e se torna uma coisa mensurável.

Sobre o fato da pouca utilização das tecnologias na Educação Musical, Cota (2016) traz que está relacionado à Tecnofobia, trazido por Gohn (2007), trabalho esse também utilizado como apoio desta dissertação.

Cota (2016), por sua vez, faz uma reflexão sobre a utilização de aplicativos na Educação Musical, e segundo ele, os computadores continuam tendo sua contribuição, mas que os jovens têm como preferência a utilização dos *smartphones*, mas de toda forma conclui que os aplicativos se mostram muito úteis, assim como respondeu o A1.

Para o A3, eu perguntei sobre a sua sensação ao ter entrado no CEP-EMB no modelo de aula online, se ele fez a prova sabendo que seu curso seria online, ou se fez a prova para o ensino presencial e de certa forma foi surpreendido.

O aluno respondeu que fez a prova da escola de música sabendo que seria para estudar de forma online, então ele não teve nenhuma sensação de desapontamento nesse sentido, porque já sabia que estudaria de forma remota. Por fim, completou que fez a sua prova de forma online, gravou um vídeo e enviou. Algum tempo depois, teve a resposta de que foi aprovado.

A curiosidade em saber se de alguma forma o A3 foi surpreendido ao saber que cursaria suas aulas de maneira online, se deu após a leitura do artigo apresentado por Gohn (2020), que descreve a visão dos alunos em relação a um curso de bateria na UFSCar, onde eles responderam que “não achavam uma boa ideia” fazerem suas aulas de forma online. O autor diz que os alunos se matricularam em um curso presencial e que os mesmos jamais se comprometeram em executarem atividades totalmente a distância. Esse fato me chamou a atenção e, por sua vez, o A3 respondeu não ter sido surpreendido com as aulas online, e que já fez a seleção sabendo desse fato.

5 Considerações Finais

Como estudante, tive a oportunidade de estudar no próprio CEP-EMB, lócus desta pesquisa, e cursar a licenciatura na UnB, o que em ambos os casos me deu base, apoio para hoje, como professor, ministrar minhas aulas.

Dentro da busca bibliográfica, ficou evidente o baixo número de trabalhos sobre o ensino da bateria, e menor ainda sobre a aprendizagem do instrumento, mesmo que dentro do contexto que trouxe Nascimento (2022) observemos que há um crescente no número de IES que colocam a bateria em seus currículos. Assim como quando procuramos na internet, em sites de busca e também nas redes sociais, encontramos vários professores particulares e escolas de música oferecendo aulas de instrumento. Baseado nesses dados, pensei em contribuir de certa forma à escrita musical sobre a bateria.

É de fato uma dificuldade, a questão de termos materiais um tanto quanto escassos para aperfeiçoarmos nossos conhecimentos, e aproveitamos por muitas vezes tanto de forma pessoal quanto em tais instituições citadas, a experiência, conhecimento e trabalhos de outras áreas de estudo dentro do campo musical, e assim tentamos de forma favorável melhorar nosso trabalho. De toda forma, na jornada acadêmica, encontramos sim professores e estudantes que tentam construir uma rede de trabalhos com intuito de ajudar a educação musical pensando-se na bateria.

Como professor que ministra aulas de bateria de forma presencial, é notório ao longo dos anos o aumento no fluxo de alunos que procuram aulas ou cursos com conteúdo específicos relacionados ao aprendizado da bateria de forma online. Referente a esse assunto, Nascimento e Batista (2021) falam sobre a educação a distância ser uma modalidade de ensino que vem ganhando espaço ao longo dos anos. Em 2018, durante a escrita do meu trabalho de conclusão de curso, pude observar que tal diminuição na procura das aulas presenciais, ou por outro lado, o aumento da procura por aulas online, se atribui também à melhoria do ensino a distância, o que proporciona ao aluno estudar com grandes nomes do mercado musical, lhe oportunizando o aprendizado com músicos de suas bandas favoritas, sejam nacionais ou internacionais. Fato esse graças aos avanços da tecnologia. Julgo importante ressaltar que em relação a esse comentário, deu-se antes da pandemia e que é em relação a cursos com prévia organização e preparação de material. Entendo com minhas experiências no ensino, corroboradas com as leituras feitas, que não se torna tão fácil a utilização das ferramentas, mas que o

ensino/aprendizagem da música se tornou, em parte, uma troca ainda maior de conhecimentos entre professores e alunos, pois os professores trazem um conhecimento sobre a educação musical e em determinados momentos os alunos fazem uma devolutiva ao professor com ensinamentos sobre o domínio das TDIC.

Mas essas ferramentas fazem com que de alguma forma o usuário necessite ter condição mínima para aquisição dos aparelhos, aplicativos, pacote de internet e até mesmo seu instrumento pessoal. Assim, não entrando no mérito se a aula presencial é melhor ou pior que as aulas online, o fato é que com o avanço e a utilização das TDIC, a informação pode chegar talvez onde antes não era alcançada, mas se não houver uma estrutura física que capacite isso, da mesma forma a aula não irá ocorrer. Em minha vivência musical como estudante da bateria e também na jornada diária como professor, vejo algumas dificuldades quanto à questão de se ter o instrumento, que por sua vez é dividido em partes (tambores, ferragens, pratos, outros), o que o torna caro. Temos ainda a questão do espaço necessário para montar o instrumento, além do barulho que ele faz, necessitando um local preparado para não incomodar as demais pessoas. Tudo isso implica também na utilização das TDIC, pois como aluno encontrei, por certos momentos, dificuldade de se ter um lugar apropriado para a prática das aulas. Já como professor, além de um local adequado, é também importante a questão da captação desse som, que como disse Gohn (2020b), tem suas peculiaridades, e todos esses fatores podem influenciar no resultado das aulas.

Como experiência pessoal de aluno e também de professor de bateria, já vivenciei momentos onde alunos não tinham condições nenhuma de ter o seu instrumento, mas outro fator que chamou muito a atenção foi o fato de conhecer pessoas que tinham sua bateria, mas que por morarem em apartamento e em locais pequenos, mesmo tendo seu equipamento, não tinham a oportunidade de montá-los. Ou seja, não é apenas sobre ter ou não ter a bateria, mas sobre as condições necessárias para o aprendizado musical, e que uma instituição de ensino neste caso presencial pode oferecer ao seu aluno. É válido ressaltar que não é um apontamento sobre o que de fato é melhor ou pior, mas são argumentos que os autores trazem e que corroboram com nossa escrita, oportunizando-nos observar as diferenças entre o ensino presencial e o ensino online, com a utilização das TDIC. Mais uma ressalva é que quando falamos sobre ensino de bateria online em nosso trabalho, falamos sobre o ERE, no caso do nosso Lócus, EMT, o que insistimos em frisar ser diferente do EaD.

Com todos estes fatos e o caminho percorrido até aqui, acredito que a construção desta dissertação foi enriquecedora. Esse campo de pesquisa é vasto e abre janelas para futuras oportunidades de investigação. Aliado a esse universo de oportunidades, nos debruçamos sobre o estudo do nosso instrumento principal de trabalho, associado às inovações tecnológicas dentro do ensino/aprendizagem, sejam elas espontâneas ou obrigatórias, devido às adversidades passadas por profissionais da educação no período pandêmico. Dessa forma, muito me chamou a atenção e serviu de motivação ver que independente de dificuldades e problemas, as pessoas procuram soluções para que o sistema educacional continuasse a funcionar. Ao mesmo tempo, observando a visão do aluno, vimos através da bibliografia e de nossa pesquisa, que os estudantes continuam a buscar conhecimento. Através dos relatos das entrevistas, constataram-se problemas durante esse percurso. Gohn (2020), por exemplo, também comenta sobre a falta de tempo necessário para o planejamento após a desativação do ensino presencial, devido ao estado pandêmico. Todavia, os entrevistados A1, A2 e A3 alegaram que o processo foi benéfico.

Ao ponto que vemos as TDIC avançando dentro do sistema educacional, podemos observar a agilidade com que as decisões foram tomadas, devido às suas necessidades, modificando um sistema gerido há anos, se contrapondo a mudanças que, quiçá, aconteceriam de forma mais gradativa. Coqueiro e Sousa (2021) comentaram sobre a necessidade de uma reorganização do que chamaram de modus operante da prática docente e da interação entre professor e aluno. Gohn (2020b) fala que esse período apresentou enormes desafios. Atualmente, atuando como professor, mas ainda hoje como estudante, olho para o passado em que estive inserido até o momento, e vi que vivenciei constantes evoluções e reorganizações que aconteceram na educação dentro dessa linha de tempo, mas o fato da modificação do ensino presencial para o EMT foi realmente algo marcante no processo de ensino/aprendizagem. Acredito que não será a última mudança. Espero que não pelo motivo a que fomos drasticamente surpreendidos e submetidos, mas creio que o sistema educacional nunca deixará de evoluir, porque as pessoas e o meio onde vivemos estão em mudança constante. Sendo assim, vejo como benéfica essa transição, mesmo que hoje, pelo que responderam os alunos entrevistados, o ensino no CEP-EMB tenha voltado à nomenclatura de aula no formato presencial. Visualizamos que houveram mudanças significativas e que contribuem para uma melhor aprendizagem desses estudantes.

Outro fato marcante foi citado sobre a relação aluno e professor, na qual vimos que as TDIC ajudam muito na aprendizagem e facilitam o ensino, oportunizando aos alunos

alcançarem as aulas de forma remota, o que pode acontecer em longas distâncias, mas o professor ainda se faz peça importante nesse processo. Pude observar, com a análise dos dados e durante as entrevistas, que os alunos gostam desse contato mais pessoal com o professor, e mesmo que o ensino fosse online, as aulas, na visão dos alunos, foram mais proveitosas porque eram síncronas, e não gravadas apenas, como em outros cursos que esses entrevistados já haviam feito pela internet. Com este apontamento eu vejo a importância do princípio da individualidade, pois estando com o professor em uma sala, seja presencial ou virtual, esse aluno teve a oportunidade de relatar suas dúvidas pessoais e assim obter a atenção do seu professor de forma a sanar suas necessidades para um melhor aprendizado.

Este trabalho foi pautado na visão do aluno para tentarmos ouvir o que eles poderiam dizer sobre a utilização das TDIC em uma aula de bateria. Se pensarmos no processo de ensino, podemos, em um outro momento, buscar entender porque as TDIC não eram utilizadas anteriormente dentro deste processo de ensino, pois pelo que responderam os alunos entrevistados, a utilização das tecnologias dentro das suas aulas de bateria, foram de certa forma proveitosas e ajudaram em seu processo de aprendizagem. Dentro das teorias da aprendizagem, Souza (2008) comenta que esta ocorre através de vários estímulos e respostas. Ou seja, ocorre através da mudança de comportamento. Segundo esse pensamento, observamos o que os entrevistados falaram quando citaram as mudanças nas suas aulas e a necessidade de adaptação, e assim apontaram mudanças benéficas na estrutura física do CEP-EMB, mas também dificuldades quanto a problemas para os alunos terem os seus instrumentos em casa, ou em outros casos, o fato de não ter o espaço ou condições apropriadas para se montar sua bateria e fazer a aula. Essa questão foi não somente em relação aos alunos, mas também com os professores, como vimos na resposta do A3, na questão de número 6 (seis), onde, segundo ele, seu professor teve de mudar de residência para, no semestre subsequente, poder montar sua bateria na sala de casa e assim ministrar suas aulas remotas e atender seus alunos. Outro caso foi o que vimos no relato de Gohn (2020b) em seu depoimento dentro de seu artigo acadêmico, que colocou que morava em apartamento e não tinha como colocar uma bateria acústica, e optou por uma bateria eletrônica, mas como descreveu, custava um valor alto e seus alunos não tinham condições de obter um instrumento similar.

Com essas declarações, vemos a dificuldade em se gerar um ambiente favorável para a aprendizagem da bateria, seja em termos financeiros ou em questões físicas como espaço ou a acústica, pois é um instrumento de produção sonora considerável, o que pode gerar um

transtorno com a vizinhança e com os demais moradores da própria casa do estudante. Lembro que quando comecei a estudar bateria, só podia tocar quando meu pai não estava em casa, pois ele se incomodava com o barulho, o que gerava um fato interessante, pois ele era quem pagava minhas aulas de bateria, e era meu maior incentivador para estudar música. Pensando nessas dificuldades, podemos futuramente buscar uma nova pesquisa para observar essas mazelas relatadas, e observar a questão da estrutura, pois o que Gohn (2020b) diz, vai ao encontro das respostas obtidas com nossas entrevistas, onde observamos que o professor se fez capaz de oferecer um ambiente “favorável” para ministrar suas aulas, mas se o aluno não tem esse ambiente, como fazer? A aula de instrumento não é prática? Se ele não tem o instrumento, como praticar? Na internet vemos algumas pessoas montando baterias com latas, baldes, ferros e muitas sucatas, mas qual é a condição real necessária para obtenção da aprendizagem? Essas são perguntas que surgem ao final desta escrita e que nos motivam a dar continuidade às pesquisas dentro da área musical, mais especificamente da bateria.

Este trabalho teve como pilares a aprendizagem da bateria, de certa forma também o ensino do instrumento, e tudo isso a partir da observação através da utilização das TDIC. Trouxemos diálogos sobre a aprendizagem na visão dos alunos entrevistados e sobre o ensino, tivemos uma noção de como se deu dentro do período proposto por análise. O fato de termos sido surpreendidos e forçados a uma mudança rápida e que todos esperavam que fosse efetiva em seus resultados foi a motivação para confecção desta dissertação, mas se era algo inesperado, como poderíamos criar estratégias e como avaliar resultados? Com esse pensamento tentei ir na contramão do processo. Ao ouvir os alunos, pretendi gerar conteúdo para auxiliar os professores em atividades futuras, tentando entender o que os alunos acharam de positivo e de negativo neste período. Alguns resultados foram obtidos e, dentro do esperado, podemos dizer que o aluno de música quer música. Esse é um ponto que parece simples ou básico demais a ser discutido, mas que o fechamento das escolas e a proibição das aulas presenciais mostrou que é preciso pensar sim que uma aula de música precisa ter música, e proporcionar essa música as vezes pode ser complexo, mas precisamos.

O terceiro pilar de que falei, foi o da utilização das TDIC, no caso deste trabalho, nas aulas de bateria no CEP-EMB. Dentro das literaturas é fácil observarmos a evolução das tecnologias no âmbito musical, pois em poucos anos de diferença vemos uma mudança entre as TDIC estudadas. Se pensarmos somente nas formas de reprodução de áudio, podemos destacar várias mudanças relacionadas às formas de gravação e reprodução. Com isso, podemos

entender que estas TDIC não vão parar de surgir e serem adaptadas ou melhoradas. O que ficará de resultado é se iremos inclui-las ou não nas nossas aulas de música. Podemos pensar também em proporções, ou seja, se serão utilizadas em maior ou em menor número, seja pensando-se em tempo de duração, ou em quantidade de ferramentas durante essas aulas. Os resultados mostraram uma boa utilização, com pontos a serem melhorados, mas com a perspectiva de uma evolução no intuito de auxiliar o ensino/aprendizagem. Como ponto positivo destaco que os alunos apoiam e incentivam que os professores utilizem as tecnologias como auxílio, e mesmo que alguns professores ainda sofram com a utilização de tecnologias em suas aulas, o que Gohn (2007) chamou de “Tecnofobia”, hoje por serem mais constantes dentro das aulas e do cotidiano humano, vejo que possivelmente tornou-se um medo a ser vencido, pois utilizar as tecnologias, antes pudesse ser uma opção, atualmente é uma realidade

Não há como pesar em uma balança o peso dos benefícios contra o dos malefícios das mudanças entre o processo de ensino/aprendizagem na forma presencial e na forma em que se praticou o EMT no CEP-EMB. Com o tempo passado até hoje, os variados tipos de pesquisa produzidas neste período e pós-período, podemos desfrutar de um maior aporte teórico para embasar nossas ações educacionais, respeitando os apontamentos feitos pelos alunos entrevistados que contribuíram com essa pesquisa. Poderíamos pensar que foi um período destrutivo, ou infrutífero quando pensamos nos resultados de aprendizagem, mas após as entrevistas, observamos que os alunos concluíram que não foi bem assim e que muito se deu pelo esforço dos professores. Foram apresentadas fagulhas de uma chama benéfica, que resultou em pontos positivos, apontados por esses estudantes. Quanto ao futuro, não sabemos o que acontecerá, mas podemos apontar para um lado onde a TDIC estará presente nestes processos de ensino/aprendizagem, e mesmo que os alunos julguem necessário estar presente fisicamente com um professor, ainda assim as tecnologias podem contribuir com esse momento. Essas mudanças podem ainda acrescentar novos momentos, novas oportunidades, novos resultados, agregando ao que antes já era feito. Contudo, respeitando o que vivemos e aprendemos com essas mudanças, vislumbrando algo sempre melhor para alunos e professores, assim como para toda estrutura educacional.

A pesquisa sempre se fará necessária na busca de conhecimentos específicos, sendo assim, esta dissertação necessitará ser finalizada, mas não concluída, pois acreditamos que surgirão novos apontamentos e possibilidades que gerarão novos temas a serem pesquisados, mas é uma pequena contribuição à linha de pesquisa em Educação Musical, na esperança de

uma motivação pessoal e a outros, para que possamos aumentar o número de trabalhos sobre o tema.

Referências

Primárias

Barsaline, Leandro. “As Sínteses de Edison Machado: Um estudo sobre o desenvolvimento de padrões de samba na bateria”. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, 2009.

Coqueiro, Naiara Porto da Silva; e Sousa, Erivan Coqueiro. “A Educação a Distância (EAD) e o Ensino Remoto Emergencial (ERE) em Tempos de Pandemia da Covid 19”. Artigo/Periódicos apresentado no Brazilian Journal of Development, Curitiba, v.7, n.7, p. 66061-66075 jul. 2021.

Cota, Denis Martino. “Aplicativos Musicais: Uma reflexão na educação musical”. Dissertação de Mestrado, UNIRIO, Universidade do Rio de Janeiro, 2016.

Duarte, Alex; e Marins, Paulo Roberto Affonso. “Um Estudo Sobre a Utilização de Aplicativos para Tablets e Smartphones no Ensino da Música”. Artigo/Periódico apresentado no XXII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, Educação musical: Formação humana, ética e produção de conhecimento, 05 a 09 de outubro de 2015, Natal, RN.

Ficheman, Irene Karaguilla; Lipas, Ricardo Augusto; e Krüger, Susana Ester. “Editor Musical: Uma aplicação para a aprendizagem de música apoiada por meios eletrônicos interativos”. Artigo/Periódicos apresentado no XIV Simpósio Brasileiro de Informática na Educação – NCE – IM/UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

Fontelles, Mauro José; Simões, Marilda Garcia; Farias, Samantha Hasegawa; e Fontelles, Renata Garcia Simões. “Metodologia da Pesquisa Científica: Diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa”. Artigo/Periódico realizado no Núcleo de Bioestatística Aplicado à pesquisa da Universidade da Amazônia – UNAMA, 2009.

Glaser, Scheilla Regina; e Fonterrada, Marisa Trench de Oliveira. “Criatividade e Submissão na Aula de Música: Uma compreensão segundo Winnicott”. Artigo/Periódico apresentado em Pesquisa e Debate, ano III, n.05, jul-dez 2006, p. 97-102, Universidade São Marcos, São Paulo, SP.

Gonh, Daniel Marcondes. “Auto-Aprendizagem Musical: Alternativas tecnológicas”. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, 2002.

_____. “Tecnofobia na música e na educação: origens e justificativas”. *Opus*, Goiânia, p. 161 - 174, v.13. n. 2, 2007.

_____. “Educação Musical a Distância: Propostas para ensino e aprendizagem de percussão”. Tese Doutorado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2009.

_____. “Tendências na Educação Musical à Distância: Os softwares on-line de música”. *Opus*. Goiânia, v. 16, n. 1, p. 113-126, jun. 2010a.

_____. “Introdução aos Recursos Tecnológicos Musicais”. Anais do XXI Congresso da ANPPOM. Uberlândia, 2011: 346-351.

_____. “Aplicativos para Aprendizagem de Bateria: O caminho do controle sonoro”. *Música em Contexto*. Brasília, nº. 1, p. 53-71, 2016.

_____. “Desafios do Ensino Online de Percussão”. Anais do I congresso brasileiro de percussão. UNICAMP, Campinas, SP, 2017: 177-184.

_____. “A Realidade das Redes Sociais: Uma discussão acerca da educação musical nas comunicações virtuais”. *Revista da ABEM*, v.28, p. 81-93, 2020a.

_____. “Aulas Online de Instrumentos Musicais: Novo paradigma em tempos de pandemia”. Artigo/Periódico apresentado na Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, SP, 2020b.

Júnior, Josue Berto dos Santos. “A Utilização das TIC no Planejamento da Aula de Música dos Egressos do Curso de Licenciatura em Música a Distância da UnB”. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, 2017.

Kubo, Olga Mitsue; e Botomé, Silvio Paulo. “Ensino-Aprendizagem: Uma interação entre dois processos comportamentais”. Artigo/Periódico apresentado ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2001.

Lessa, Lizzie Maldonado. “Aspectos Motivacionais da Aprendizagem Musical dos Integrantes da Bateria do Bloco de Carnaval Sargento Pimenta por Meio do Método o Passo: Um estudo com base na teoria do fluxo”. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná, 2015.

MAM Silva, Marcos Antônio Monte. “Bateria em Pernambuco: O processo formativo de uma geração inovadora”. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, 2019.

Marins, Paulo Roberto Affonso. “Licenciatura em música a distância: O uso das TDIC como objeto”. Revista da Abem, v. 30, n. 1, e30106, 2022.

Medeiros, Jhonata Pereira. “O Ensino do Contrabaixo Elétrico por Meio de Aulas Centradas no Aluno: Uma análise com alunos do curso de licenciatura em música da UnB”. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, 2020.

Moreira, Ana Lúcia Iara Gaborim; Júnior, Antonio Deusany de Carvalho; e Angelo, Jackes Douglas Nunes. Atena. Ponta Grossa, Paraná, 2020: 27-43

Nascimento, Davi do Carmo. “Ensino de Bateria em Nível Superior no Brasil: Mapeamento e análise das ementas e conteúdos programáticos das disciplinas”. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade de Brasília, 2022.

Nascimento, Kadja Marluan da Silva do; e Batista, Nágila Lemos. “Ensino de Música na Educação Básica em Tempos de Pandemia: Um relato de experiência”. Artigo/Periódico

apresentado no XXV Congresso Nacional da ABEM. A Educação Musical Brasileira e a Construção de um Outro Mundo: Proposições e ações a partir dos 30 anos de lutas, conquistas e problematizações da ABEM. 2021.

Pereira, Marcus Vinícius Medeiros. “Fundamentos Teórico-Metodológicos da Pesquisa em Educação: O ensino superior em música como objeto”. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 22, n. 40, p. 221-233, jul./dez. 2013.

Sousa, Magno Altieri Chaves de. “As Publicações Sobre o Ensino à Distância do Instrumento Bateria: Uma revisão nos anais dos congressos nacionais da ABEM (2010-2019)”. Anais do 6º Nas Nuvens, Congresso de Música. Universidade Federal de Minas Gerais, 2020.

Souza, Henry Raphaely de. “Aula de Bateria e a Abordagem da Educação Musical”. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, 2008.

Traldi, Cesar Adriano; e Ferreira, Thiago de Souza. “O Instrumento Bateria”. DA Pesquisa, v.10, n.14, p. 163-172, 2015.

Secundárias

Alves, Maurício. “O Ensino Instrumental: uma reflexão sobre as práticas de ensino de bateria na cidade de Florianópolis”. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

Alves, Lucianeia. “Educação a Distância: Conceitos e história no Brasil e no mundo”. Associação Brasileira de Educação a Distância, vol. 10, 2011.

Amâncio, Adriel Correia. “Ensino de Música à Distância: Observação de aulas de bateria online, utilizando o guia da Online Learning Consortium. Universidade de Brasília, 2018.

Andrade, M. M. “Introdução à Metodologia do Trabalho Científico: Elaboração de trabalhos na graduação. Atlas, São Paulo, SP, 2010.

Cangany, Harry. “A Evolução dos “Sets” de Bateria”. *Revista Modern Drummer Brasil*, n. 1, p. 31-37. Junho, 1996.

Beltrame, Jucilene Araldi. “Transformações Tecnológicas e Mudanças na Aprendizagem Musical: Um estudo sobre redes sociais na aprendizagem *online*”. In: SIMPOSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA (SIMPOM), 2014.

Galizia, Fernando Stanzione. “Educação Musical nas Escolas de Ensino Fundamental e Médio: Considerando as vivências musicais dos alunos e as tecnologias digitais. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 21, 76-83, mar. 2009.

GIL, Antonio Carlos. “**Métodos e Técnicas de pesquisa social**” . 6ª ed. São Paulo: Atlas 2008.

Gohn, Daniel Marcondes. “Um Breve Olhar Sobre as Comunidades Virtuais de Música. *Revista da Abem*, n. 19, p. 113-119, mar. 2008.

Jesus, Elieser Ademir de; Uriarte, Mônica Zewe; e Raabe, André Luís Alice. “Zorelha: Utilizando a tecnologia para auxiliar o desenvolvimento da percepção musical infantil através de uma abordagem construtivista. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 20, 69-78, set. 2008.

Kruger, Susana Ester. “Educação Musical Apoiada pelas Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC): Pesquisas, práticas e formação de docentes. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 14, 75-89, mar. 2006.

Luft, Celso Pedro. “Mini Dicionário Luft”. 18. ed. São Paulo: Ática 1999.

Maley, Marshall. “Drumset Fundamentals”. In: Percussive Arts Society International Convention, 2000, Dallas, USA.

Pereira, Sarita Araújo. “Ensino Musical para Surdos: Um estudo de caso com a utilização de tecnologia”. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA SIMPOM, Rio de Janeiro, Anais. 2014, p. 445 - 452.

Prodanov, Cleber Cristiano e Freitas, Ernani Cesar de. “Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico”. Universidade FEEVALE, Novo Hamburgo do Sul, 2ª edição, 2013.

Santos, André de Melo. “Desenvolvendo um Aplicativo para a Prática da Leitura Rítmica. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA SIMPOM, Rio de Janeiro, *Anais...*2014, p. 212-220.

Silva, Thiago Alex Nascimento; e Campos, Pamella Castro Rodrigues. “O Ensino de Música Online: o uso da videoaula como ferramenta na educação musical”. In: Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, XXIV. 2019, Campo Grande. **Anais**. Campo Grande: ABEM, 2019. p. 1-12.

Souza, Elmara Pereira de Souza. “Educação em Tempos de Pandemia: Desafios e possibilidades. Caderno de Ciências Sociais Aplicadas, ano XVII, vol. 17, nº 30, 2020.

Weber, Fátima Rosas. “O Uso de Tecnologias Digitais no Desenvolvimento de Competências Tecnológico - Musicais para a Educação. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA SIMPOM, Rio de Janeiro, Anais. 2012, p. 374 - 383.

Anexo A – Objetivos CEP-EMB

5. OBJETIVOS

Na perspectiva dos Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Profissional de Nível Técnico para a Área de Artes – RCNEPTNM, o ensino da música deverá permitir ao estudante não apenas especializar-se na execução de instrumentos musicais, mas, também, levá-lo à compreensão de que “a música é muito mais que um acompanhamento”. Ela, só para citar um exemplo, em conjunto com a iluminação, o cenário e os figurinos, integra e contribui para a evolução de diversas produções artísticas tais como espetáculos circenses, operísticos, dramático/teatrais, coreográficos e peças cinematográficas. Além de, ela por si só, já é o próprio espetáculo, a atração por ela mesmo, a exemplo: como os Concertos Sinfônicos, Recitais Camerísticos e Recitais Solo e Shows.

Portanto, na visão ampliada de profissionalização introduzida pelos citados Referenciais Curriculares, as escolas de educação profissional, da Área de Artes, devem reconhecer a relação do mundo do trabalho com a arte e oferecer aos futuros “profissionais-artistas” uma formação que vise contribuir para construir em seus educandos a compreensão da necessidade de adquirirem uma excelente bagagem cultural e para a sensibilizá-los quanto ao ambiente em que eles vão atuar. Além disso, as escolas têm, também, “a responsabilidade de oferecer uma formação que permita ao indivíduo desenvolver plenamente todas as suas potencialidades e transitar entre as diferentes propostas artístico-profissionais” (RCNEPTNM, p. 15).

Nesta ótica está implícita, ao contrário do que se argumenta, a ideia de que a escola é o espaço para despertar/preparar artistas. É onde ele irá obter o necessário aperfeiçoamento, adquirir conhecimentos que o ajudarão a melhor lidar com as inovações, as novas propostas e técnicas e ter contato com as novas tecnologias, seus conceitos e aplicações que hoje permeiam todos os campos do saber e do fazer. Conhecimentos esses sem os quais o artista se distancia irremediavelmente do seu espaço de atuação profissional.

Tendo em vista isso, a oferta de Cursos da Educação Profissional Técnica de Nível Médio no CEP-EMB tem os seguintes objetivos:

5.1 Objetivo Geral

- Oferecer aos futuros “profissionais-artistas” uma formação que vise contribuir para construir em seus educandos a compreensão da necessidade de adquirirem uma excelente bagagem cultural e para sensibilizá-los quanto ao ambiente em que eles vão atuar.
- Formar estudantes atuantes, capacitando profissionais qualificados para expandir o trabalho musical em suas várias vertentes, pautando-se, por um lado, nas demandas do trabalho do músico e, por outro, na formação de valores que contribuam para uma sociedade mais justa;
- Formar cidadãos músicos, isto é, profissionais conscientes de sua responsabilidade na qualidade de artistas, capazes de exercer sua profissão no mundo do trabalho e com condições para dar prosseguimento a seus estudos em nível de graduação;

5.2 Objetivos Específicos

- Formar e certificar técnicos de nível médio nas áreas de atuação institucional, capazes de atender as necessidades sociais e as demandas do mundo de trabalho, local, regional, nacional e internacional;
- Formar e certificar para o exercício profissional na área técnica.
- Qualificar e requalificar jovens e trabalhadores, para atuarem nos níveis intermediários do processo de produção nas áreas de atuação do CEP-EMB;
- Abordar o ensino profissional e humanista, mantendo o foco no estudante e na prática musical, integrando componentes curriculares, valorizando, em todos os momentos do curso, a qualidade musical do material ensinado e estimulando a criatividade e o empenho nos estudos com vistas à plena satisfação no fazer musical;
- Preparar os estudantes para ser agentes da difusão da arte musical e para atuar com valores éticos e morais pertinentes nas suas relações interpessoais;
- Capacitar os estudantes para atividades ligadas à produção cultural e à organização de eventos;
- Prover formação aos estudantes do CEP-EMB dentro de padrões de excelência profissional, oferecendo-lhes oportunidades de participação em grupos de formações diversas (orquestras, bandas, coros, quintetos, quartetos, trios, duos, etc.) e em festivais (locais, nacionais e internacionais);

- Formar pessoas com conhecimentos consistentes de modo que saibam onde buscar os recursos teórico-práticos necessários ao seu aperfeiçoamento e aprimoramento nas técnicas do universo da música.

Anexo B – Currículo Qualificação Profissional CEP-EMB

FORMAÇÃO INICIAL CONTINUADA EM INSTRUMENTO MUSICAL – BATERIA

EIXOS	Módulo I		Módulo II		Módulo III	
Instrumento e Estilos	Bateria B1 1h/a	Bateria B2 1h/a	Bateria B3 1h/a	Bateria B4 1h/a	Bateria B5 2h/a	Bateria B6 2h/a
						Prática de Leitura Aplicada ao Instrumento - Básico 1 h/a
Teoria Aplicada	Teoria Aplicada e Solfejo 1 2h/a	Teoria Aplicada e Solfejo 2 2h/a	Teoria Aplicada e Solfejo 3 2h/a	Teoria Aplicada e Solfejo 4 2h/a		
	Oficina Rítmica 1 2h/a					
Performance	Rudimentos - Básico 1 1/a		Rudimentos - Básico 2 1/a	Prática de Conjunto - Básico 2h/a	Prática de Conjunto - Básico 2h/a	Prática de Conjunto - Básico 2h/a
Atividades Complementares						
CH Semanal	6h/a	3h/a	4h/a	5h/a	4h/a	5h/a
CH Semestral	120h/a	60/a	80h/a	100h/a	80h/a	100h/a
CH Anual	180h/a		180h/a		180h/a	

Anexo C – Currículo Técnico em Bateria CEP-EMB



Governo do Distrito Federal
Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal
Subsecretaria de Educação Básica
Coordenação Regional de Ensino do Plano Piloto e Cruzeiro
Centro de Educação Profissional - Escola de Música de Brasília



16.4 Curso Técnico de Nível Médio de Técnico em Instrumento Musical - Bateria

Instituição Educacional: Centro de Educação Profissional Escola De Música De Brasília Eixo Tecnológico: Produção Cultural e Design Curso: Técnico em Instrumento Musical – Bateria Modalidade: Educação Profissional Técnica de Nível Médio – Presencial Regime: Modular / Semestral Turnos: Matutino, Vespertino e Noturno				
Módulo	Eixos Temáticos	Componentes Curriculares	Pré-req.	C. Horária
I	Instrumento e Estilos	1. Instrumento Específico Bateria Técnico 1	-	40h
		2. Rudimento 1	-	40h
		3. Análise de Estilo 1	-	40h
	Teoria Aplicada Performance	4. Percepção/Teoria/Transcrição e Solfejo 1	-	40h
		5. Prática de Conjunto Técnico 1	-	40h
Carga horária total do Módulo I				200h
II	Instrumento e Estilos	6. Instrumento Específico Bateria Técnico 2	1	40h
		7. Prática de Leitura Aplicada ao Instrumento 1	-	40h
		8. Análise de Estilo 2	3	40h
	Teoria Aplicada Performance	9. Percepção/Teoria/Transcrição e Solfejo 2	4	40h
		10. Prática de Conjunto Técnico 2	5	40h
Carga horária total do Módulo II				200h
III	Instrumento e Estilos	11. Instrumento Específico Bateria Técnico 3	6	40h
		12. Rudimento 2	2	40h
	Teoria Aplicada Performance	13. Harmonia das Funções Tonais 1	9	40h
		14. Prática de Conjunto Técnico 3	10	40h
		15. Performance Musical 1	10	40h
Carga horária total do Módulo III				200h
IV	Instrumento e Estilos	16. Instrumento Específico Bateria Técnico 4	11	40h
		17. Prática de Leitura Aplicada ao Instrumento 2	7	40h
	Teoria Aplicada Performance	18. Harmonia das Funções Tonais 2	13	40h
		19. Prática de Conjunto Técnico 4	14	40h
		20. Performance Musical 2	15	40h
Carga horária total do Módulo IV				200h
Carga Horária Total do Curso				800h
Horário de Funcionamento: Matutino, Vespertino e Noturno, de segunda-feira a sexta-feira.			Hora/aula: duração 55min.	

Anexo D – Roteiro de Entrevista

Esta entrevista é sobre a utilização das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), nas aulas de bateria do Centro de Educação Profissional Escola de Música de Brasília (CEP-EMB) e contamos com você para buscar compreender a visão do aluno no que concerne o uso das TDIC no ensino de bateria.

- 1- Como eram as aulas de bateria no CEP-EMB antes da pandemia de COVID-19? Neste período era utilizado algum tipo de TDIC durante as aulas? Se sim, quais e como eram utilizadas?
- 2- Durante a pandemia, quais TDIC foram utilizadas e como?
- 3- Em quais aspectos do ensino da bateria as TDIC lhe auxiliaram e de que forma?
- 4- Sobre a utilização das TDIC utilizadas na EMB durante as aulas remotas, você acredita que foram importantes e efetivas? Como você avalia esse processo? Quais foram os limites e as possibilidades?
- 5- Como ocorrem as aulas de bateria no CEP-EMB hoje? (Ambiente, estrutura, ensino, outros). Após o retorno das aulas presenciais, ainda é utilizado algum tipo de tecnologia durante as aulas? Se sim, quais são eles? Se não, quais TDIC poderiam ser utilizadas e como?
- 6- Qual é a sua opinião sobre a utilização das TDIC no ensino de bateria?
- 7- Deixe seu depoimento e avalie sua experiência sobre a utilização dos recursos de aulas remotas e as TDIC que a EMB utiliza. Destaque aspectos positivos e negativos.

Anexo E – Termo de Consentimento

TERMO DE CONSETIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
PARA OS ALUNOS ENTREVISTADOS
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)
PROGRAMA PROFARTES (Música)

Brasília, 17 de Janeiro de 2023.

Prezado Aluno (a)

Eu, Adriel Correia Amâncio, mestrando em Música na Universidade de Brasília, orientado pelo Prof. Dr. Paulo Roberto Affons Marins, venho através deste, convida-lo (a) para participar de uma pesquisa qualitativa, tendo como objetivo buscar compreender a visão do aluno no que concerne o uso das TDIC no ensino de bateria online, ou mais especificamente no ensino mediado por tecnologias, que ocorreu no CEP-EMB, durante a suspensão das aulas presenciais devido a pandemia no início de 2020.

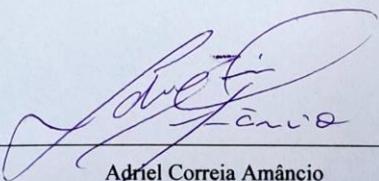
Gostaria de realizar a pesquisa de campo, com alunos de música que estudaram no CEP-EMB durante o período da pandemia. A pesquisa ocorrerá por meio de entrevista com você, que será realizada através do WhatsApp, aplicativo de chamadas telefônicas e mensagens de áudio e vídeo.

As respostas serão colocadas no corpo da dissertação, mas seus dados serão preservados, não sendo mencionado seu nome real, respeitando sua privacidade. Os dados serão utilizados para fins científicos e acadêmicos, e não oferecerá nenhum prejuízo ou danos aos seus integrantes.

Deixo como ressalva que os dados não são para avaliar a instituição de ensino e nem tão pouco os professores e profissionais que nela trabalham, mas servirá apenas para avaliação das mudanças dentro do processo de ensino no período onde o ensino se tornou mediado por tecnologia.

Assim, solicito a concordância para desenvolver essa atividade assinando o termo de consentimento e me coloco à disposição para os devidos esclarecimentos que for necessário.

Obrigado.



Adriel Correia Amâncio
Mestrando em Música – UnB